

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

A relação entre a atividade de coleta de lixo domiciliar de Belo Horizonte e o alcoolismo nos coletores: um estudo de caso.

Edmar Pires Murta

**UFMG/BELO HORIZONTE
2007**

EDMAR PIRES MURTA

A relação entre a atividade de coleta de lixo domiciliar de Belo Horizonte e o alcoolismo nos coletores: um estudo de caso.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Minas Gerais, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Psicologia Social.

Orientadora. Prof^a Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima.
Co-orientador: Prof^o Dr. Francisco de Paula Antunes Lima.

UFMG/BELO HORIZONTE
2007

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima

Profº Dr. Francisco de Paula Antunes Lima

Profª Dra. Regina de Paula Medeiros

Profº Dr. José Newton Garcia de Araújo

Belo Horizonte, 10 de Setembro de 2007.

AGRADECIMENTOS

O que dizer àqueles que estiveram, e estão, comigo nesta jornada? Por onde começar?

Começo pela origem.

Quero agradecer a meu pai. A quem aprendi a amar e respeitar. Ele foi quem me ensinou à sua maneira, conforme deu conta, como não lidar com o álcool.

Agradeço à minha mãe. Ali, sempre junto, amorosa, mostrando aos filhos com as mãos e a sensibilidade de artista, como tirar o pão de flores de plástico.

Ao meu irmão “Doca” eu agradeço, pelo que passamos juntos e pela lição de vida diária de quem enfrenta a adversidade com um sorriso largo, sempre me ensinando o valor de poder andar.

À “Fuquinha” minha querida irmã e aos que estão com ela. Ao Ricardo com quem aprendo tanto e minhas queridas sobrinhas.

Ao “Pituca” meu irmão e à Luciméia, “a mais nova”, que está crescendo...

De uma família a outra,

Minha querida esposa Joana D’arc. A Companheira que me dá um pouco mais de sentido na vida. Para quem posso tentar dizer: *“eu te amo”*, mas a palavra não diz.

Obrigado por suportar a minha ausência; e mais ainda, por suportar a minha presença, estressado por essa jornada.

Com meu filho Artur, eu quero apenas brincar. Porque criança tem que brincar!

Da família aos amigos.

Começo pelo Marcelo, atualmente, o mais “chato” deles. Juntou-se ao leber. Agora são dois, “chateando” a minha alma.

Vanessa obrigado pelo apoio e pelo afeto. Assim, mais que ensinar, você muda as “Histórias de Vidas”.

Carlos Eduardo, Saulo, Alessandro valeram suas leituras e nossas discussões.

Patrícia Queiroz, obrigado pela ajuda na pesquisa.

No trabalho (e em trabalho) a Georgina que explica, explica, explica...

Você foi muito importante na hora de discutir o texto, montar, desmontar, fazer, refazer...

Obrigado pela paciência.

As pupilas Clayse e Regina, sempre tão prestativas e que me ajudaram tanto.

A Denise que também contribuiu para que esse trabalho saísse.

Do trabalho à escola,

Beth, sempre envolvida pelo e com o Trabalho. Obrigado pela generosidade e paciência, mas principalmente, obrigado pelo dia que conseguimos rir juntos.

Chico Filósofo com jeito de Engenheiro. Obrigado pela forma bem humorada de ensinar com jeito de quem passa bem pela vida.

Regina, obrigado por sentar comigo nessa “pedra”, você quem me mostrou o caminho.

José Newton, você tem razão: “as dificuldades são as passageiras”.

Obrigado a você Beth, que no meio de tanto trabalho nesta secretaria, ainda encontra tempo para ser um pouco essa mãe acolhedora.

Alessandro da pós valeu a ajuda!

Terezinha valeu pela limpeza da “cela” 4006.

Aos trabalhadores dessa pesquisa,

Obrigado por terem me dito o que eu dei conta de ouvir.

Por terem me permitido ouvir um pouco da vida de vocês e aprender um pouco mais da luta de quem tenta mudar.

Obrigado, meu Deus,

Pois o dia amanheceu,

E a hora “se fez clara”.

“Hoje, se eu tiver que tomar alguma coisa,
Que seja cuidado!”

Gari I (que não fez parte desta pesquisa)

“Cada um tem o seu “fundo de poço”, o meu é esse”.

Carlos

“Quando a gente bebe, às vezes, a gente acredita que é o super
homem. O problema é que quando sai o super, sobra o homem”.

Gari III (que não fez parte dessa pesquisa)

MURTA, Edmar Pires. *A relação entre a atividade de coleta de lixo domiciliar em Belo Horizonte e o alcoolismo nos coletores: um estudo de casos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RESUMO

O objetivo desta investigação constituiu em verificar as possíveis relações entre a atividade de coleta de lixo domiciliar em Belo Horizonte e o desenvolvimento e/ou agravamento de quadros de alcoolismo entre os coletores. Buscamos apreender, sobretudo, os mediadores que explicam como se dá a passagem entre o uso do álcool para enfrentamento de determinadas condições de trabalho e vida até se constituírem em quadros clínicos. O estudo foi dividido em duas etapas observações de campo de cunho ergonômico; entrevistas em profundidade para realização de estudo de casos individuais. Concluímos que a atividade de coleta de lixo domiciliar de Belo Horizonte, devido a sua forma de organização e condições, se constitui em um fator importante no desenvolvimento do alcoolismo nessa categoria.

Palavras-Chaves: alcoolismo, coleta de lixo domiciliar, mediação, trabalho.

MURTA, Edmar Pires. *The relation between the activite of garbage collection in Belo Horizonte and the alcoolismo nos coletores: um estudo de casos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ABSTRACT

The objective of this investigation was to verify the possible relationship between the activity of residence garbage collection in Belo Horizonte and the development and/or worthiness of the alcoholism condition among the garbage collectors. We tried to learn more about that after all, the mediators with explain how occurs the pass between the alcohol use with make them able of living some determinate conditions at work or life, and until those become Clinical pictures. The study was divided in two parts: field, observation in an ergonomic way; thru deep interviews using information in order to realize individual studies of cases. We concluded that the activity of residence garbage collection, in Belo Horizonte, because the way it works and its organizational form and condition, makes itself an important factor of alcoholism developing in this category.

Key Words: Alcoholism, trash collection, mediation and work.

SUMÁRIO

CAPITULO I:

1.1 - A origem da pesquisa	11
1.1.1 - A <i>Chefia</i>	12
1.1.2 – A <i>Psicologia</i>	13
1.1.3 - A <i>Medicina do Trabalho</i>	13
1.1.4 – A <i>segurança do trabalho</i>	13
1.1.5 – O <i>Serviço Social</i>	14
1.1.6 – O <i>Servidor</i>	14
1.1.7 – O <i>funcionamento do P.P.A.A</i>	15
1.1.8 - A <i>entrada no programa</i>	15
1.1.9 – O <i>grupo de prevenção à recaída de álcool</i>	16
1.1.10 – O <i>funcionamento do grupo</i>	17

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2. 1– A escolha da atividade de gari III como objeto de estudo.....	19
2.2 – A <i>escolha dos sujeitos da pesquisa</i>	19
2.3 – Sobre a questão metodológica.....	21

CAPÍTULO III

OS ESTUDOS DE CASOS INDIVIDUAIS.....	27
Caso 1: A história de “Vitor”	28
Caso 2: A história de “Carlos”	64

CAPÍTULO IV

A RELAÇÃO ENTRE O TRABALHO, O USO DE ÁLCOOL E SUAS MEDIações.....	92
4.1 – Para lidar com situações de retrabalho.....	93
4.2 – Para lidar com o ritmo de trabalho.....	94
4.3 – Para lidar com o sentimento de vergonha.....	94
4.4 – Como fuga da realidade.....	96
4.5 - Para lidar com as condições climáticas.....	96

4.6 – Para enfrentar o estigma social.....	97
4.7 – Para suportar o mau cheiro.....	98
4.8 – Para “abrir o apetite”.....	99
4.9 – Para enfrentar a timidez.....	99
4.10 – Para lidar com a tensão.....	99

CAPÍTULO V

AS PRINCIPAIS TESES SOBRE ALCOOLISMO.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
ANEXOS.....	119

CAPITULO I

1.1 - A origem da pesquisa

Em 1995, o autor desta dissertação começou a trabalhar na SLU¹. Essa Autarquia municipal contava com um efetivo de 2318 servidores e, naquela época, uma das preocupações da direção da Autarquia era o alcoolismo entre os trabalhadores da limpeza urbana.

A partir dessa preocupação, a superintendente determinou que fossem tomadas algumas medidas no sentido de minimizar o problema.

Embora não se tivesse nenhum dado estatístico sobre o alcoolismo nessa categoria de trabalhadores, a primeira medida tomada, partiu da psicologia, um setor recém criado que fazia parte da DV-SMT². Essa divisão contava com uma equipe multidisciplinar que tinha em seu quadro de servidores: um psicólogo, quatro estagiárias de psicologia, quatro médicos, nove assistentes sociais, uma estagiária em serviço social, dois auxiliares de enfermagem do trabalho, nove técnicos em segurança do trabalho, uma engenheira em segurança do trabalho.

O psicólogo e as estagiárias começaram a ministrar palestras sobre alcoolismo para todos os servidores, principalmente os do nível operacional, onde se acreditava que o problema era mais grave.

Essas palestras foram extremamente importantes, pois pela primeira vez, o alcoolismo era visto na Autarquia como doença³. Além de abordar o tema, levando e consideração a sua complexidade.

Nessa perspectiva, o alcoolismo deixava de ser visto na SLU apenas como uma questão de vício, fraqueza de caráter, falta de força de vontade ou uma escolha entre beber e não beber ligada apenas ao indivíduo. (MASUR, 1989; NICASTRI, 1997 in. VAISSMAN, (2004).

¹ Superintendência de Limpeza Urbana – SLU Autarquia municipal criada pela Lei Municipal nº. 2220 de 27 de agosto de 1973.

² - DV-SMT - Divisão de Segurança e Medicina do Trabalho.

³ Em 1956, a Associação Médica Americana que declarou formalmente que o alcoolismo era uma doença. Em 1960, esta concepção passou a ser mais aceita no mundo inteiro com a publicação de *The disease concept of alcoholism*, de Jellinek, considerada obra clássica sobre o tema. VAISSMAN (2004, pág. 20)

Depois de ministradas essas palestras para todos os trabalhadores a equipe começou, então, uma segunda etapa na intervenção sobre questão do alcoolismo que foi com as chefias em todos os níveis hierárquicos.

Essa etapa teve o objetivo de discutir com as chefias formas de abordagem e encaminhamento ao setor de psicologia, dos servidores que apresentassem sinais/sintomas de uso de álcool durante a jornada de trabalho, a ponto de interferir na realização das atividades. Sinais como: faltas não justificadas, variação no estado de humor durante o dia, comportamento agressivo no trabalho, hálito etílico.

Essa etapa durou uma semana, e após a sua realização, esperava-se que começassem a aparecer servidores no setor de psicologia para serem encaminhados às instituições voltadas para o tratamento da doença, o que não aconteceu.

Por isso, em setembro de 1995, foi implementado na SLU um programa com o objetivo de sistematizar as ações referentes à questão do alcoolismo, intitulado Programa de Prevenção ao Abuso do Álcool - PPAA.

Esse programa funciona desde o seu início, como uma rede de atenção ao servidor que apresenta o problema de uso abusivo de álcool no trabalho e que envolve: o servidor que apresenta o problema, as chefias em todos os níveis hierárquicos, a psicologia, o serviço social, a medicina e a segurança do trabalho. Todos os integrantes dessa rede têm uma ação específica. Assim definida em linhas gerais:

1.1.1 - A Chefia:

- Identificar e abordar (conforme a orientação dada anteriormente pela psicologia) o servidor que faz uso de álcool durante a jornada de trabalho;
- Encaminhar o servidor ao setor de psicologia;
- Assinar o cartão de comparecimento do servidor no setor de psicologia garantindo que a hora desse servidor seja abonada durante o período em que ele estiver em atendimento naquele setor;
- Dar feedback ao psicólogo sobre as mudanças de comportamento em relação ao trabalho que tenha percebido no servidor atendido.

1.1.2 - A Psicologia:

- Avaliar o servidor encaminhado pela chefia, pelo serviço social, medicina do trabalho ou segurança do trabalho;
- Encaminhar o servidor para avaliação pela medicina do trabalho e/ou psiquiatra, quando necessário;
- Atender o servidor individualmente e/ou em grupo na psicologia;
- Acompanhar toda a evolução do processo e dar feedback à chefia do servidor.
- Acompanhar o serviço social nos atendimentos à família quando for solicitado por aqueles profissionais.

1.1.3 - A Medicina do Trabalho:

- Avaliar o grau de comprometimento orgânico da doença e encaminhar para acompanhamento médico especializado na comunidade, quando necessário;
- Avaliar o servidor encaminhado pela psicologia, quando necessário;
- Orientar o servidor que durante os exames periódicos ou de rotina, forem identificados como usuários de álcool a procurar o atendimento seja no PPAA ou em locais na comunidade.

1.1.4 - A Segurança do Trabalho:

- Encaminhar o servidor que for observado fazendo uso de bebida durante a jornada de trabalho ou com sintomas aparentes de embriaguez e que, em virtude disso, tiver colocando em risco sua integridade física ou de seus companheiros de trabalho;

- Divulgar as ações do PPAA seja em palestras rotineiras de segurança do trabalho ou na SIPAT - Semana Interna de Prevenção ao Acidente de Trabalho.

1.1.5 - O Serviço Social:

- Encaminhar o servidor que for atendido no plantão social⁴ para atendimento na Psicologia e/ou na comunidade conforme o caso;
- Receber os servidores encaminhados pela Psicologia e orientá-los a procurar atendimento na comunidade conforme o caso;
- Orientar a chefia sobre como encaminhar o servidor para atendimento na Psicologia ou na comunidade quando necessário.
- Orientar a família do servidor atendido, esclarecendo sobre a importância do envolvimento da mesma no processo de abstinência do familiar.

1.1.6 - O Servidor:

- Comparecer aos atendimentos oferecidos pela Autarquia, ou outro que trate da questão, disponível na comunidade que seja próximo de sua residência ou seu local de trabalho.
- Autorizar a ida da Assistente Social em sua casa para orientar sua família, uma vez que, essa ação não acontece sem a sua autorização.

⁴ Plantão social – Atendimento *in loco* realizado pela Assistente Social nas divisões de limpeza.

1.1.7- O funcionamento do P.P.A.A

Apenas como uma estratégia didática para explicar melhor o funcionamento do programa, faremos a descrição de “*um caso perfeito*”, ou seja, toda a trajetória de um servidor a partir de sua entrada no programa.

1.1.8 - A entrada no programa

A chefia imediata de um determinado servidor levanta a hipótese de que ele seja uma pessoa que faça uso de álcool no local de trabalho. Essa hipótese pode ser feita a partir da observação de sintomas que segundo CAMPBELL & GRAHAM (1991) *aparecem no trabalho como absenteísmo, atrasos, desatenção, prostração acidental, trabalho espasmódico, independência, uso excessivo de bebidas nas reuniões e almoços.*

Após a abordagem, o servidor é encaminhado com uma Comunicação Interna⁵ à Psicologia para verificação da hipótese levantada pela chefia.

O setor da Psicologia, então, inicia os atendimentos do servidor com uma entrevista semi-dirigida onde se procura abordar os seguintes aspectos: identificação do servidor, aspectos de sua vida profissional, relativos à saúde e à familiares (anexo 1). Nesse primeiro atendimento, esclarecemos a ele todo o funcionamento do programa, os atendimentos individuais e o grupo de prevenção à recaída. Com isso, inicia-se a produção de um histórico documentado do servidor no PPAA.

Após essa entrevista inicial, marcamos o retorno semanal do servidor à Psicologia, sendo que ele recebe um cartão de controle de acompanhamento, que comprova seu comparecimento seja nos atendimentos individuais semanais ou nas reuniões mensais do grupo. Esse cartão deverá ser assinado pelo psicólogo que o atendeu e por sua chefia, para que se abone o período em que o servidor esteve ausente do local de trabalho.

⁵ C.I – é o meio de Comunicação Interna, usado sempre que uma Unidade Funcional desejar comunicar um assunto a outra unidade. MANUAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA SLU, 1989.

Quando o psicólogo que está atendendo o servidor observa que ele apresenta mudanças físicas e psíquicas que sugerem sua entrada em processo de abstinência, vai até a chefia dele para ouvir do chefe e registrar em formulário próprio, as mudanças de comportamento em relação ao trabalho, observadas por ele. As questões observadas são: aparência física, pontualidade, produtividade, qualidade do trabalho, disciplina e relacionamento interpessoal. (anexo 2)

O psicólogo faz a devolução para o servidor do parecer de seu chefe sobre as mudanças observadas por ele no que diz respeito ao seu desempenho depois de sua entrada no programa.

Depois dessa devolução, pede a autorização do servidor para que a assistente social vá até sua casa para fazer um contato com a esposa e ouvi-la sobre como, ou se, a família está percebendo mudanças no comportamento do servidor no contexto familiar.

Em alguns casos, o servidor prefere não deixar que a família tome conhecimento dos atendimentos na SLU, por isso, a assistente social somente vai à sua casa, se ele autorizar. Neste caso, ela faz uma entrevista semidirigida onde aborda os seguintes aspectos: composição familiar, os horários de trabalho do servidor, rotina familiar, relacionamento interfamiliar, os hábitos culturais da família, relacionamento com os vizinhos. (anexo 3)

Após o feedback desse contato com a esposa, o atendimento é remarcado. Agora, ele passa a ser quinzenal, ao invés de semanal.

Se o servidor continua a demonstrar que está em abstinência, os atendimentos vão se tornando cada vez mais esporádicos, até que se perceba pelas partes, não ser mais necessário pelo menos naquele momento, o comparecimento do servidor aos atendimentos individuais. No entanto, ele continua comparecendo às reuniões do grupo de prevenção à recaída.

1.1.9 - O grupo de prevenção à recaída de álcool

Mesmo com toda essa estruturação e envolvimento dos profissionais, foi observado que muitos servidores abandonavam os atendimentos individuais. Em levantamentos feitos chegou-se a um índice de 38% dos servidores que iniciavam no

programa e o abandonavam após os dois primeiros meses de atendimento. (dados dos arquivos da psicologia em 1998).

Em 1999, com a chegada de um outro psicólogo para o setor de psicologia, foi possível a criação de um grupo de prevenção à recaída.

Esse grupo passou a ser mais uma ação do programa e tem o objetivo de tentar diminuir o índice de recaídas, desistências ao tratamento observado nos atendimentos individuais, dar suporte emocional aos servidores atendidos individualmente no programa, facilitar o ingresso dos servidores em outros grupos de apoio e tratamento de alcoolismo como Alcoólicos Anônimos. Com essa medida, a equipe incorporou uma etapa necessária ao processo, pois, conforme CAMPANA (1997):

Muitas empresas têm adotado métodos sofisticados de diagnóstico, inclusive com teste de bafômetro para álcool e de urina para outras drogas, porém sem recursos locais de tratamento, às vezes, enviando seus funcionários para centros distantes de atendimento, tornando os custos caros e os resultados duvidosos, pois sabemos que é necessário acompanhamento terapêutico local após o tratamento inicial para se evitar recaída.

Para a criação do grupo, a equipe foi às divisões de limpeza urbana para identificar junto às chefias os seguintes grupos de pessoas:

1. Servidores que tivessem passado por história de alcoolismo e que estivessem em abstinência, independentemente do tratamento pelo qual tivessem passado ou da estratégia usada para chegar a essa condição;
2. Servidores que faziam uso de álcool, afetando de alguma maneira a realização do seu trabalho;
3. Servidores atendidos individualmente na psicologia.
4. Todos estes servidores foram convidados para participar do grupo de prevenção à recaída.

1.1.10 - O funcionamento do grupo

O grupo se reúne uma vez por mês. Procuramos realizar as reuniões sempre na última quinta-feira do mês, porque nas quintas-feiras, a coleta de lixo é

considerada mais leve pelos garis. Além que, com um dia fixo, o servidor participante do grupo organiza sua agenda, facilitando sua participação. As reuniões são realizadas fora do local de trabalho para evitar as “gozações” daqueles que não participam do grupo e para facilitar a adesão ao programa, garantindo a privacidade dos participantes. Segundo CAMAPANA (1997):

Procura-se evitar o atendimento terapêutico assim como os grupos de auto-ajuda dentro da empresa (...) preserva-se assim, a questão do anonimato, diminuem as resistências ao tratamento, sendo oferecida uma gama maior de possibilidades terapêuticas.

O funcionamento do grupo se dá como um grupo operativo mas nesse caso é o psicólogo que coordena o andamento do processo.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1 - A escolha da atividade do gari III como objeto de estudo

Desde o início do programa, percebemos que a categoria dos garis III foi a mais encaminhada para o atendimento na psicologia, quando comparada aos outros trabalhadores. Mas para confirmarmos a relevância dessa categoria de servidores como objeto de estudo para esta pesquisa, solicitamos ao setor de estatística da SLU que fizesse um estudo dos dados disponíveis, correlacionando os atendimentos realizados no programa entre 1996 a 2006 e o efetivo de servidores da SLU em cada ano.

A conclusão apresentada pelo setor de estatística foi que o cargo Gari III era o mais indicado para o aprofundamento dos estudos por ser o cargo com maior participação no programa PPAA, se comparado com os outros servidores que participaram do programa. (anexo 4)

Essas conclusões nos deram sustentação para que prosseguíssemos, confirmando a necessidade de se aprofundar no entendimento do alcoolismo nessa categoria de trabalhadores.

2.2 - A escolha dos sujeitos da pesquisa

Para a escolha dos sujeitos dessa pesquisa, um dos aspectos que levamos em consideração foi o tempo de trabalho na coleta domiciliar. Nossa intenção era a de certificarmos que os sujeitos da pesquisa estiveram submetidos a condições e organização de trabalho semelhantes, exercendo a atividade de gari III, mesmo estando cientes de que cada um lida com essa realidade à sua maneira.

Como o nosso maior objetivo era o de verificar e identificar os mediadores entre o exercício da atividade e o desenvolvimento do alcoolismo, tornou-se necessário definir o perfil dos sujeitos, tendo também como referência o tempo na atividade.

As pesquisas sobre o alcoolismo, afirmam que para se desenvolver a dependência do álcool leva-se em torno de dez a vinte anos. (LARANJEIRAS E NICASTRI, 1996):

O alcoolista inicia sua carreira como bebedor social na idade jovem (em torno de 20 anos, em média). Ao redor da terceira década de vida evolui para a condição de bebedor pesado ou bebedor-problema, quando apresenta conseqüências físicas ligadas ao álcool 75% das pancreatites crônicas (...) Saliente-se a alta freqüência de problemas conjugais, sociais, legais financeiros, de relacionamento (...) e ocupacionais, afastamento, absenteísmo no trabalho, atrasos, problemas de relacionamento com colegas, indisciplina, queda na produtividade qualidade no trabalho e finalmente acidentes de trabalho. Em torno da segunda metade da terceira década de vida, em alguns casos (e em outros a partir da quarta década), tem-se instalada a síndrome da dependência alcoólica.

Os dois servidores escolhidos para a realização das entrevistas em profundidade, foram admitidos na SLU em 1979, sendo que um deles (Vítor) começou na coleta domiciliar desde a admissão, enquanto o outro (Carlos) entrou para a coleta em 1981.⁶

E finalmente consideramos o fato de os sujeitos dessa pesquisa terem passado pelos atendimentos no Programa de Prevenção ao Abuso do Álcool. Tendo em vista, que o principal motivo para o encaminhamento ao programa é o fato de ter sido observado, concretamente, sinais como hálito etílico que comprovavam o uso de álcool, durante a jornada de trabalho.

⁶ - Decidimos estudar apenas dois casos, porque sendo um estudo em profundidade, não haveria tempo para ampliar a amostra. A opção pelo estudo de caso, deveu-se ao fato de ser este método que melhor permite o acesso aos mediadores entre o exercício da atividade e o desenvolvimento do alcoolismo.

2.3 – Sobre a questão metodológica

Embora, a base para as conclusões desta pesquisa estejam nos dois estudos de caso, já referidos anteriormente, foi utilizado um outro instrumento com a finalidade de ampliar nossa compreensão sobre nosso objeto de estudo.

Assim, começamos o trabalho de campo dessa pesquisa, o primeiro instrumento que utilizamos foi a Análise Ergonômica do Trabalho (AET). Naquele momento, nosso pressuposto era o de que a AET ao partir da observação das condições concretas de trabalho, seria útil para compreensão dos aspectos da atividade de limpeza urbana que se constituem como mediadores na relação desse trabalhador com o álcool, além de nos ajudar a entender melhor como se dava tal mediação.

Conforme descreve (ABRAHÃO, 1999):

A análise ergonômica é um modelo metodológico de intervenção que possibilita a compreensão dos determinantes das situações de trabalho. Para tanto, tem como pressuposto básico, a distinção entre trabalho prescrito, comumente denominado de tarefa e o trabalho real, que é aquele efetivamente realizado pelo trabalhador, inserido em um contexto específico, para atingir os objetivos prescritos pela tarefa. Este fazer, denominamos de atividade.

Desta forma, fomos a campo para fazer observações de cunho ergonômico, uma vez que, não tínhamos a formação necessária para realizar análises ergonômicas completas, nossa intenção, era a de tentar responder algumas questões como: em que situação de trabalho acontecia do servidor fazer uso de álcool? Quais os fatores o levavam a usar? Porque alguns servidores bebiam outros não, uma vez que, estavam exercendo a mesma atividade? A sociedade tinha algum papel no uso de álcool pelo servidor? Como eles construía as redes sociais de trabalho? Como o álcool participava dessa rede?

Fizemos observações de campo pela manhã e à tarde, em guarnições e trechos diferentes.

Acompanhávamos, em um veículo da empresa, a guarnição⁷ de coleta de lixo domiciliar.

⁷ Guarnição - Equipe de trabalho responsável pela coleta do lixo domiciliar formada por um motorista do caminhão compactador e quatro garis III.

No entanto, não foi possível pela observação de campo e pelas entrevistas de autoconfrontação⁸ que ocorriam no trecho, obter as respostas para as questões que tentávamos investigar, porque a primeira coisa que verificamos foi como o uso do álcool torna-se um “segredo”, muito bem guardado.

Durante as observações, não conseguimos ver qualquer trabalhador fazendo uso de álcool, ou qualquer sinal de uso do álcool, embora fosse do nosso conhecimento que alguns dos integrantes das guarnições observadas bebiam e já tinham sido, inclusive, encaminhados para atendimento no setor de psicologia.

Outra tentativa que fizemos foi entrevistá-los durante o intervalo em que estavam aguardando o caminhão fazer a viagem de descarga do lixo no aterro sanitário⁹. Durante essas entrevistas, observamos que eles não falavam diretamente sobre o álcool, mas sinalizavam, em tom de brincadeira, a existência do fato.

A solução que encontramos para desvendar esse “segredo” foi a realização de estudos de casos, através de entrevistas em profundidade, realizadas não mais no trecho¹⁰ (aguardando o retorno do caminhão compactador), mas em um lugar reservado onde a pessoa entrevistada se sentisse mais à vontade para falar.

A partir de uma abordagem qualitativa, começamos, então, a fazer entrevistas em profundidade com os sujeitos da pesquisa, definidos conforme os critérios que citamos anteriormente.

No entanto, a tentativa de realizar uma Análise Ergonômica do Trabalho, apesar de não nos ter ajudado a responder as questões iniciais, foi importante para definir alguns dos elementos como a regulação da quantidade de bebida feita pela guarnição levando em consideração a realização da coleta, como funciona o coletivo de trabalho e como são estabelecidas as regras internas de cada guarnição. Esses elementos apareceram, posteriormente, nas entrevistas individuais e foram relevantes para nossa proposta de compreender a relação do gari III com o álcool.

A Ergonomia nos ajudou, sobretudo, a apreender aquilo que constituía a natureza do trabalho do gari, não apenas nas suas características que constam dos “manuais de

⁸ - Entrevistas de auto confrontação - Nesse momento, confrontamos nossas observações da atividade com a visão do trabalhador sobre o seu trabalho.

⁹ O aterro sanitário de Belo Horizonte fica localizado no bairro Jardim Filadélfia na Br. 040. O caminhão leva em torno de 50 minutos por viagem ao aterro.

¹⁰ Trecho de coleta – Áreas da cidade definidas pelos técnicos de planejamento de coleta para que seja realizada a coleta e/ou varrição dos resíduos sólidos em dias e horários que deverão ser seguidos pelos garis.

descrição dos cargos”, ou seja, a do trabalho prescrito, mas na sua efetividade. Conforme define Daniellou (1983):

Diferentes serviços da empresa definem, previamente, uma produção, um trabalho, os meios para realizá-lo: estes são determinados a partir de regras, de normas e de avaliações empíricas. São elementos previstos e, portanto, teóricos.

Tentamos, assim, ter acesso ao trabalho real que capta a dimensão objetiva (dos movimentos) e subjetiva (das intenções e significados do trabalho dados pelo trabalhador), além de considerar as estratégias criadas pelo trabalhador diante dos impasses produzidos pela tarefa que deve realizar.

Conforme define Salerno (2000):

Trabalho real é como o trabalhador enquanto ser integral age, raciocina e utiliza sua inteligência para fazer face às variabilidades/imprevistos que a ele se apresentam nas situações de trabalho.

Entendemos, no entanto, ser necessário ir além dessa dicotomia trabalho prescrito/trabalho real, para atingir o real da atividade. Conforme entende Clot (2006):

Onde se encontra não apenas o que é realizado pelo trabalhador, mas também o que ele é impedido de fazer; ou seja, aquilo que ele não realiza. Incluindo também o que se gostaria de fazer, o que deveria ser feito **o que poderia ter sido feito e mesmo o que se faz sem querer fazer**¹¹.

Nesta perspectiva, tentamos entender, por exemplo, se o álcool não seria, ao mesmo tempo, um meio do trabalhador realizar as *imposições da atividade de limpeza urbana*, uma vez que ele não pode escolher, por exemplo, o que vai coletar. Isso nos impõe a seguinte questão: o álcool seria, então, um “instrumento para dar coragem”, ou para responder a motivações internas do sujeito, uma vez que ele está submetido a determinações do seu objeto de trabalho e, ao mesmo tempo às suas necessidades físicas e psíquicas?

Para realizar os estudos de caso, fizemos oito entrevistas em profundidade com os trabalhadores, com duração aproximada de uma hora e meia, sendo duas de autoconfrontação dos dados recolhidos. Cada vez que surgia alguma questão que

¹¹ Grifo nosso.

não tínhamos entendido, voltávamos a entrevistar o servidor com a finalidade de esclarecer aquele ponto.

As entrevistas com Vítor foram realizadas na biblioteca da GERLU oeste, e com Carlos, na sede administrativa da SLU.

A aproximação dos sujeitos da pesquisa foi sempre por caminhos que permitiam que eles se revelassem em sua essência e dentro de sua própria lógica, o que julgamos essencial se queremos realmente compreendê-los. Nos termos de Chasin (1993): *“Subsumir-se ao objeto, deixar que ele nos comunique a sua verdade. (...) Estudar o ente enquanto ente, em sua autonomia, em sua independência em relação ao sujeito observador”*.

Nessa perspectiva, não há uma escolha do método de abordagem do objeto de pesquisa a priori e tampouco essa escolha é fruto apenas do desejo do pesquisador. A posse do método acontece em outro momento. Como afirma Lima (2002 p. 125), apoiada em Chasin (op. Cit.)

... ao propormos conhecer um dado objeto ou uma dada situação, devemos, antes de tudo, dirigir nosso olhar em sua direção, tentando deixar de lado qualquer idéia apriorística que possamos ter a seu respeito. Ou seja, em vez de impormos nossa lógica a esse objeto, devemos tentar desvendar sua própria lógica. E o que é mais importante: somente após decifrá-lo e conhecê-lo em todos os seus matizes é que estaremos efetivamente de posse de um método.

Tentamos optar por uma abordagem que fosse capaz de apontar as interfaces entre as características do trabalho ou dos trabalhos que os sujeitos da investigação realizaram ao longo de suas histórias, as evidências clínicas e o desenvolvimento do seu transtorno, tentando verificar seus possíveis nexos com o trabalho. Conforme (LIMA, 2002, 210):

A tarefa de decifrar os mecanismos que operam as suas relações com o trabalho impõe uma abordagem capaz de identificar as características do trabalho, interpretar as evidências clínicas e entender como tudo isso se articula com a história de vida do paciente.

Dessa maneira, chegamos ao método de caso, que considera a singularidade da questão e a complexidade do problema, tentando compreender o comportamento como um processo. Conforme VYGOTSKY (1984):

O comportamento só pode ser entendido como história do comportamento. Ao experimento cabia o importante papel de desvendar os processos que comumente estão encobertos pelo comportamento habitual.

Ou seja, para entender o comportamento do trabalhador que faz uso do álcool no trabalho é necessário, então, compreender toda a sua história e o caminho é o resgate biográfico, em uma perspectiva sócio-histórica. Conforme entende (FREITAS, 1996):

A perspectiva sócio-histórica entende o indivíduo em sua totalidade, articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, considerando a relação do sujeito com a sociedade a qual pertence. Assim, sua preocupação é encontrar métodos de estudar o homem como unidade de corpo e mente ser biológico e ser social, são ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos por ela.

Através do método escolhido, tentamos entender e contextualizar o comportamento dos sujeitos, a partir de suas história (GODENBERG, 1998):

O estudo de caso é uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada. (...) O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.

Pensando dessa maneira, buscamos entender como as condições concretas de existência e trabalho estariam contribuindo para o desenvolvimento do alcoolismo dos sujeitos estudados, explicitando alguns elementos mediadores da relação homem x álcool x trabalho.

Por fim, levando em consideração a dimensão singular do alcoolismo, o estudo de caso foi uma ferramenta importante na compreensão do objeto de pesquisa, ou seja, no desvendamento de como foram se constituindo os valores na história do sujeito e como esses valores se constituíram em elementos mediadores para o alcoolismo.

Essa dimensão da singularidade e as mediações da história na gênese da doença mental são também tratadas por Le Guillant (2006), ao discutir *o papel das condições de vida na gênese – e tratamento – de alguns distúrbios nervosos ou funcionais*. Em seu artigo: *O caso Marie L.*, ele mostra com clareza alguns elementos que apontam para a vinculação entre características de personalidade, acontecimentos no cotidiano da vida/trabalho como fatores determinantes no surgimento dos distúrbios. Afirma que:

A plena apreensão do caráter patológico de seu trabalho só será possível, parece-me, ao ser estabelecida a relação das condições de tal atividade com toda a história da paciente, com as suas maneiras de julgar e comportar-se, e com a representação do mundo, forjadas por esta história.

CAPÍTULO III

OS ESTUDOS DE CASOS INDIVIDUAIS

Neste capítulo, abordaremos a trajetória de vida e trabalho de dois sujeitos da pesquisa, com o objetivo de verificar se existem e, em seguida, identificar os mediadores que aparecem no cotidiano desses sujeitos e que se configuram em sinais da passagem entre o exercício da atividade de trabalho e a dependência de álcool.

A identificação desses mediadores permitiu verificar até que ponto o álcool teria uma *função* na realização da atividade de coleta de lixo domiciliar.

Veremos que nos dois casos estudados, foi possível constatar que as *funções* iniciais exercidas pelo álcool, na a realização da atividade, e que serão explicitadas ao longo deste estudo, evoluíram até se configurarem em um quadro de dependência alcoólica.

Mostraremos, ao longo desses estudos de caso, as funções e a evolução do uso de álcool apontando os elos entre: a história de vida e de trabalho, o desenvolvimento do alcoolismo e a entrada em processo de abstinência desses sujeitos.

Essa descrição dar-se-á, sobretudo, a partir das falas desses trabalhadores que foram captadas durante todo o processo da construção dos casos. Ou seja, nosso caminho foi delineado pela narrativa dos sujeitos da pesquisa. Procuramos extrair nossas análises das suas próprias expressões, conforme afirma Le Guillant (2006), *retiradas ao pé da letra*. Por isso, as verbalizações foram mantidas, conforme a linguagem oral.

Caso 1: A história de “Vítor”¹²

O presente estudo de caso se refere a Vítor um Gari III¹³ que trabalha na - Superintendência de Limpeza Urbana - SLU desde 1979, exercendo esta atividade e, atualmente, trabalhando na GERLU-OESTE¹⁴.

¹² “VÍTOR” é um nome criado para preservar a identidade do entrevistado.

Nosso primeiro contato aconteceu em abril de 1996, quando foi encaminhado pela chefia da Divisão de Limpeza Pública do Barreiro¹⁵, para atendimento no Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool – PPAA.

A chefia havia percebido que Vítor estava faltando muito ao trabalho, e quando comparecia para trabalhar, muitas vezes, percebia-se nele um hálito etílico e outros sintomas de embriaguez, sugerindo que fazia uso de bebida alcoólica durante a jornada de trabalho.

A partir dessa constatação, foram aplicadas as medidas administrativas conforme determinam as normas da Autarquia, tais como advertência verbal, advertência escrita e suspensão disciplinar, para tentar minimizar o problema. No entanto, essas medidas não o impediram de continuar a fazer uso do álcool.

Ele foi, então, encaminhado pela primeira vez ao Setor de Psicologia da SLU em 04/07/96. A partir desse encaminhamento, passou por atendimentos individuais, semanalmente, durante aproximadamente dois meses, abandonando os atendimentos após uma recaída. Retornou, cinco meses depois, novamente encaminhado pela chefia, comparecendo ao setor por mais três meses.

Durante esse período, disse ter ingressado no A.A - Alcoólicos Anônimos - e que, portanto, não se interessava mais em ser atendido individualmente no setor de psicologia da SLU.

Alguns anos depois, em 1999, quando foi criado o Grupo de Prevenção à Recaída de Álcool e Outras Drogas, começou a participar regularmente das reuniões mensais.

Nunca compareceu às reuniões com hálito etílico ou comportamentos alterados. Apresentava-se com a aparência física bem cuidada e um discurso coerente e bem estruturado. Além disso, destacava-se no grupo, sendo citado como referência de mudança pelos outros participantes.

Essas evidências, somadas às mudanças de comportamento no trabalho, relatadas pela chefia e observadas em documentos como o cartão de ponto, nos levaram a concluir que ele estava em processo de abstinência do álcool.

¹³ De acordo com o plano de carreira funcional da SLU, a descrição sumária (objetivo do cargo) de Gari III é: desenvolver atividades operacionais de coleta de lixo domiciliar, hospitalar e especial para fins de transporte e destinação final.

¹⁴ Após uma reforma administrativa determinada pela Prefeitura de Belo Horizonte em 2001, o que antes era chamado de Divisão de Limpeza Urbana, passou a ser Gerência de Limpeza Urbana.

¹⁵ Naquela época, a Superintendência de Limpeza Urbana – SLU- era dividida geograficamente em 09 Divisões de Limpeza. A Divisão de Limpeza Pública do Barreiro – DV- LPB - era uma delas.

Durante os atendimentos individuais e, posteriormente, durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, ele sempre trouxe questões sobre a sua dificuldade em entrar em processo de abstinência, muitas delas relacionadas à atividade de coleta de lixo domiciliar.

Observamos, ainda, a partir do contato cotidiano com outros trabalhadores da limpeza, que existe uma idéia recorrente de que o gari *tem que beber para poder dar conta desse trabalho*.

A crença de que consumir álcool seria uma coisa “natural” entre aqueles que trabalham nessa atividade também parece ser uma idéia que a sociedade tem sobre o trabalho dos garis. Buscaremos esclarecer um pouco melhor este ponto no tópico sobre a relação entre o trabalhador da limpeza urbana e a sociedade.

No entanto, essa idéia que aparece como uma das justificativas dadas pelos trabalhadores para o uso do álcool no trabalho pareceu-nos, a princípio simplista, funcionando apenas como uma âncora que nos prende à superfície do fenômeno, impedindo-nos de compreender toda sua complexidade, que não se apresenta de imediato.

Foi exatamente a importância de aprofundar no entendimento desse tema no âmbito dos estudos da Saúde Mental e Trabalho, apesar das dificuldades implicadas na investigação dessa questão, que nos conduziram ao presente estudo.

A família de origem

Vítor é o primeiro filho de uma família de quatro irmãos: dois homens, atualmente, com quarenta e quarenta e três anos, respectivamente, e uma mulher com trinta e dois anos de idade.

Seu pai teve ainda uma filha de outra relação que está hoje com quarenta e um anos:

Eu tenho aqui em Belo Horizonte, eu tenho três irmãos né, e na época nós era mais, mas já faleceram quatro... todo ano chegava um menino lá em casa. Faleceram quatro, mas já na adolescência. Então, tem dois capixaba e uma irmã minha que mora em Itabirito, que é mineira. Por parte de pai, eu tenho uma outra que mora aqui em Belo Horizonte também, mas é só por parte de pai, né? Não é filha da minha mãe.

Ele nasceu em 28 de setembro de 1959, no Estado do Espírito Santo, vindo com os pais, para Belo Horizonte ainda muito jovem. Os pais vieram procurando uma vida melhor, mas a realidade encontrada na “cidade grande” não foi nada daquilo que imaginaram:

Eu sou do Espírito Santo, mas me considero filho adotivo de Minas, né? (...) O meu pai me trouxe para Belo Horizonte com três anos de idade (...) veio pra Belo Horizonte, atrás de uma melhora de vida. Mas... chegou na cidade grande, por ele também não ter uma formação, as coisa não foram bem igual ele pensou!

Chegando a Belo Horizonte, sem lugar para morar, tiveram que pagar aluguel. O dinheiro era insuficiente para custear o alcoolismo de seu pai e as despesas da família, comprometendo a sobrevivência de todos. Essas condições impuseram a Vítor a necessidade de trabalhar.

A entrada no mundo do trabalho

Como seu pai era servente de pedreiro, Vítor, ainda criança, também começou a trabalhar na construção civil, *desentortando pregos*:

Então, foi assim uma vida muito transtornada. Eu... sou filho de alcoólatra... minha mãe não bebia, mas o meu pai bebe até hoje. Com dez anos, eu tava dentro de uma obra na “S. B. E.”, uma firma de construção civil desentortando prego para ajudar no sustento da casa. E assim foi por um bom tempo... Por quase um ano. Eu fui trabalhar para ajudar o sustento dos mais novos. Eu sou o mais velho da safra do meu pai. (risos)

Vítor procurou adquirir novas competências no trabalho e fala, assim sobre seu esforço: *eu comecei desentortando prego, né? E de prego eu já fui pra servente. E de servente eu falei: ‘eu não vou ficar carregando massa, não! Vou aprender a trabalhar’. Comprei uma colher, um prumo e daí por diante.*

Todo esse esforço foi na tentativa de deixar de ser “pau-para-toda-obra” e de se tornar um profissional na construção civil, o que para ele, faria muita diferença:

O ajudante, o não profissional, é o servente. Foi onde eu comecei. Porque o servente é o “pau pra toda obra”, né? Tem um caminhão de cimento pra descarregar, é ele. Tem um caminhão de areia pra carregar ou descarregar, é ele. Tem um caminhão de tijolo, é ele, você entendeu? Tem uma massa pra carregar ou fazer, é ele. Tem um concreto, é ele. É o servente. Tem um lugar pra cavar uma terra ou carregar uma terra, é ele. Então, é “o pau pra toda obra”.

E o pedreiro ele num... Ele só vai assentar tijolo, né? Colocar telhado. Esse tipo de trabalho. Fazer um piso, né? Então, o material chega todo ali perto dele. E ele só vai executar aquela parte que toca ele. Ele num vai lá na pilha pra buscar tijolo. Ele não traz massa, põe no caixote, né? Ele não rapa, num varre uma obra, num carrega terra, né?

Então, é por isso que eu me preocupei em aprender. E falo que eu não tive escola pra isso. Eu aprendi lá na prática. Vendo, prestando a atenção em tudo que tava acontecendo dentro da obra para mim tomar um caminho. Aí, o caminho mais fácil foi ser pedreiro.

Vítor trabalhava durante toda a semana no canteiro de obras e, diante disso, teve que abrir mão de muitos sonhos. Um deles era o de ser jogador de futebol.

Ter que abrir mão desse sonho aparece em vários fragmentos de seu relato, com muita revolta. Foi devido a isso que surgiram os primeiros conflitos com o pai. Este sempre via o fato de seu filho querer jogar futebol como malandragem:

Eu gostava muito, e gosto até hoje, né, de futebol e tal... era meu sonho. Eu morava ali... Hoje, é até uma avenida, ali pra cima do DER¹⁶, né (...) Ali, tinha umas casinhas muito humilde, beira rio, aí, a gente morava ali, e tinha um campinho ao lado daquele conjunto de prédio, que era pessoal da alta, de gente rica, na época, né? (...) Então, tinha um campo de futebol ali e eu tomei muitas correição por causa daquele campo ali, sabe? Eu ia pra lá treinar no meio dos meninos que alguns até se tornou profissional né, jogando umas peladinhos.

E ele achava que aquilo não tinha futuro, né? Que futebol era coisa de malandragem. Aí, eu fui desentortar prego. Pra que ele contasse o dinheiro. Eu só desentortava os pregos. É até hoje a minha maior revolta...

Em outro momento, ele esclarece um pouco mais sobre este sentimento de revolta em relação ao pai, dizendo que se sentia explorado por ele, pois se apropriou do seu salário, não lhe oferecendo algumas coisas básicas, como roupas ou um brinquedo:

Eu não me importava de trabalhar, não importava. Eu só não achava justo é eu não ter a remuneração por aquele trabalho igual ele fazia poxa!

Porque ele passou a fazer compra com o meu capital... Com meu salário... E beber o dele!

E eu não tinha uma calça nova. Não tinha uma camisa nova. Não tinha uma bola, né? **Eu trabalhava a semana toda. Domingo eu dormia até mais tarde e quando eu ia pro campo, o menino levava a bola embora... às vezes, eu tinha chegado tinha pouco tempo, o menino levava a bola embora porque ele era o**

¹⁶ DER - Departamento de Estradas e Rodagem.

dono da bola. Cabava a peladinha. Eu ficava sem jogar, aquilo me entristecia muito, eu não tive esse tipo de coisa, né?

Os desentendimentos com o pai levaram Vítor a fugir de casa. Ele ficou um tempo morando nas ruas e trabalhando como lavador de carros em frente a um supermercado de Belo Horizonte. Nesse trabalho, conheceu “pessoas influentes” que tentaram ajudá-lo a levar adiante seu sonho de ser jogador de futebol.

A partir desses contatos, surgiu uma oportunidade. Entre quarenta e cinco meninos aspirantes à carreira de jogador no Clube Atlético Mineiro, ele foi o selecionado. No entanto, o pai recusou-se a assinar a permissão, impedindo-o de continuar:

Aí, eu fugi de casa... Fui lavar carro no Supermercado CB MERCI. Foi lá que eu tive essa oportunidade através do... Não sei se foi irmão do Carone. Então, eu conheci muita gente influente e eles viam eu fazendo embaixadinha com a mamucha de laranja. Aí, me levaram lá no campo do atlético e me apresentaram lá. *Isso é o menino lavador de carro da rua nossa aí...*

E foi por aí, que no meio de quarenta e cinco meninos, eu passei numa “penerinha” lá e fui escolhido no dia do teste.

Mas, quando chegou o documento pra que ele [o pai] assinasse e eu pudesse dar encaminhamento numa carreira dentro do futebol e tal, ele... não assinou... porque eu tinha que trabalhar. *(Nesse momento, o entrevistado falou com a voz embargada e começou a chorar).*

E foi aí, que eles me acharam né? Porque eu dormia numa garagem lá. Já com uns quatro ou cinco meses. Mas, como eu precisei da assinatura dele, eu teria que retornar tinha que retornar, porque tinha que ter o aval dos pais né? Pra quem quer seguir na carreira.

Apesar da revolta, Vítor considera que o fato de ter trabalhado com o pai serviu para a formação de alguns valores morais que ele considera importantes, pois teve muitas oportunidades de ganhar dinheiro de forma ilícita, mas nunca aceitou.

Oh, hoje eu tiro como experiência, né? De vida porque... olha da minha geração pra cá, a malandragem tá desenvolvendo demais. E eu só... sempre morei em periferia, aonde se rola dinheiro muito fácil, né? E quem não gosta de dinheiro, né? **Eu nunca aceitei. Só do trabalho. E eu acho que com essa... com essa... como é que eu posso explicar isso procê?! Com essa atitude minha, eu me tornei o homem que sou hoje.** Sem ter me envolvido... assim... mutuamente com o tráfico... com furtos. Agora, fruta qual menino que nunca roubou né? *(risos).*

A gente entrava no lote dos outro...isso aí na infância a gente fez mesmo, né? E, às vezes, não era nem porque queria praticar aquele ato, é por necessidade mesmo, né? Porque, às vezes, tava até com fome, né? Na verdade, não era um furto de vândalo... era um furto para o sustento. **Isso eu acredito que tenha sim influenciado na minha pessoa, por ser o que sou hoje.**

Seu pai está, atualmente, com setenta anos, mora em Ribeirão das Neves, uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte e, segundo ele, ainda faz uso de álcool:

Ele vendeu a casa aí no [Bairro] Nova Granada e foi pra lá. Comprou um lote. E fica sozinho lá em Neves. Setenta anos ainda bebe né? (...) Há pouco tempo, três meses atrás, ele quase morreu lá. Ele teve até um princípio de cirrose e tal... ele se recuperou, graças a Deus! Aí, eu trouxe ele para Belo Horizonte. Porque foi tudo lá em Neves, né? Trouxe pra Belo Horizonte aqui... e ele continuou o tratamento no posto. Andei apertado!

Quando se refere às suas responsabilidades de filho, mesmo depois de todos os conflitos com o seu pai, Vítor demonstra por ele um sentimento de carinho. Hoje, ele percebe que o pai necessita de cuidados com a saúde e se sente responsável por esses cuidados, manifestando-se feliz por poder proporcioná-los:

Ele estava lá em casa, porque ele está fazendo um tratamento. Aí, ele fica comigo. Porque ele mora em Rosa Neves, e eu moro aqui, no [Bairro] Nova Granada. Lá, é muito difícil tratamento e aqui tem mais acesso. Graças a Deus, o nosso posto de saúde é... não é muito bom, dos bons não, mas é dos melhores da redondeza, né? Tudo que é encaminhado pra lá se demora um pouco, mas se resolve. **E já tem uns dois ou três meses que ele tá aí comigo, né? E eu fico muito feliz por isso. Por ele tá aí comigo. Cê entendeu?**

Durante a entrevista, quando solicitamos que nos falasse sobre sua mãe, Vítor fez poucas referências a ela. Falou apenas sobre o trabalho na lavoura e seu sofrimento, devido ao alcoolismo do marido:

Meu pai é lavrador, minha mãe também. Os dois trabalhavam na lavoura. **Então, foi assim, uma vida muito transtornada e... sou filho de alcoólatra, portanto, era violência dele dentro de casa para com todos nós, até com minha falecida mãe!** Que Deus dá a ela o Reino da Glória! (...) Vamos deixar ela descansar em paz.

O encontro com o álcool

“Eu aprendi a beber, vendo ele [o pai] beber”.

O encontro de Vítor com o álcool se deu precocemente, conforme seu relato. Desde criança, obedecendo às ordens do pai, ia comprar cachaça. Ao que parece, essa era uma situação comum. Ainda na infância, começou também a desenvolver estratégias para beber, o que foi aprimorando durante sua vida:

Eu aprendi a beber, vendo ele [o pai] beber, né? E até buscar pra ele e provar no caminho... beber no biquinho da garrafa e interar na bica. Porque naquela época, a nossa água não era encanada. (...) Então, a gente buscava água no chafariz, que era muito longe, ou então, numa bica que tinha abaixo da nossa casa, lá. A gente pegava água. **Aí, eu passava na bica e inteirava o pescocinho da garrafa.** (risos)

Seus primeiros contatos com o álcool se confundem também com sua entrada na vida laborativa. No início, grande parte do dinheiro que ganhava era para alimentar o *vício* do pai:

Eu comecei cedo. Ele [o pai] me proibiu de jogar futebol e tal, e me botou pra trabalhar. Então, quando eu buscava a cachaça dele com 10... 11 anos mais ou menos, eu já tava tomando os primeiros golinhos, né? Mas é exatamente porque eu comprava para ele. **Eu sabia que aquele dinheiro era o meu dinheiro, né, que tava sustentando o vício dele.** Porque ele passou a fazer compra com o meu capital... Com meu salário... E beber o dele!

Seu pai começou a gastar todo o salário com bebida, enquanto o dinheiro que Vítor recebia passou a ser usado para suprir as necessidades da família. Ainda assim, ele entendia essa situação como um direito do pai.

Quando se refere a esse *direito*, relata que, *naquela época*, a relação de pai e filho era marcada pela submissão. Portanto, sua relação com seu pai teve características que podemos considerar como repressoras. Segundo ele, desde cedo, teve que aprender com o *olhar do pai* porque não existia diálogo. Havia também muito castigo físico, conforme aparece nesse fragmento:

Eu achava que aquilo era um direito dele, né, porque naquela época da minha infância os filhos seguia muito os pais, né? **Então, só pra você ter um exemplo, o pai olhava pra gente assim quando tinha uma visita e a gente sabia que era pra sair fora.** Eu acho que naquela época também os pais corrigia os filhos da forma que ele foi corrigido, né? Que era duma forma errada, muita pancada e tal, e eu apanhei demais, né?

O primeiro casamento e o trabalho no colégio

“Quer dizer, eu tava lá como mentiroso. Então, aquilo num dava certo”.

Conforme dissemos, Vítor não conseguiu ser jogador de futebol e começou a trabalhar como pedreiro.

Com a crise no setor da construção civil, ocorrida em 1979, as coisas ficaram difíceis e ele teve que tentar trabalho em outros ramos:

Foi em 78, teve a revolução da área da construção civil e eu tava casadinho de novo, naquela época. Então, na área de construção civil com 15 anos eu já era pedreiro, procê ter uma idéia, mas só aqueles encarregado que me conhecia que confiava serviço pra mim. **Então, ninguém me fichava. Eu trabalhava avulso assim, né?**

Eu era pedreiro. Porque ele não quis deixar eu jogar futebol e nem estudar. Aí, depois dessa revolução, a coisa apertou. Num arrumava serviço em lugar nenhum. Até morreu ajudante de obra aí na Afonso Pena, acho que morreu uns dois, aí. Não sei. Não me lembro bem o número de companheiro, né de obra. Por causa daquele movimento de greve da construção civil ¹⁷... E eu tava pra casar, posso dizer, né?

Vítor se casou pela primeira vez aos vinte anos. Ficou casado durante nove anos, mas, desde o início desse relacionamento, aconteceram muitos conflitos em decorrência do uso de álcool. No entanto, ele faz questão de mostrar uma distinção entre seu comportamento e o de seu pai com relação à esposa e à família, sobretudo no que diz respeito à agressividade e à violência:

Eu ficava vendo meu pai. Agora, graças a Deus, a atitude dele é que eu não copieei não, porque era muito triste aquilo, né? Apesar que eu me tornei um alcoólatra, mas dentro de casa...Eu deitava no sofá na sala pra não incomodar eles pra lá, né?

O meu problema com minha família, com minha primeira família, foi exatamente por essas festinha de bares e boteco e tal. Mas não porque eu era um cara violento. É porque, às vezes, eu perdia a hora de chegar em casa e a “Dona Maria” vinha perguntando se eu tinha jantado.

E eu falava: “*Não. Pode deixar que eu preparo*”. Mas aí, eu botava metade da comida no prato e outra metade em cima do fogão. Aquilo revoltava ela mais ainda! Sujava o fogão tudo, que num tinha condição... Eh... Num tinha coordenação motora, pra poder colocar uma comida numa frigideira, tirar das panela, colocar numa frigideira, aquecer para me alimentar, sem sujar o fogão e nem o chão da cozinha, né? Isso aconteceu foi várias vezes.

Aí, começou as discussões, mas é discussões mesmo verbal, num foi por motivo de violência. Portanto... quando a gente separou... Um juiz aí... Juiz ou o promotor lá... não sei perguntou como é que era minha atitude, para

¹⁷ Entre os dias 30 de julho e 03 de agosto de 1979, os operários da construção civil de Belo Horizonte cruzaram os braços, reivindicando aumento salarial. (...) Além disso, reivindicavam anotação correta nas carteiras de trabalho e a proibição do achatamento salarial quando da troca de emprego; aviso prévio de 30 dias, independente da forma de pagamento – semanal, quinzenal ou mensal. (...) No correr da semana grevista, trabalhadores e policiais militares entraram em conflito nas ruas centrais da cidade. Em um desses conflitos, o operário Orocílio Martins Gonçalves foi morto ao receber um tiro dos policiais militares. OLIVEIRA, R. C. MEMÓRIA DA CONSTRUÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: a greve dos operários da construção civil de Belo Horizonte em 1979.

com ela. Se eu era muito violento e tal? Aí, esse fator até me ajudou bastante, porque ela não podia me acusar de violência física, né? Dar pancada, esses trem não, mas verbalmente assim a gente pegava mesmo! Igual a violência que ele levava dentro de casa. E eu tinha medo que aquilo acontecesse comigo.

E os menino assistindo aquilo, eu falava: puta. Merda! Tô copiando meu pai! Não, meu pai dava porrada, eu não dou. É por isso, que isso mudou a minha mentalidade.

Eu falei: ***“Eu não posso ser um pai dessa forma. Apesar do meu alcoolismo e tudo”.***

Esse sentimento de Vítor de ser diferente do pai, no que diz respeito às questões relacionadas às responsabilidades com a família, foi marcante em toda sua vida.

Isso aparece, por exemplo, na preocupação que ele demonstrou em arrumar um trabalho com carteira assinada e, dessa forma, garantir o acesso à saúde para sua mulher, pois ela estava grávida do primeiro filho:

Naquela época, era tão interessante que se o cidadão num tivesse carteira assinada, ele num conseguia nada em hospital nenhum. O INPS era duro. O cara morria do lado de fora, mas não entrava. Fiquei pegando uns bico daqui e dali. Aí, a mulher engravidou do meu primeiro menino. Engravidou do meu primeiro e eu falei: *“Nossa Senhora, eu tenho que fichar!”* Aí, corri daqui e dali e arrumei vaga no colégio.

Mas esse trabalho não foi por muito tempo. Ele ficou lá por apenas três meses, pois se desentendeu com o padre que era Diretor do Colégio. Em sua maneira de ver, o padre duvidou de sua palavra e a honestidade sempre foi um valor importante para ele.

Uma outra questão que Vítor apontou como um determinante para sua saída do colégio, foi o fato de ser um trabalho repetitivo, do qual ele não via o resultado:

Arrumei uma vaga no colégio Loyola na manutenção geral.

Mas sem brincadeira. Eu moro na periferia, fio de rico é pior do que fio de pobre, viu meu irmão?

Eu trocava uma bucha de torneira de manhã... Na mudança de aula, eu tinha que voltar lá e pôr outra bucha, porque aquela já tinha ido embora! (...) Aí, trocava uma lâmpada numa sala lá. Com pouco ou nada, trocava de turno, eu lá de novo pendurado! Falei: *“ah, eu num agüento isso aqui não! Né?”* **Porque eu trabalho com boa vontade até hoje, mas eu gosto de fazer o serviço e olhar pra ele e falar: “Tá pronto!”** É uma coisa que você faz todo dia repetitivamente sabendo que aquilo não tá dando certo por vândalo (...) e o padre sempre cobrando: *Uai, mas você não trocou a bucha?! Troquei: Mas num tá pingando?! (risos).*

Ah, mas é porque eles quebraram uai! *Não, uai, você é que não trocou, não!*
Quer dizer, eu tava lá como mentiroso. Então, aquilo num dava certo.

A entrada na SLU

“Cê tem coragem de trabalhar de lixeiro?”

A admissão na SLU foi, para Vitor, em um primeiro momento, uma possibilidade que encontrou para mudar de atividade, pois tinha pouco estudo: *aí, em 79, eu entrei na SLU. Pra minha felicidade e da minha família, porque tive pouco estudo, né? Então, hoje depende do fator formação para conseguir trabalho.*

É importante ressaltar que, até 1988, a admissão na SLU ocorria por recrutamento direto. Essa situação possibilitou que os servidores se empregassem e indicassem outros familiares para serem admitidos na Autarquia, principalmente nos primeiros níveis operacionais, atraídos pela pouca (ou nenhuma) exigência de escolaridade ou qualificação profissional.

Vitor procurou seu cunhado que já trabalhava na SLU e pediu ajuda. Ele, então, se prontificou a ajudá-lo. No entanto, na conversa entre os dois, já aparece a visão estigmatizada da atividade na limpeza urbana:

Oh, M. o negócio é o seguinte sô, eu tô precisando de sair do Colégio L., mas na minha área da construção civil num arruma nada, porque ninguém tá fazendo nada e tal. Aí, ele falou: ***‘Vou ver se arrumo na SLU procê, cê tem coragem de trabalhar de lixeiro?’*** E eu falei: ***“oh, rapaz pra mim sair daquele colégio lá, eu faço qualquer coisa!”***

Exame pré-admissional

Somente depois da resposta de Vítor, o cunhado conversou com o encarregado para ver se conseguia o trabalho:

Ele [o cunhado] até riu do jeito que eu falei (*risos*). Aí, ele conversou com o falecido R.R, Deus dá ele o lugar que ele merecer. Sô R. mandou um carro me levar lá no escritório. Cheguei lá, apresentei todos os documento, que eles requisitou, naquela época. Aí, me encaminhou para o médico pra fazer os exames.

Como vimos, mesmo antes de entrar na SLU, Vítor foi questionado a respeito de sua **coragem** para realizar a atividade. Veremos adiante, que o álcool vai entrar, muitas vezes, como um elemento que lhe “dá coragem” para atuar como gari. Esta é uma questão que será recorrente na maior parte de sua vida laborativa na SLU.

A idéia de que a bebida alcoólica era “**pré-requisito**” para trabalhar na limpeza urbana era comum e aparecia em todos os níveis das relações de trabalho.

Esse diálogo entre Vitor e o Médico do Trabalho responsável para fazer os exames pré-admissionais mostra isso com clareza:

Dr. V. fez exame médico em mim... e... aí, foi até engraçado. Ele me perguntou: ‘Cê bebe?’ E eu falei: *ah... só de vez em quando...* Aí, ele falou: ‘*ah, porque se você falasse **que não** bebia você **não** ia ser aprovado não!* **E eu gravei isso na memória e não saiu mais... E acho que nem vai sair porque foi assim uma atitude repentina dele.** Ele falou: ‘*se você não bebesse você não ia ser aprovado não*’. Eu pensei: “**puta merda! E se eu falo que não?**”. *(risos)*
Foi aquele medo de não conseguir o trabalho, né? Que deixou isso na minha memória. Aí, já falou comigo: *cê pode apresentar lá em cima atrás do Hospital Militar... Amanhã no horário de serviço, sete horas apresentar ao encarregado. Apresentar ao Seu R.R.* Aí, eu falei: ‘**Nossa Senhora! Eu tava com a carteira assinada**’.

Trabalhar na SLU significou, para Vítor, muito mais que ter uma carteira assinada. Representou uma possibilidade de crescimento profissional, aumento da renda e de melhores condições de vida para a família. Crescer profissionalmente para ele sempre foi uma questão importante:

Corri lá [no colégio] e pedi conta. *(risos)*. No mesmo dia...
Aí, o padre não queria me mandar embora, porque eu tinha que ficar lá mais uma semana. Até ele arrumar outro.
Aí, eu falei: “**Não. Se o Senhor não me... der saída na minha carteira agora, eu tiro outra nova! Mas eu vou trabalhar pro Estado moço! Vou trabalhar na Prefeitura, num serviço bão. Não vou ficar aqui, não**”.
Ele falou: *Ah, mas aqui é bão!*

Eu falei: “*Aqui é bão sim. Não tô falano que aqui é ruim não, porque na hora que eu precisei foi aqui que me acolheu. É porque eu tô indo para uma coisa melhor! E o senhor não pode querer me parar desse jeito. Porque eu tenho que crescer, uai!* O salário aqui é pouco. O de lá é mais. Lá tem hora-extra, tem muitas vantagens. Aqui, não tem nada disso. Eu só tenho que cumprir o horariozinho mesmo e cabô!
E eu preciso ganhar dinheiro. Sou um recém-casado... Minha esposa tá grávida e tal. Eu preciso de um lugar que me pague melhor. Não é que aqui é ruim não”.
Aí, com muito custo, ele acertou comigo os três mês lá e deu saída na minha carteira.

No dia seguinte, eu já passei lá. Apresentei lá, pra pegar serviço. E tô aqui até hoje né? Trabalhando honestamente aqui.

As condições de trabalho¹⁸

Vitor começou a trabalhar na coleta domiciliar do Barreiro. Suas condições de trabalho eram extremamente precárias.

Ele descreve os caminhões como equipamentos que não favoreciam a realização da atividade. A frota de veículos da coleta, naquela época, era formada em sua maioria, por caminhões de carroceria de madeira utilizados na limpeza, principalmente, nos bairros da periferia da cidade:

Então, era um caminhão sem condições... no Barreiro tinha o caminhão de carroceria, "usipau"¹⁹. Eles apelidaram esses caminhões de "usipau" cê entendeu? E a gente fazia a carga. Ia um cara em cima socando. Tinha outro que ficava embaixo jogando as latas com o lixo lá em cima do caminhão. Então, sem condições que eu digo é que num tinha equipamento hidráulico, né?

Num tinha... Eh... hoje, a facilidade que tem pra se coletar lixo.

Também não eram fornecidos uniformes aos trabalhadores. Eles tinham que usar roupas e calçados que traziam de casa ou reutilizar o que era descartado pelos munícipes e os garis encontravam no lixo residencial, no momento da coleta.

Como na atividade de coleta, é comum o contato com materiais perfuro cortantes ou corrosivos, as roupas de trabalho não têm uma vida útil muito longa. Desta maneira, não era difícil, vê-los trabalhando com roupas velhas e rasgadas. Algumas vezes, eram obrigados a utilizar os materiais que tivessem em mãos para, por exemplo, costurar uma roupa que rasgasse durante o trabalho.

Vítor nos relatou uma situação em que teve que utilizar um pedaço de arame de cobre para resolver um problema desta ordem, referindo-se ao sentimento que teve em relação a isso e como apelou para o álcool para lidar com esse sentimento:

¹⁸ Entendemos como condições de trabalho, os aspectos relacionados aos equipamentos (máquinas, uniformes, EPI's), à iluminação e temperaturas ambiente para a realização da atividade, ao ruído, odores, exposição às condições climáticas durante a jornada de trabalho, à poeira e gases.

¹⁹ "usipau" - Este apelido é uma alusão ao nome USIMECA, que é a marca de um equipamento hidráulico dos caminhões compactadores que eram utilizados na coleta, principalmente em bairros nobres da cidade.

Por exemplo, eu tava morrendo de vergonha. Como é que ocê vai entrar num banco num lugar mais sofisticado daquele jeito, com uma bermuda rasgada? A pessoa que se preza, ela fica com vergonha.

Na rua seguinte ali, eu tive que fechar as pernas pros meus testículo num aparecer... **mas dali pra cá, eu tomei quatro!**

Cheguei aqui, eu num tô nem aí! Eu tô de perna aberta... E, Nossa Senhora! **Já tô todo à vontade, né? Já passei um arame na bermuda, já tá bão demais!** Aquilo nem tá me arranhando também. **E tava incomodano, porque eu passei um fio de cobre aqui assim** (*o entrevistado aponta o lugar onde passou o fio de cobre*) **pra poder grampear a bermuda, aquilo tava me arranhando, já num arranha mais!**

Isso aconteceu. E num foi uma vez só não. (*riso*)

Os trabalhadores tinham que providenciar o calçado para diminuir os riscos de acidentes, pois, naquela época, tinham que “socar” o lixo com os pés para que o lixo recolhido ficasse acomodado na carroceria do caminhão:

Então, tinha aquele caminhão de carroceria rapaz, que cê subia em cima daquele troço ali... Num sei se ocê já viu nos slide antigo aí. Aí, chuva que Deus dava né? Lá em cima daquele negócio lá. Num tinha uniforme direito, não tinha nada. Era umas bermudinha, tênis pé dum pé d'outro, num tinha luva...

Por exemplo, um pé de “Rainha”, um pé de “Conga” (*risos*) que nós achava lá o direito bão, a gente guardava. Aí, de um outro par o esquerdo era bão, a gente guardava pra trabalhar no dia seguinte, né? Então, a gente fala, pé dum, pé d'outro (*risos*).

Essas condições de trabalho em que o trabalhador era obrigado a ter contato direto com o lixo para realizar a atividade acabaram alimentando o estereótipo de “trabalhador do lixo”, de “lixeiro” que ainda hoje, define este profissional:

Porque, geralmente, quando a gente tá em cima de carga, né, porque na época caminhão era feito a carga. A gente ficava em cima arrumando, acomodando o lixo pra comportar mais resíduo.

Porque o lixo era jogado em cima numa carroceria comum, se jogava ele avulso...

Então, sempre tinha um Gari... Com a pá e com os pés e acomodando aquilo. Empurrando pros canto, pra num ficar caindo pelas beiradas, né?

O caminhão saía da garagem com o madeirite para fazer o “fueiro²⁰” a gente chamava de “fueiro”, né?

E vinha pondo os madeirites na lateral do caminhão, aquilo passava de cinco metros de altura. Do chão, no alto, né? Porque o caminhão, em si, ele deve ter um metro e oitenta, um metro e noventa, por aí ou mais.

Fazer a carga era uma estratégia criada pelos trabalhadores que tentavam equilibrar a capacidade de carga do caminhão e o trecho que tinham que

²⁰ Fueiro – Estaca destinada a amparar a carga do carro de bois. Pau grosseiro – FERREIRA A. B. H – NOVO DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA – 1986 – Ed. Nova Fronteira.

limpar. Com isso, eles diminuam as viagens do caminhão ao aterro sanitário e conseguiam ganhar tempo.

A organização do trabalho²¹

A primeira impressão que Vítor teve da coleta foi a de uma atividade onde não havia, por parte dos encarregados, nenhuma preocupação em orientar os trabalhadores quanto à forma de trabalhar. Essa orientação era dada pelos trabalhadores mais experientes. Isso o levou a comparar a atividade de limpeza urbana com o trabalho na lavoura:

Era mesma coisa de chegar na lavoura lá. O cara te dar uma enxada e falar: “*oh, eu quero que cê capina esse eito*”²² *de café daqui até lá em cima*”. Era a mesma coisa o coletor: “*oh, cê limpa essa rua daqui até lá em cima, e volta naquela outra lá*”.

Outra percepção que teve foi a de um trabalho no qual não havia qualquer preocupação com a qualificação dos trabalhadores, além de ser estigmatizado pela sociedade, ninguém queria fazê-lo, toda vez que *batesse na porta tinha vaga*:

Porque cê trabalhava com um serviço que ninguém queria e... Já era visto com mau olho assim pela comunidade, pela população. Toda vez que batesse na porta, tinha vaga! Cê entendeu? Toda vez que um batesse na porta lá, tinha vaga par coletor de lixo, né? Ah, porque é um serviço que ninguém quer fazer, e ocê tá ali fazendo...
E num tinha exigência nenhuma, grau de estudo, num tinha nada disso.

A jornada determinada no contrato de trabalho era de oito horas da manhã às dezesseis e quarenta e cinco, de segunda a sexta feira e, aos sábados de oito às doze horas. No entanto, o relato de Vítor evidencia o aumento de desgaste físico na execução da tarefa, pois o que estava em questão era *limpar tudo*:

²¹ A organização do trabalho está relacionada com o conteúdo da atividade, ritmos de trabalho, horários, relações hierárquicas, relações entre companheiros de trabalho.

Horário de sair, oito horas da manhã na garagem. Horário de chegar, indeterminado. Se tivesse um quarteirão pra trás, tinha que tá ali fazendo.

Se quebrasse um equipamento no setor de outro, acabava dois aqui, mandava os dois pra lá. Acabava mais um, vai pra lá. **Até limpar tudo.**

Mas como as coisas... o lixo num era a quantidade que tem hoje, a proporção que tem hoje, né? Porque tinha muitos terrenos baldios, mas também **cê pegava o [bairro] Salgado Filho, o [bairro] Nova Cintra, o [bairro] Gameleira, o... [bairro] Bethânia e ia virando né? [bairro] Jardim América, tudo era uma rota só. Quando a gente chegava em casa, tava todo quebrado. Era dor pra todo lado.**

O dimensionamento equilibrado dos trechos, que considera o volume de lixo e a extensão do percurso, é hoje um dos aspectos predominantes no trabalho dos garis, mas naquela época, não merecia atenção da Autarquia, já que não havia um setor técnico responsável pelo planejamento de limpeza urbana e nem tampouco um setor de segurança do trabalho:

Num tinha um planejamento, né? Tinha sim um trecho determinado e falava: *Vamo passar em todas as ruas!* **Que naquela época, num tinha assim um planejamento igual tem hoje. Num tinha assim uma preocupação com o Técnico de Segurança... Num tinha um Técnico de Segurança.**

Tinha Encarregado de Serviço! Era um cara dentro de uma Kombi que ia conferir pra ver se o serviço tava pronto.

As condições que você estava na rua, eles num queria nem saber.

Justamente, por existir um desequilíbrio nesse dimensionamento dos trechos, os trabalhadores ficavam sobrecarregados. Esta sobrecarga obrigava aos garis cumprir jornadas de trabalho extensas o que influenciava diretamente na segurança, ao impor ritmos acelerados e modos operatórios perigosos, já mencionados acima, como é o caso de ter que socar o lixo com os próprios pés.

As relações de trabalho

²² *Bras.* Limpeza de uma plantação por turmas que usam enxadas. *Bras.* Roça onde trabalham escravos. HOLANDA, A. B. NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA 2ª Edição - Ed. NOVA FRONTEIRA, RJ - 1986.

No que se refere às relações de trabalho, Vítor encontrou, na SLU, um grupo de pessoas que já fazia parte do seu círculo de relações, desde os tempos em que jogava futebol.

O trabalho fez com que esse grupo se consolidasse e se estruturasse em torno do hábito de sair depois do expediente para consumir bebidas alcoólicas. Ele foi se fechando cada vez mais em torno dessa prática de beber até se tornar, segundo Vítor, um *grupo de elite do álcool*:

Mas quando eu entrei aqui, tive aqueles companheiro do momento, né? Uns que já me conhecia há mais tempo através do esporte, através de passeios pelos interiores de Minas, né? Que a gente ia jogar futebol, e tal.

E depois do jogo, a gente sempre encontrava, tomava uma cervejinha coisa e tal e eu tava jovem no auge ainda. **Mas quando eu vim pra SLU, aí, a gente se enturmou mais, fechou mais, né?**

Se fechou porque eu digo assim... Nós tamo trabalhando no mesmo ambiente e dali... Termina uma rota, a gente já saía da garagem e ia pro bar ao lado.

E ali eu acho que o meu alcoolismo aumentou, porque eu convivia mais tempo com aqueles cara que eu passava só o fim de semana, às vezes, através do futebol, né?

Então, aí, largava o serviço e pá! Pra “Dona Neném”.

Era um barzinho que tinha ao lado da garagem. Dona Neném... Aí, cada um paga duas, beleza!

Foi nos primeiro oito, dez meses, né? Aí, já passou cada um paga três... Cada um paga quatro...

Foi o que eu disse pra você que foi aumentando assim... Progressivamente, né?

Nunca diminuía... Sempre é... Começamos cada um paga duas, cada um paga três, cada um paga quatro...

Não, eu digo no geral, né. **Porque as guarnições²³ se encontrava todos no mesmo local.**

Então, tinha aquele grupo separado, né. Que nós chamava assim de “grupo de elite do golo”. (risos).

Ai, nós juntava ali oito, dez, doze... Até doze ou mais não é?

Mas tinha aquele que ia hoje, e num ia amanhã...

Mas tinha aquele que ia assiduamente, né?

Parecia que era igual boi mandado por uma vaca só, né?

Que a vaca era a garrafa, e nós os boi cumpanhano ela. (risos)

Aí, tinha lá: *Vão na Dona Neném?*

Vão bora!

É importante observar que esse “*grupo de elite*” ao que parece tinha “regras” às quais seus integrantes deveriam observar, sendo que uma delas era o compromisso de pagar a bebida de um “irmão de fé” quando ele não tivesse dinheiro. Não cumprir essa regra, significava a exclusão do grupo que tinha controle informal, mas eficiente sobre seus integrantes.

²³ GUARNIÇÃO: Equipe de trabalho formado por 04 garis III e um motorista. Esta equipe é responsável pela coleta domiciliar de um trecho definido pelo planejamento de coleta.

Fica clara, também, a pressão do grupo sobre as pessoas que tentavam abandoná-lo. Vitor, em sua fala, deixa transparecer que, em alguns momentos, ia ao grupo para evitar os *comentários negativos*:

Encontrava regularmente. E aquele cara que já tinha... uma concepção... do problema que o álcool causava num ia. E a gente ainda não tinha essa consciência, né? Porque estava ali fazendo aquele... **Como se diz né... Com aquele "grupo de elite". E um dizia pro outro assim: pô, mas fulano deve tá passando mal porque será que ele num vem cá hoje, e tal?**

Então, pra num ter aquele tipo de comentário negativo, né não só eu como o grupo pensava assim: "*ah, vamo lá fulano, vão bora, vão bora, e tal*".

Que foi o meu caso, através de tentar provar pra terceiros, né que eu tava sempre bem e disposto a beber o dia inteiro, a noite toda... Ou no período que o bar tivesse aberto a gente tava ali... Num ia ninguém embora. Ainda tinha uma distração que era sempre inventada por algum do grupo... Era... jogar uma purrinha... Um truco, ou mesmo um pife [jogo de baralho], sinuca: '*vamos valer uma meia e duas cervejas?*'

Aí, eu já tava num grau mais elevado do meu alcoolismo, eu já tava participando de roda de meia. Um cara começava a tomar três, quatro cerveja e ia embora. E ia uma pinguinha e olhe lá... **Só pra dizer que eu num bebi pinga eu vou tomar umazinha com eles (...)** A gente ficava igual peixe na rede.

Essa foi uma das situações que o levaram a concluir que sua entrada na coleta domiciliar contribuiu para que aumentasse o consumo de bebida alcoólica.

O vigor físico da juventude é essencial para o desempenho desta atividade e o álcool era fonte de energia, além de ser estimulante e produtor de euforia e desinibição. Além do mais, na coleta, quase todos faziam uso de álcool e Vitor rapidamente se entrosou, passando a frequentar com eles, os ambientes onde a bebida estava sempre presente:

Quando eu entrei aqui, era uma coisa até bem engraçada. Eu bebia... Mas eu num era aquele bebedor assíduo, né? Eu tomava duas cervejas... pinga, eu não era muito chegado não. Duas três cervejas... quatro. **E aquilo foi progredindo de uma forma escandalosa** (...) Porque aqui, na época que eu cheguei, todo mundo, pode-se dizer quase todo mundo em geral da minha classe os meus companheiros de trabalho Gari III, cê podia contar... Acho que num tinha dois... Se tivesse dois ou três que não bebesse é muito. É porque era evangélico, né? Mas resto tudo bebia. Então, aí a gente... Na idade que eu entrei aqui... Era jovem demais, né... E tem aquele... Aquela explosão emocional pode-se dizer assim, né! **O cara tá cheio de vigor, cheio de saúde, quer fazer festa, quer farrear e só vai pra esses ambientes aí onde rola muito golo e samba, esses troço, né?**

O uso de álcool e a relação com a sociedade
"E vem o lixeiro lá! Ah, ele gosta de tomar uma..."

No cotidiano do trabalho na rua, é comum o aparecimento do álcool mediando a relação com a sociedade. Isso aparece no relato de Vítor:

A facilidade que a população tem de passar a bebida alcoólica pro “**Agente de Limpeza**”²⁴, que hoje é conhecido como “Agente de Limpeza”, mas naquela época era “lixeiro” mesmo, né? É no popular assim... **“O lixeiro... lá vem o lixeiro! Ah, ele gosta de tomar uma...”**.

Aí, já buscava lá debaixo da pia, diz que é a melhor cachaça, que num sei quê que tem! Aí, a gente já, né **naquela dependência que já tava crescendo e se desenvolvendo igual um vulcão, né...** Como se fosse um vulcão, aquilo vem desenvolvendo... Eh... Com pequenas partículas e fervores, né? Minúsculo que você não consegue perceber, o alcoólatra não consegue perceber...

O álcool entra no cotidiano do gari também como uma forma de “retribuição” e de estabelecimento de vínculos sociais. Em algumas datas, como o Natal, ele aparece como um “presente” dado ao “lixeiro”. É muito comum nessa época, os trabalhadores da limpeza receberem garrafões de vinho que são repartidos entre eles na guarnição.

Aparece, ainda, nas relações, como moeda de troca e “pagamento” de pequenos “favores”. Essas características da relação com a sociedade parecem criar um terreno fértil que, no caso desse trabalhador, tornou-se determinante para o desenvolvimento de um quadro clínico de dependência alcoólica:

A facilidade que eu digo que a população tinha pra dar a gente a bebida, né? E aquilo foi só agravando.

Porque lá no bar cê tem que pagar. E na rua num tinha... Num tinha que pagar. Qualquer bar que chegava, toma uma, duas e saía sem dever nada, né?

Qualquer bar ou comércio que ocê chegasse na sua rota, a bebida era de graça, a cachaça era de graça.

Qualquer rota, qualquer rota. **Cê chegou, coletano lixo, pegava o lixo do bar ali, o cara já te dava um copo cheio!**

Num tinha desse negócio de dosinha, não.

²⁴ - O nome “Agente de Limpeza Urbana” surgiu a partir de um projeto da Psicologia do Trabalho na SLU. Naquele momento, pretendíamos refletir junto com os trabalhadores sobre as repercussões da palavra “lixeiro” como definidora do trabalhador da limpeza urbana.

O que é importante notar é que a pinga era “de graça” apenas durante a jornada de trabalho, para aqueles que pegassem o lixo dentro do bar, ao contrário do que é prescrito no RLU - Regulamento de Limpeza Urbana.²⁵

Ou seja, a tarefa é coletar o lixo que estiver devidamente acondicionado e colocado nas vias públicas nos locais e horários definidos pelo planejamento de coleta. Esses dias e horários da coleta são previamente comunicados aos munícipes através de folders informativos que são distribuídos de casa em casa, tanto pela equipe de mobilização social quanto pela fiscalização de limpeza urbana.

Isto mostra que não é por desconhecimento das partes que essa troca acontecia e a fala de Vítor é esclarecedora, pois, o gari só ganhava o álcool, enquanto estivesse fazendo a coleta naquele trecho. Fora disso, tinha que pagar:

Não, quando ocê largou serviço, lá no bar ocê tem que pagar.

De graça, num é mais. E isso é que eu falo que teve uma influência grande no meu alcoolismo, né?

Tudo indica que existia uma idéia bastante disseminada de que todo gari bebe. Bastava o caminhão de limpeza apontar na rua, que a pinga era oferecida ao trabalhador. Essa é uma cena comum aos que realizam a atividade de coleta de lixo domiciliar:

A pinguinha era dada, né? Ah, então, vão na pinga mesmo, porque é dada! É de graça!

É engraçado, o gari ele apontava lá, neguinho já botava o copo em cima do balcão e enchia o copo de cachaça. Só do caminhão apontar lá. Falava: **ah, ele vai chegar pra beber mesmo! Quer dizer, só via a gente como bêbado, né? Só pra beber. Uai! Lixeiro não come, não?! Gari não come?!** E até hoje, eu acho que ainda rola esse tipo de movimento, né? Ninguém oferece o cara um sanduíche, um refrigerante, um suco, uma coisa saudável.

“Ah, ele olha assim... Ah é gari, é lixeiro, então é uma pingona mesmo que ele vai e pronto!”

Ah, isso eles te dá toda hora ai, né. E daí por diante...

²⁵ Regulamento de Limpeza Urbana - RLU – Art. 5 a 8 - Entende-se por serviço regular de coleta de lixo domiciliar a remoção e o transporte para destinos apropriados, do conteúdo dos recipientes e contenedores padronizados ou das próprias embalagens, como as de lixo acondicionado em sacos plásticos e dos fardos embalados de lixo compactado, **colocados pelos munícipes em locais previamente determinados, obedecendo ao horário estabelecido e os limites de peso e/ou de volume calculados na conformidade da tabela “Tipo de edificação – Produção de lixo diária”, constante das Normas Técnicas da Superintendência de limpeza urbana SLU.**

As pessoas em geral, vêem o álcool como útil “*para matar micróbios, ou matar os vermes...*” Essa é uma idéia que acontece com freqüência na sociedade e que vai aparecer como uma “justificativa” para oferecer a cachaça. Trata-se de outra situação que, somada ao fato desse trabalhador necessitar do álcool, teve influência para o desenvolvimento de sua dependência:

Ah... Puta merda, coitado desse cara. Vou dá ele uma pra matar o micróbio, ou matar o verme, e tal... Aí, dá uma cachaça. Eles alembra logo duma cachaça. Vão dá ele uma pinga!

E a gente já como tava com esse vulcão, né, em crescimento, ah, mais do que depressa! Uma aqui, outra ali na esquina, outra lá, e outra lá e aquilo tá só aumentano. Isso na equipe, em geral. **Então, cê num percebe que o grau de alcoolismo tá só aumentano, só aumentano, só aumentano...**

Porque enquanto eu tava ganhano de graça, eu num tava sabeno que mais tarde, eu ia pagar dobrado... paga dobrado. E como paguei!

As estratégias para beber

“o alcoólatra tem um jogo de cintura, rapaz!”

Ao longo de seu processo de dependência, Vítor foi desenvolvendo estratégias para beber. Desde criança, ele lançava mão desses artifícios, revelando também muita criatividade. É o que ele chama de jogo de cintura. Na vida adulta, passou a adotar os mais diversos meios para enganar sua mulher quando se ausentava por períodos prolongados para beber com os amigos:

Depois do trabalho, ia no mercado que tinha ali... No... Hoje é... Hoje é aquele restaurante popular. Ali, era o mercado Mauá.

Eu ia lá e comprava peixe variado... Meio quilo dum, um quilo do outro e tal, misturava aquilo tudo numa sacola, chegava em casa, jogava aquilo em cima da mesa, tonto ainda, e falava com a muié que eu tava pescando.

Três dia na gandaia! (risos)

Peixes variados. Comprava tilapia, cará, traíra... Cê entendeu?

Porque se eu compro uma qualidade só, ela ia falar: Esse rio só dá um tipo de peixe?! (risos)

‘É o jogo do alcoólatra’.

A estratégia para beber no trabalho

“eu tenho que tomar uma pinguinha e pular em cima do caminhão de novo”.

Vítor nos falou sobre uma das estratégias que usava para beber durante a jornada de trabalho, ficando claro que a escolha da bebida era condicionada à atividade, uma vez que, a cachaça é uma bebida que se toma rápido e também tem efeito mais imediato.

Dessa maneira, não tinha interferência no ritmo da coleta, ou seja, ele podia beber sem atrapalhar o funcionamento da guarnição:

É o alcoolismo meu foi só aumentando a dose. Já não era mais aquela cervejinha de tarde mais. Eu já tava bebendo era... **Porque ninguém te dá cerveja em serviço, né?**

Ninguém ia me dar cerveja, eu de serviço, né? **Porque a cerveja é demorada. Eu tenho que tomar uma pinguinha e pular em cima do caminhão de novo.**

Essa mesma estratégia de beber a “pinga”, durante a jornada de trabalho, apareceu também nas entrevistas que fizemos no trecho com uma guarnição de coleta:

Geralmente, o dono do bar oferece a pinga de livre e espontânea vontade. **Ele oferece por tradição.** Ele oferece pra todo mundo, pra quem gosta de refrigerante e cigarro também. Você tem que beber rápido. Entrou, bebeu e “desarma” logo. Vai saindo “vasado”.

Pinga num é porque a gente prefere, mas a maioria dá a pinga, né? **Pinga parece com água, e é rápido.**

Os sinais da dependência do álcool: o ciclo vicioso

“minha mente já estava acostumada com aquele grau de álcool. porque quando é só socialmente, ainda é uma alegria positiva, porque o cara tem controle do seu alcoolismo. mas, quando é por necessidade do álcool, né? Aí, é aquela alegria falsa. porque a tristeza vai vim logo em seguida”.

Com o passar do tempo, o álcool começa a aparecer na vida de Vítor como um “remédio” para a sua “tremedeira” e para aliviar seu sofrimento, ironicamente, decorrente do próprio uso do álcool. Ou seja, ele caiu em um círculo vicioso passando a beber também para reduzir os efeitos do álcool:

Eu falava com alguém e o cara: *ah, sai pra lá ô... tonto!* O cara num me ouvia.

Então, eu afogava... Desafogava tudo... no copo. **É o único que me entendia.**

Que acabava com a minha tremura aliviava o meu sofrimento instantaneamente.

Apesar de perceber que não conseguia parar de beber, Vítor ainda não se via como alcoólatra:

Eu num tinha vontade de parar de beber. Eu sabia que eu era um dependente do álcool... Eu precisava do álcool. Porque dependente é muito sofisticado pra mim falar... naquela época era... Era.

Se alguém falasse que era alcoólatra, era perigoso eu sair no tapa com o cara. (riso).

Ele começou a perceber os sinais da dependência do álcool quando estes começaram a ficar evidentes em seu cotidiano:

Na verdade, eu tava me afundando cada vez mais no alcoolismo.

É... Isso faz ao cara, né...? **A ir em determinados lugares que ele não deveria tá ali naquele momento, naquele dia, naquela hora.** Deveria ter se recolhido pra casa pra saber como é que tá passando a esposa, o filho, ou mesmo um parente próximo, né?

Ele percebeu a dependência, mas não sabia como lidar com ela. Apesar de suas tentativas de entrar em processo de abstinência, ainda não conseguia:

Porque minha mente já estava acostumada com aquele grau de álcool, né? Então, naquele momento, momentaneamente, dava aquele alívio. E me trazia aquela falsa alegria, porque era falsa. Porque quando passava aquele efeito, eu precisava de mais. (...) Então, não resolvia o problema, só arrumava outro problema, só tava acumulando os problema.

Além da abstinência física e psicológica, Vítor tinha ainda que lidar com as pressões do grupo de trabalho quando estava tentando parar de beber. A partir de seu relato, fica claro seu sofrimento, pois entrava em conflito tentando livrar-se de sua dependência e, ao mesmo tempo, tinha que suportar os apelidos pejorativos dados pelos seus colegas de trabalho:

E... Chegava na garagem, por falta de informação, às vezes, eu num sei de alguns... Da época, num tem muito tempo... Uns dez anos atrás, uns oito, né? Porque num tem muito tempo que eu parei de beber. Num sei se é por

falta de informação deles, ou por desprezo mesmo, quando eu chegava no pátio, na entrada do portão, de lá do meio do pátio eles falavam: **“ah, leva aquele “*pu*dim de pinga” com vocês”**.

Às vezes, naquele dia eu chegava com o propósito de não beber... Né? Mas... Eh... O alcoólatra ele tem pouca serenidade.

Aí, nego ia me malhar, aí, eu ia apelava com ele. Se eu num apelasse, mesmo que eu num apelasse, mas eu saía dali revoltado.

Porque eu tava tentando parar de beber. E pra mim parar de beber, eu tinha que passar por aquela vergonha toda, aquela tremura, aqueles calafrio, aquele negócio todo.

É meio complicado, cê entendeu, **mas do cara ser taxado de “pu**dim de pinga...” Eh... De **“pé de cana...” De vários outros pseudônimos que o alcoólatra carrega...**

A num ser aqueles maus pagadores: *“Cachaceiro!” Esse cara me deve, pô! Bebida. E num é homem pra me pagar! Até que o cara num é homem...*

Eu num sei se eu fui tachado de mau pagador, né? Mas aposto que sim! Porque num sou diferente de nenhum outro alcoólatra, que teve o mesmo grau de alcoolismo que eu tive né?

Outros sinais da dependência do álcool vão aparecendo no corpo e Vítor usa o próprio álcool para combatê-los:

Ele vai sentir calafrio igual eu senti, ele vai sentir... eh... Como posso colocar pra você... tem paciência de ficar sentado, doido que a reunião termine, ele vai... Se sentir... afoito, né? Aquele cara assim... Afobado... O ambiente num tá legal, né? Isso acontece comigo de uma forma, acontece com outro de outra... Acontece o outro dá delírio, o alcoolismo ele traz certos tipos de sintoma que o cara fala: *puta merda...*

E é só ele tomar três colher de cachaça aquilo some tudo! Aquela angústia some aquele calor no corpo que sobe assim... Desaparece aquela formigação já num formiga mais. É uma coisa interessante!

Ele consegue descrever em que momento passou a ser dependente do álcool, ou seja, o momento em que o álcool deixou de ter a função de ajudá-lo a suportar melhor as exigências de sua atividade como suportar o frio por fazer a coleta na chuva, o ritmo intenso ou as situações de retrabalho, para se tornar uma necessidade.

A partir desse momento, se ele não consumisse o álcool, ainda que fosse um pouco, ele não conseguia realizar as coisas mais simples do seu cotidiano de trabalho como marcar seu cartão de ponto e colocá-lo de volta na chapeira. Não conseguia mais executar gestos banais, sem beber uma dose de cachaça antes:

Comigo... Aconteceram várias passagens... que o álcool passou a ser necessidade pra mim... Quando eu num conseguia mais enfiar o cartão na chapeira, trupicar ele na boca daquela... daquela fresta lá. De manhã, o meu alcoolismo foi... **o meu grau de alcoolismo foi tão grande que de manhã se eu não tivesse tomado duas ou três no mínimo, eu num conseguia bater o cartão.** Eu tinha que pedir um colega... “Ô”, aí, já ia com

aquela arrogância aquela prepotência que eu falei pro cê: **“ô chegado, bate cartão pra mim aí. Tá na boca do relógio aí me atrapalhando!”**.

Dessa forma, o álcool que era um recurso importante para auxiliá-lo a lidar com seus problemas cotidianos, como assinar o nome, tornou-se uma necessidade física e psíquica.

A partir de então, ficou evidente que ele passou a interferir negativamente em seu trabalho, pois sem uma dose diária, não conseguia realizar adequadamente suas tarefas:

Como é que eu ia pendurar no caminhão com os nervos todo atrofiado, né todo trêmulo.

Pulava no chão, a cabeça parecia que... Tudo solto aqui dentro... Chacoalhava sabe como é que é?

Mas se eu tomasse duas ou três, eu chegava aqui, assinando igual médico. Num é? E enfiava o cartão lá numa boa! Aí, eu digo pra você, era uma necessidade que eu tinha de beber. Pra acabar com aquele negócio assim, uai!**É... Num é ressaca. Isso num é ressaca. Isso é a falta do álcool no organismo.**

Diante de todas essas evidências, Vítor percebeu que estava dependente. Sua fala demonstra claramente que ele começou a mudar a forma de pensar a sua relação com o álcool, deixando de vê-lo como um meio, um recurso, para percebê-lo como um problema, ou seja, deixou de ser uma escolha entre beber ou não beber e passou a ser dependência:

Antes eu falava: *Alcoólatra é aquele mendigo que tá lá debaixo da ponte, lá rapaz! Eu num sou mendigo!*

Mas eu tava redondamente enganado. Às vezes, eu tava pior do que aquele cara que tá lá debaixo lá da marquise lá. Porque, às vezes, ele tá ali, por falta de opção, mas num bebe uma gota de álcool. E eu não. Eu tava ali, porque eu era mendigo. Porque o alcoólatra ele é mendigo, de um modo geral. Porque ele num tem dinheiro ele fica lá chorando no pé do comerciante pra... pra tomar uma cachaça. O dinheiro cabô! Ele contou as pratinhas!

“Ô fulano de tal, quebra o galho aí, pô... me arruma só mais uma aí, pra eu ir embora!” *O cara: que isso, pô. Cê já bebeu... Quase dois litro!* **“Mas só mais uma...”**.

Mas ele num tem consciência de que ele bebeu quase dois litros. Ele tá precisando é de “mais uma!”.

Em outros momentos de seu relato, ficou evidente essa necessidade gradativa de álcool:

Isso o cara vai dá uma voltinha e quer “mais uma!”.

Eu falava com ela que... Saía na sexta-feira pra ir... Trabalhar do serviço arrumava uma rodinha de pagode e ficava ali até... Uma e meia. Falava: "Ah, num vou embora mais não já é uma e meia da manhã. Daqui a pouco tem que tá voltando pro serviço, se eu dormir, eu perco hora".

*E a muié tá com raiva. Ela num vai me chamar. **Aí, eu emendava ali.***

Vítor refere-se a uma fase na qual bebia e ia para o trabalho antes mesmo que o efeito do álcool tivesse passado. Às vezes, só retornava para casa na segunda feira à tarde:

De manhã, eu vinha no sábado trabalhar. Pegava serviço, num tinha tempo nem de sarar o meu alcoolismo... E ia pro trabalho. Saía trupicano, mas ia... Trabalhava junto com os cara, tal.

Em vez de ir pra casa saber como é que tava a família, emendava. Na segunda-feira que eu ia chegar em casa, de tarde.

Esse processo foi se agravando e, em certo momento, ao que tudo indica, ele entrou em um quadro depressivo, após ter sido abandonado pela esposa:

Por causa do meu alcoolismo, a minha mulher me abandonou, levou meus filhos tudo eu... perdi o prazer de trabalhar assim... Simplesmente eu perdi a... Num é que eu perdi o prazer... Eu num tinha força, num tinha cabeça pra enfrentar... As ruas de Belo Horizonte... O trânsito... O rosto... O sorriso dos colegas me incomoda... Então, eu fiquei dentro de casa bebendo dezessete dias... Dentro de casa em tempo de morrer lá de fome. Só tinha força pra buscar cachaça.

Apesar de suas tentativas de entrar em processo de abstinência sozinho, o álcool foi assumindo cada vez mais um lugar central em sua vida, até que, em um determinado momento, seu único desejo passou a ser o de beber:

Queria parar de beber, mas num conseguia sozinho. E tinha aquela... Aquele receio de pedir ajuda, e ser negado, porque muitas coisas foram negadas pra mim como alcoólatra.

Mas eu já tinha perdido a noção de tudo. Num é que eu tinha perdido. Estava escondido... num cantinho do meu cérebro que o álcool já tinha passado como se diz... um véu por cima...

Meu desejo era só beber, beber, beber...

A tentativa de abstinência: “o grupo que chama para beber e o que chama para não beber”

“porque eu tava na roda errada... né? e eu tava girando contra o relógio. todo mundo indo pra frente, e eu só regredindo”.

Atendendo ao convite de um colega de trabalho, Vítor entrou para um grupo de Alcoólicos Anônimos o que influenciou bastante no seu processo de abstinência. Ele começou a fazer uma distinção entre o grupo que chama para beber e o que chama para não beber:

Tem dois tipos de grupo, tem o grupo de bebedor assíduo e aquele grupo que tá abstêmio, que é o nosso né, graças a Deus! O grupo que chama pra beber e o que chama para num beber.

O V. já tinha feito um trabalho com vocês lá na Psicologia e foi pro grupo lá de reforço lá no... Que é o “Botão de Rosa”²⁶ que é nosso grupo de origem. *Aí, eu falei com ele: “Ô ocê tem me chamado pra esse tal de A.A aí direto. Amanhã cê pode passar lá em casa e me chamar, que eu vou com você”. Cê vai mesmo, Vítor? “Vou, amanhã eu vou com ocê. Mas hoje eu vou beber tudo que eu tenho direito”.*

Quando eu cheguei no “Grupo Botão de Rosa”, eu vi uma roda lá também. Ela começa na medalha amarelinha, verde, azul, bonina, e tal, é uma roda. Eu falei assim: “aí, qualquer lugar que eu for, eu tenho uma roda. Eu larguei aquela roda de samba lá, mas aqui tem uma roda também, pra mim fechar”. Chega lá no nosso grupo de apoio da psicologia também uma roda. Então, aí... são as rodas saudáveis! Porque eu tava na roda errada, né? E eu tava girando contra o relógio. Todo mundo indo pra frente, e eu só regredindo.

Ele nos relatou um momento muito peculiar no seu processo de entrada em abstinência, em que os colegas de trabalho promoveram apostas sobre seu comportamento em relação ao álcool. Enquanto alguns apostavam que ele conseguiria ficar sem beber, outros ao contrário, afirmavam que ele não daria conta de ficar nem uma semana sem o álcool.

Essa situação acabou servindo-lhe de estímulo, pois significou um desafio, levando-o a se esforçar a ficar sem a bebida:

Por que... igual teve indivíduos... que hoje são companheiros, que apostaram na minha abstinência. Eles falaram assim: ah eu dou...uma semana, ele tá bebendo de novo.

Aí, o outro... Vão apostar uma caixa de cerveja? Esse cara me reforçou ainda mais!

Vão apostar então? Vamos!

²⁶ “Botão de Rosa” - Nome de um grupo de Alcoólicos Anônimos do Bairro Salgado Filho.

É interessante notar que os colegas de trabalho, ironicamente, apostaram caixas de cerveja na abstinência de Vítor:

Apostaram uma caixa de cerveja, outro apostou doze, outro apostou num sei quantas... E uns apostando que eu ficava, outros apostando que eu não ficava... E que eu não ficava nem um mês e tal.

E... Parabéns pra quem ganhou a cerveja. Eu gostaria que ele não tivesse ganhado né? Mas ele ganhou! Pra ele perder, eu tinha que beber. Mas aí, eu num ia gostar também do outro que ia ganhar, porque eu num queria ver nenhum deles bebendo aquela cerveja, né? Eu gostaria que ficasse assim... um empate. Mas empate, num podia dar... (risos)

Se fosse um outro tipo de aposta, mas eles apostaram cerveja, né? (risos).

Eu fiquei numa... Numa "sinuca de bico", posso dizer né?

Mas exatamente quem ganhou é o que mais me ajudou né? Porque apostou na minha abstinência, e apostou bem.

O período de abstinência

"Dia 17 de setembro, fez seis anos que eu estou abstinente. E foi uma festa imensa e de grande alegria positiva, pra mim, né? Porque a alegria do álcool é uma alegria negativa".

Mesmo depois de estar em abstinência há seis anos, Vítor ainda relatou algumas seqüelas que, segundo lhe afirmou um médico, seriam consequência do seu uso prolongado de álcool:

Desde dois mil, eu sinto fortes cólicas renais. Fui ao médico e, segundo ele, é um pequeno cálculo, uma pedrinha que eles chamam de cálculo, né? Ele falou comigo, pelas imagens lá, que é menor do que um bago de arroz. É a metade dum bago de arroz desses maiorzinho, né?

Ele me disse que eu ia expelir na urina esse cálculo. Mas, vai pra cinco anos que eu tô expelindo esse cálculo. E até hoje, nada.

Na época, eu perguntei a ele, o quê que acarretava isso?

Ele falou: "tem várias formas de adquirir isso, né? Através de cálcio, muita comida esses trem, né? Isso tudo contamina os rins e dá esses pequenos cálculos...".

Aí, eu falei: "isso aí é derivado de leite, né dotô?"

Ele falou: isso num é derivado de leite, não... Isso num é derivado de leite, não (risos).

O leite tem o cálcio... Aumenta a pedra e tal, mas isso num é por aí, não! Isso aí, é outra seqüela. Cê bebe né?!

Eu falei: "não. Tô com um ano e tanto que eu num bebo nada".

Pois é, mas agora que cê tá sentindo os efeitos.

Ao falar das mudanças que ocorreram em sua vida, durante esse período em que esteve em processo de abstinência do álcool. Vítor abordou vários aspectos na família e no trabalho. Vamos citar alguns que consideramos mais significativos.

O segundo casamento

Em 1999, Vítor casou-se pela segunda vez. Sobre esse casamento, disse que, atualmente, tem uma vida tranqüila com sua companheira. Eles têm uma filha que nasceu em 28 de maio de 2000 que está com sete anos de idade. Demonstrou também outra forma de lidar com os problemas de relacionamento afetivo no cotidiano:

Quando eu conheci minha companheira atual, eu tava em abstinência. A nossa vida fica muito mais tranqüila, faz diferença. Eu tenho uma filha com ela que tá com cinco anos. Problema a gente tem, mas todo mundo tem problema.

As mudanças no contexto familiar

Ele mencionou uma mudança que percebeu em seu comportamento em casa dizendo que se tornou mais *pacífico e muito caseiro*:

É porque eu largava o trabalho, algumas vinte e quatro horas atrás, e em vez de retornar para o lar, e descansar, não, eu tinha que passar num barzinho primeiro, fazer uma festinha tomar umas e outras e tal. **Hoje, o Vítor é um outro Vítor, né? Diferente. É um Vítor pacífico, pacato e muito caseiro.**

A mudança ficou evidente também na importância que ele passou a dar aos seus estudos e aos estudos dos filhos.

Enquanto estava bebendo, Vítor não via necessidade de estudar ou, por exemplo, se informar sobre as questões relacionadas à sua categoria profissional:

Graças a Deus, depois que eu parei com esse ambiente de barzinho esses negócio, eu voltei a estudar. Porque a minha formação é muito curta, né? Preciso ficar realizado ainda, né? Perante os estudos. Eu mal sabia assinar o nome. Hoje, eu posso dizer assim que eu sou um cara que eu pego um jornal do sindicato ou de outros órgãos aí internos que têm. É com muita dificuldade, mas eu já leio. **Mas isso tudo porque eu parei de beber e procurei aprender. Nunca é tarde para aprender, né?**

E, às vezes, passo isso pros meus filhos.

A experiência vivida com o alcoolismo de seu pai serviu de referência para que se empenhasse em evitar que seus filhos passassem pelo mesmo sofrimento:

Eu posso dizer pro cê... Que... Eu acho que é pela minha experiência de vida que eu tive com meu pai. Porque eu num queria pra isso mim, né? Acho que ninguém quer passar o que eu passei.

E ficava pensando... No meu passado... falava: "puta merda... Como eu gostaria de pegar um livro ali agora e... Lê-lo. Saber o quê que ele tá me falando, né?"

Mas meu filho, ou minha filha, num vai ter esse tipo de problema, se for por mim. Só se for por eles mesmos. Porque se depender deu comprar um lápis, uma borracha, um caderno... eles vão estudar até quando quiser". E assim foi, né?

Então, o sentimento que eu tenho é esse cê entendeu?

Ele demonstrou orgulho por ter conseguido formar dois filhos trabalhando na SLU, fazendo questão de afirmar que realizou o que seu pai não conseguiu, por causa do alcoolismo:

Eles têm o ensino... posso dizer... básico né? Porque todos dois têm o segundo grau. O mais velho não formou no seu segundo grau, porque não quis. Parou de estudar.

Mas, os dois mais novos têm essa formação que é o segundo grau completo, graças a Deus!

Este gari aqui conseguiu. O que o meu pai não conseguiu né? Por causa do alcoolismo dele.

Ele fala também com orgulho do fato de estar estudando em casa, sendo sua filha quem lhe dá aula:

Mas é isso, é largar serviço aqui às quatro e vinte e, se tiver alguma coisa pendente pra resolver na rua, eu vou, resolvo e volto direto pra casa. Hoje, eu tenho a felicidade de ter minha filha que me dá aula em casa mesmo, não tem a necessidade de sair para um colégio e tal, né? Porque graças a Deus com essas boas pernas que Deus me deu, aí trabalhando na limpeza pública, eu consegui formar dois lá né? O meu filho e minha filha, graças a Deus! E essa companheirada aí que me ajuda muito!

Mas é de seis anos pra cá é que vim me preocupar. Eu tô com 46 anos.

Hoje, Vítor se vê como uma pessoa que assumiu o lugar de pai, e é reconhecido como tal. Apesar de atualmente, estar divorciado de sua primeira mulher, não abandonou os filhos desse casamento:

Eu como pai eu falo: “*eu não tive isso, não tive isso assim, assim que ocês estão tendo, mas também num culpo eles porque eles estão tendo o que eu não tive*”. Eu só lembro eles que eu não tive a oportunidade que eles têm. Então, aproveitem. Que é pra num passar a dificuldade que eu passei e, às vezes, até hoje passo. Porque quem não tem dificuldade nesse planeta, né?
 Mas eu nunca abandonei eles e estou sempre lá. Hoje, são meus amigos, né? A mãe deles mora no mesmo bairro que eu. E eu estou sempre lá ajudando no que posso. Na reforma da casa, esses trem, né? Eu sou pedreiro também. Aprendi isso que a vida me ensinou.

Ainda assim, Vítor fala de um sentimento de culpa que tenta resolver, fazendo pelas netas o que acredita não ter feito pelos filhos, enquanto estes eram crianças e estavam sob sua responsabilidade:

Me separei da minha primeira família. Eu pago pensão pra eles até hoje. Eu tenho um com vinte e cinco, um com vinte e quatro, um com vinte e três, né?
 Inclusive, eu tô até com uma ação na justiça pra fazer uma revisão e ver se a lei me concede a suspensão dessa pensão que eu pago. Porque eu já acho que já é indevida, né?
 Porque eles já têm família, os dois mais novos.
 Eu já tenho duas netas, lindas por sinal! Acho que é por isso que eu nem reclamo. Fez três anos agora, as duas netinhas que eu tenho.
Eu... tudo que eu num pude fazer pros meus filhos, eu procuro fazer pra elas. Eu acho que é até uma maneira deu me desculpar com eles, né?

Ele fala também que, na época em que bebia, tinha dificuldade de administrar o seu dinheiro, pois o salário era insuficiente para comprar a roupa que usava no trabalho, manter as despesas da casa e fazer as festas com os amigos. Ele tinha que escolher:

O dinheiro num era pouco não. A gente administrava mal, por causa do alcoolismo, né? Tinha as festas com os amigos e ainda tinha que manter a casa, aquele negócio todo. Você falava assim: *se eu tirar... Naquela época era cruzeiro, não me lembro como é que era a moeda... Tirar mil cruzeiro aqui para comprar uma calça pra fazer uma bermuda, vai fazer falta. Isso eu num ia fazer de jeito nenhum! Vou trabalhar com aquele molambo lá até o mês que vem*. E daí por diante... Num tinha esse negócio. Cê num ia desvestir um santo pra vestir outro! Ah, eu vou comprar uma calça pra fazer uma bermuda? De jeito nenhum.

Embora não quisesse, às vezes, era necessário cortar uma calça jeans nova e fazer uma bermuda. Por um lado, para evitar as ironias no grupo e, por outro, para resolver as exigências da própria atividade, pois a calça jeans dificultava a mobilidade para o trabalho por ser um tecido mais grosso que, ao molhar, ficava ainda mais pesado:

Se eu pôr aquela calça inteira no serviço, nêgo vai me gozar, vai me chamar de doutor, lá né? Porque tinha isso também, né? O cara, às vezes, chegava com uma calça comprida lá... *Quê que é isso?! Virou chefe? É médico? É dotô agora?! É advogado? Vamo cortar essa calça aí.*

Os caras já pegavam, metia a tesoura e cortava a perna da calça. Porque diz eles que te dava mais liberdade pra correr, aqueles negócio todo, né? Ou então, movimentar em cima da carga. *E realmente era verdade, né? Porque a calça, uma calça jeans, cê num tem uma certa habilidade como cê tem com a bermuda, né? Isso realmente era verdade. Cê botava uma calça jeans, quando ela molhava, ficava muito pesado pra trabalhar.*

Ele se referiu também à questão financeira citando a importância que percebe em ter um cartão de crédito, uma conta corrente e uma poupança para resolver alguma situação de emergência na família:

Eu num tinha um cartão de crédito, num tinha uma conta. A conta que eu tinha era conta corrente, só de receber o pagamento. Num tinha conta corrente pra mim. Hoje já tenho uma poupança. Num é muita coisa não, mas é o dinheiro de levar um menino ali no pronto socorro, se precisar.

As mudanças no significado do trabalho

“eu tenho orgulho de falar assim: eu sou “agente de limpeza”, trabalho na slu!”.

O sentido do trabalho para Vítor foi modificando-se também em função do seu processo de abstinência e das mudanças técnicas que ocorreram na limpeza urbana. Isso fica evidente em sua fala quando faz referência a si e ao trabalho:

E hoje, eu tenho consciência que estudar faz falta, porque eu não era um “Agente de Limpeza”. Não que isso tira mérito de ninguém, não... Eu sou... Eu tenho orgulho de falar assim eu sou “Agente de Limpeza”, trabalho na SLU!

Eu não falo isso lá com o munícipe. Que eu sou “Agente de Limpeza”. Lá eu me coloco mais... posso dizer diferente. Assim: *“ah eu sou gari da SLU e tal, trabalho na*

limpeza pública aí”. Porque para o munícipe é uma linguagem que ele vai entender. Se eu falar com ele que eu sou Agente de Limpeza ele vai falar: *ah, esse cara trabalha na Federal?! Veio limpar os cofres ali? É um agente de saúde da dengue?(risos)*

Ele num vai entender. O munícipe não vai entender esse linguajar.

Um outro ponto importante foi que, em abstinência, ele passou a ter uma outra visão de seu trabalho, o que influenciou sua maneira de se relacionar com a sociedade.

Ele falou da importância de estar sempre bem humorado, *bem aparentado fisicamente e limpo*. Isso, no seu entendimento, facilita o relacionamento cotidiano com os munícipes e destes com os garis:

Hoje, eu vejo que o comportamento perante a sociedade é muito importante, porque o gari já não é bem visto pelo trabalho que faz, não digo por todos. Mas ainda tem assim... uma minoria que vê o gari assim indiferente. **É uma profissão suja né? Porca. Então, o gari tem que estar sempre bem aparentado fisicamente, limpo, e sempre sorrindo porque você sai para um trabalho que a gente está sempre lidando com muitos tipos de pessoas.** Tem pessoas bem humoradas, tem mal humorada, pessoa de todo tipo na rua a gente encontra. Às vezes, não, o cara sai de casa até bem humorado, mas por um fator de trânsito ou qualquer uma coisinha, ele se estressa. **E a gente estando ali com aquela cara carrancuda também, pode gerar um certo atrito, porque o gari está em contato direto com a população ali.**

Sempre cumprimentando um outro, sempre sorrindo, porque, às vezes, a pessoa está até irritada naquele momento ali, mas de ver o sorriso dum que passa ao lado dele ali já traz uma energia positiva, né? **Então, o gari tem esse papel perante a sociedade executando o trabalho de limpeza pública.**

As mudanças nas relações de trabalho

“separar o joio do trigo. isso não é coisa fácil!”.

Uma das primeiras mudanças que aconteceram na relação de Vítor com o trabalho consistiu na necessidade que sentiu de selecionar os companheiros. Começou fazendo uma distinção entre aqueles que ele entendia *“por amigo de verdade e aqueles amigos de copo. Esta foi a minha mudança no comportamento em primeiro lugar: é ser amigo dos amigos. Separar o joio do trigo. Isso não é coisa fácil!”*.

Como já afirmamos anteriormente, uma das características da atividade de limpeza urbana é o fato de ela ser, necessariamente, em grupo.

Quando Vítor tomou a decisão de fazer esta distinção, teve que colocar em prática a habilidade de fazer isso sem criar atrito, pois isso inviabilizaria sua atuação na sua guarnição.

Um outro aspecto dessa mudança foi na sua maneira de resolver os conflitos inerentes às relações cotidianas de trabalho.

Quando os desentendimentos entre os componentes da guarnição aconteciam no trecho de coleta, pôde-se observar uma outra maneira que ele encontrou de resolver esses conflitos:

Às vezes, a gente se desentende no trecho. No dia seguinte, o camarada... Ou passa dois, três dias... ele vem e fala: *oh... Mangaba* (é porque aqui eles me chamam de “Mangaba”), *Oh, Mangaba... o negócio é o seguinte: pô... ocê foi um cara gente fina pra caramba, cuca pra caramba. Eu tava erradão naquela parada*

lá, e ocê falou que era ocê. Que era ocê, e ainda falou que foi mal... Ocê me desculpa, aí!

Falei: *“pô, que parada? Já até esqueci, mano! Num lembro mais nada não...”*

Ah, que nada... eu tinha tomado uns golo lá entrei numas com ocê lá...

E ocê parou de beber, deixou esses trem tudo pra trás.

Falei: *“Aí, é um exemplo a ser seguido, né?”*

Quer dizer, se eu tivesse no mesmo nível de álcool dele, nós teria brigado, né? E ele tava errado!

É isso que, na época que eu bebia, eu não aceitava. Porque, às vezes, onde que eu podia deixar pra lá, eu num deixava. Aí, esquentava a frigideira mesmo e o pau quebrava!

No que se refere à responsabilidade com o trabalho, disse que hoje está mais cuidadoso para não se acidentar, pois é um pai de família e não pode ficar afastado. Um afastamento do trabalho poderia acarretar diminuição da renda comprometendo a todos os que dependem de seu salário:

É porque eu piso de um lado, né? Então, a bota de segurança gasta mais dum lado do que do outro. Então, eu tenho que ficar atento nisso, né? Porque se não eu piso num passeio um pouco irregular, com o desgaste da bota eu torço mesmo o pé, não tem jeito. E aí, a gente fica atento sobre esses fatores. E hoje, um pai de família não pode ficar “dependurado”²⁷ com muita frequência não. Tem que ficar freqüente aqui no trabalho, né?

O “jogo de cintura” para lidar com as dificuldades

Vítor fala de outra forma de lidar com o cotidiano de trabalho a partir de sua abstinência. Afirma que hoje, lida com a questão do preconceito, por exemplo, com mais “jogo de cintura”:

Eu hoje já não tenho esse tipo de problema, né? De preconceito. Nem se eu tivesse que voltar a vestir aqueles mesmos traje, claro que eu não ia trabalhar com uma bermuda rasgada e tudo avacalhado, né? Mas se tivesse que usar bermuda aí na rua, ou pé dum pé d’outro... **Com certeza eu ia ter outro jogo de cintura par resolver esse problema, mas me envergonhar do trabalho nunca.**

Ele fala sobre esse “jogo de cintura”:

O jogo de cintura que eu quero dizer pro cê é procurar um tênis melhorzinho pra trabalhar, né? Uma bermuda mais larga e tal. E naquela época, a gente não preocupava muito com isso não. Eu não tinha jogo de cintura. E, às vezes, também, eram as condições daquela época pra gente conseguir uma bermuda era uma dificuldade danada. *(risos)*

A recaída

Em 26 fevereiro de 2007, Vítor foi encaminhado pela chefia à psicologia. Ele estava com a aparência física mal cuidada, rosto inchado e hálito etílico. Durante o atendimento, falou que estava em recaída e contou como aconteceu:

Neste final de ano, eu viajei com a família para Guarapari. Foi todo mundo, minha esposa, minha filha, meu cunhado, todo mundo. Eu estava muito feliz. Quando a gente chegou a gente tava numa roda de samba. Aí, todo mundo tava bebendo. Aí, foi ficando entusiasmado e eu caí nessa roda. Quando eu vi, “quebrei a ficha”. **Tomei o primeiro gole. Eu não consigo te explicar o que foi. Quando eu vi, já tava bebendo. Quando a gente “quebra a ficha, quebra muito mais coisa, quebra a cara”.** *(nesse momento Vítor começou a chorar)*

Naquele momento, nos ativemos apenas à percepção de Vítor sobre a recaída, uma vez que, não tivemos mais como aprofundar no entendimento do caso, pois ele não nos deu mais entrevistas e não compareceu aos atendimentos marcados.

Segundo sua chefia, tem comparecido regularmente para trabalhar e deu entrada nos papéis para a aposentadoria por tempo de serviço em 21/12/06. Está aguardando o andamento do processo no INSS.

Assim, não podemos afirmar se a recaída teve conseqüências mais graves ou se Vítor conseguiu retomar seu propósito de abstinência.

Análise do caso

²⁷ -“dependurado” - Na gíria usada pelos garis é a pessoa que falta ao trabalho seja por motivo de

Ao longo de sua história Vítor, sempre teve contato com o álcool e suas conseqüências, sejam diretas, por consumi-lo, ou indiretas, pelo alcoolismo de seu pai.

Suas primeiras experiências com o álcool foram por curiosidade infantil quando ia ao bar buscar a cachaça para o seu pai e bebia parte do conteúdo da garrafa, completando com água. Dessa forma, ele se sentia, pelo menos em parte, ressarcido pelo prejuízo causado pelo pai por ficar com todo seu salário.

Sua entrada no mundo do trabalho se deu pela Construção civil, acompanhando o pai, sendo que seu primeiro trabalho foi o de “desentortar pregos”. Pesquisas mostram que o trabalho na construção civil é uma atividade em que os índices de problemas relacionados ao uso abusivo de álcool são elevados.²⁸ Vítor, ainda criança, se vê nesse ambiente favorável ao alcoolismo.

Em 1979, com vinte anos de idade, Vítor começou a trabalhar na SLU.

Naquele momento, deparou-se com o seguinte contexto: uma atmosfera de “naturalização” do consumo de álcool entre os trabalhadores da limpeza urbana, condições precárias de trabalho, além do reencontro de alguns amigos de futebol, que segundo ele, eram também seus companheiros de bebida, após os jogos.

Há que se ressaltar que, uma das características da atividade de coleta de lixo domiciliar é o fato de ela ser realizada essencialmente em grupo, sendo comum os trabalhadores se encontrarem depois do trabalho para beber.

Todos esses pontos citados vão convergir para a estruturação de um grupo coeso e destacado dos outros garis que se auto denominou “elite do golo” e do qual Vítor fazia parte. Esse grupo, ao que parece, foi determinante por um período de uso do álcool, pois o que começou como uma forma de integração social evoluiu até tornar-se uma espécie de prisão. Ele se sentia preso ao grupo, segundo suas palavras, *como peixe na rede*.

O grupo de trabalho, por sua vez, paradoxalmente, exerceu também uma pressão no sentido contrário à sua dependência e foi um suporte para que entrasse em processo de abstinência. Tudo indica que, a partir do momento em que a bebida tornou-se disfuncional, interferindo negativamente na realização das tarefas, a equipe de trabalho passou a pressionar Vítor no sentido de reduzir o seu uso.

doença ou acidente de trabalho.

²⁸ - Ferreira Junior (1990) afirma que os trabalhadores da construção civil apresentam taxas de problemas relacionados ao álcool excepcionalmente altas se comparadas com a população em geral. Lima, E.A (2004) também aponta a construção civil como uma categoria de profissionais em que “as chances de apresentarem transtornos mentais pelo uso do álcool é de 2,30 vezes as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas”.

Um outro fator que foi importante para o desenvolvimento de sua dependência de álcool foi a relação com a sociedade. Pelo fato do seu trabalho acontecer na rua, é fundamental que os trabalhadores construam redes de relações importantes para resolver questões do cotidiano como, por exemplo, um local definido para beber água.

No entanto, essa rede também facilita a entrada de álcool, pois como ficou evidente no caso de Vítor, é comum ocorrer uma troca de “favores”, principalmente, com os donos de bares, cuja moeda de troca é o álcool.

Podemos afirmar que o trabalho foi um elemento que teve influência significativa na forma como Vítor se relacionou com o álcool durante sua vida, seja levando-o a beber e, paradoxalmente, ajudando-o a entrar em processo de abstinência, durante o período que esteve nessa condição.

No entanto, depositar todas as suas mudanças de comportamento em um único ponto, ao trabalho, neste caso, é tratar de forma simplista a questão do alcoolismo, tanto quanto o fazem aqueles que acreditam na idéia ingênua, de que beber ou não beber, seja uma questão apenas relacionada a uma decisão do indivíduo.

Caso: 2 - A história de “Carlos”²⁹

Este estudo de caso é referente a um gari III que trabalha na SLU, desde 1979. Ele foi admitido na Autarquia, ainda adolescente, para o cargo de capinador, que exerceu até novembro de 1982.

Em dezembro de 1982, foi promovido para de gari II³⁰ exercendo esta atividade, durante um ano e, em 1983, começou na atividade gari III.

Nosso primeiro encontro com Carlos aconteceu em 04 de março de 1996. Veio à Psicologia, assim como Vítor, a partir de um encaminhamento da chefia da Divisão de Limpeza Pública Norte - DV-LPN ao PPAA.

²⁹ - “Carlos” é um nome criado para preservar a identidade do entrevistado.

³⁰ Gari II – Descrição sumária do cargo - objetivos do cargo - Desenvolver atividades que consistem no apoio à limpeza pública de ruas e logradouros tais como, operação de lavação, desobstrução de caixas e ralos, confinamento remoção e destinação final do lixo público, e outros, operação de roçadeira mecanizada, prensa hidráulica e outros equipamentos próprios. **SLU Livro do Planejamento estratégico**, 1990, pág. 14.

Havia algum tempo que Carlos estava fazendo uso de álcool durante a jornada de trabalho e somente depois que foram tomadas todas as medidas administrativas pertinentes, a chefia o encaminhou para acompanhamento pelo setor de psicologia.

Ele compareceu aos atendimentos semanais regularmente até o fim do mês de abril de 1996, quando abandonou o acompanhamento.

Em julho de 1996, foi novamente encaminhado à Psicologia.

A partir de então, compareceu aos atendimentos individuais e às reuniões mensais do grupo de prevenção à recaída, até novembro de 1996, quando abandonou novamente os atendimentos, sem demonstrar nenhuma mudança de comportamento no que diz respeito ao seu uso de álcool.

Apesar de todas as tentativas para que retornasse, incluindo contatos com sua chefia, ele não retornou.

Aceitou reiniciar o tratamento, anos depois, em julho de 2003.

Disse que foi o fato de ter percebido que o seu consumo de álcool estava aumentando que o fez retornar. Afirmou que o álcool estava prejudicando a sua vida e seu trabalho, por isso gostaria de ser acompanhado pela psicologia.

É importante ressaltar que, desta vez, Carlos procurou ajuda “por conta própria”. Segundo suas palavras, “*eu mesmo procurei a chefia e pedi pra marcar pra mim*”.

O acompanhamento do seu caso, no decorrer desses anos, nos levou a convidá-lo para participar desta pesquisa.

Ao longo do acompanhamento de Carlos pudemos perceber que o fato dele trabalhar na coleta domiciliar foi um dos elementos importantes que o levaram a desenvolver um quadro de dependência alcoólica.

Passemos então, à sua história para entender de que maneira a atividade de coleta de lixo pode ter contribuído para o seu problema.

Trataremos também de sua luta para sair dessa dependência, e entrar em processo de abstinência.

A família de origem

Carlos é o segundo filho de uma família de onze irmãos, sendo seis homens e cinco mulheres. Nasceu em uma cidade do Estado da Bahia e está com 43 anos de idade. Veio com a mãe para Belo Horizonte quando estava com onze anos:

Eu nasci em oito de junho de sessenta e três, descendo o Rio São Francisco num arraial que chama Carinhonha. Fica muito longe. Chama Carinhonha de um lado, e do outro lado, tem outro arraial que chama Malhada.

Na travessia desse rio... minha mãe foi visitar meu avô. Era um dia de domingo.

Porque onde ela morava era roça... e ela teve contração pra me ganhar, e saiu. Quando travessou o rio, foi até um barranco e arrumaram a parteira... e eu nasci nesse mundo aí, né? Eu vim para Belo Horizonte, eu devia ter uns onze anos.

A respeito de sua mãe, disse apenas que ela era uma pessoa trabalhadora e que se preocupava em colocar os filhos na escola, esperando que tivessem um futuro melhor.

Ela morreu em 1985, quando foi picada por uma cobra cascavel enquanto apanhava lenha:

Minha mãe sofria na lata d'água do rio pra encher caixa de água pras pessoas, ou na lenha, ou lavando roupa, ou varrendo rua. O que fosse, pra poder dar para nós um lápis, ou uma borracha pra nós estudar. Pra ter um futuro melhor.

Quando eu tive doente, que eu quase morro, minha mãe arrumou dinheiro emprestado e mandou eu pra cá, pra mim tratar pra mim num morrer.

Ela morreu há vinte e dois anos atrás, por picada de cobra cascavel, quando tava catando lenha. Morreu no interior da Bahia.

Como Carlos era muito doente, sua mãe o deixou morando na casa de uma tia no bairro Concórdia, porque, no interior da Bahia, onde moravam não havia condições para cuidar da saúde do filho.

Ele não soube dizer que doença era, falou apenas do sofrimento que passou durante todo o tratamento de saúde, principalmente, no período em que esteve internado por quarenta dias no Hospital Santa Terezinha; e da luta de sua tia em busca da recuperação de sua saúde:

Adoecei e vim pra cá. Eu fiquei quarenta dias aqui internado no hospital. Eu tava doente e minha mãe num sabia o que era. Eu quase morro...

Eu fiquei na casa duma tia minha sofrendo muito aqui. Minha tia conseguiu uma vaga pra mim no hospital Santa Terezinha. Saí de lá... e continuei doente, a barriga inchada... E sentava nos lugar e dormia. Num alimentava direito... Eu tava quase pra morte.

E minha tia foi tratando de mim... tratando de mim. Eu fui em centro de macumba... fui em vários lugares... né?
E fui recuperando, recuperando...

Carlos morou com essa tia até os vinte anos. Refere-se a ela como uma pessoa que o ajudou muito, não apenas nas questões relacionadas à saúde, mas também, na procura de um emprego em Belo Horizonte, conforme trataremos mais adiante. Com o passar do tempo, ele foi morar sozinho, pois queria ter mais liberdade:

Eu vivi na casa da minha tia até os vinte anos. Mas eu separei da minha tia porque eu num tava dano certo com minha tia. **Eu queria ter minha liberdade, né?**

Fui morar sozinho. Eu morava sozinho e vivendo sozinho, num tinha quem cuidava de mim. **Eu já tava trabalhando e arrumei uma mulher pra morar comigo.**

Ele conviveu com sua família de origem até os onze anos de idade, pois seus familiares ficaram morando na Bahia. Ainda assim, quando se referiu à sua relação com seu pai, disse que ele era muito ruim, pois era duro e maltratava sua mãe.

Disse que ele bebia muito, era uma pessoa muito violenta e exigente com aqueles que conviviam com ele. Apesar de ter convivido pouco tempo com o pai, as lembranças foram marcantes e Carlos se emociona ao falar delas:

A minha relação com meu pai era muito ruim.

É porque meu pai bebia muito e brigava muito com minha mãe, judiava muito da minha mãe. Meu pai era daquelas pessoas muito duras que... nunca teve uma cultura de... estudo... uma cultura de sair pra ir num outro lugar diferente. Só viveu naquele lugar. Então, ele era muito durão... **bebia, e num importava pelo nosso futuro... pelo nosso futuro em nada. Meu pai era muito duro sô... muito ruim.** *(nesse momento, começou a chorar).*

Em vários momentos, ele falou de como sua infância foi marcada pelos conflitos com o pai:

Depois de uma briga com meu pai, falei ele que só voltava... enquanto eu tivesse minha mãe. Depois que eu perdesse minha mãe, nunca mais eu punha os pés em casa.

Assim eu fiquei. Depois que eu perdi minha mãe, fiquei quase vinte anos sem voltar em casa...

Ele relatou uma das brigas que presenciou entre seu pai e sua mãe. Ao que parece, essa era uma cena comum em sua

infância: as brigas violentas entre os dois, na presença dos filhos. Estes, muitas vezes, se envolviam nas brigas para defender a mãe:

Meu pai jogou uma faca nas minhas costas que ela bateu no batente da porta e ficou pregada lá. Aqueles batentes de madeira. E eu era menino. Lembro que eu saí correndo e entrei em casa. E ele tava matando minha mãe enforcada... Era num dia de domingo... ele tava matando minha mãe enforcada.

O irmão meu mais novo quebrando uma ripa de... daqueles caixotes de maçã nas costas dele. Ele abraçou minha mãe pelo pescoço, matando ela assim. *(neste momento o entrevistado fez um gesto com o braço entrelaçado no pescoço).*

Seu pai faleceu em 1987, vítima de complicações pulmonares decorrentes de uso excessivo de álcool:

Meu pai morreu, dois anos depois de minha mãe. Ele num parou de beber. Ele morreu bebendo. Enquanto ele agüentou, ele bebeu. Diz que quando ele morreu ele num tava agüentando respirar. O médico falou que era de tanto beber. Eu tava aqui trabalhando, e eles ligaram pra mim avisando da morte dele.

Os primeiros contatos com o álcool

“é que eu aprendi beber naquelas folias de reis (...) e ali as pessoa oferecia café, oferecia bebida e a gente bebia”.

A avó de Carlos passou para seu pai a incumbência de dar continuidade a um grupo folclórico de folia de Reis³¹ na cidade onde moravam e ele fazia questão que os filhos o acompanhassem nas apresentações desse grupo.

Durante as apresentações, eles tinham a oportunidade de beber escondido do pai. Dessa forma, aconteceram seus primeiros contatos com o álcool:

É que eu aprendi beber naquelas Folia de Reis³² (...) Eles [os membros do grupo] eram convidados a entrar pra dentro da casa da pessoa, sambar,

³¹ Folia de Reis - Na cultura tradicional brasileira, os festejos de Natal eram comemorados por grupos que visitavam as casas tocando músicas alegres em louvor aos "Santos Reis" e ao nascimento de Cristo. Esta tradição, oriunda de Portugal, ganhou força no século XIX, mantendo-se viva em muitas regiões, sobretudo nas pequenas cidades dos estados de Minas Gerais, Bahia Espírito Santo e Goiás dentre outros. CASCUDO Câmara - Dicionário do Folclore Brasileiro-Ed. Itatiaia- 1984

fazer umas roda de samba...E ali as pessoa oferecia café, oferecia bebida e a gente bebia. A gente tá sempre em cima da curiosidade ali “curiosano”. Alguém dava um pouco daquilo procê provar. Mas era escondido do pai. **Ocê ficava perto de outra pessoa que num era da família, às vezes, eles te davam ocê um pouquinho, procê experimentar, pra num “aguar”, cê tomava cachaça ou “batida”, uma bebida doce.**

Ele afirma que bebia por curiosidade, pois ainda era muito menino:

Desde menino eu já bebia, mas num era viciado não. Bebia igual eu já te falei procê em Folia de Reis, na roça, lá pra aqueles cantos. Num tinha vício de beber não. **Num ligava pra bebida porque eu era menino né? Era tipo uma curiosidade.**

Uma infância de trabalho: “pau pra toda obra”

“na roça num tem isso não, começou a andar, fazer movimento, já começa a trabalhar”.

Carlos começou a trabalhar aos nove anos de idade. Naquela época, não recebia dinheiro por seu trabalho, apenas um prato de comida. Relatou que nas fazendas em que trabalhava, álcool era uma coisa comum, mas ele não bebia:

Vivia trabalhando na roça pros outros em fazenda. **Na roça num tem isso não, começou a andar, fazer movimento, já começa a trabalhar.** Eu devia ter uns nove anos sendo mandado a troco até de um prato de comida, Deus me perdoe! É igual escravo pros outro.

Montado em cavalo pros outro, cinco horas da manhã, seis horas da manhã cê entrava dentro d'água pra pegar...um...cê ia pegar um cavalo, pegar um animal pra pessoa andar dentro de fazenda. Com pouco, cê afundava com a água até no peito assim, porque era “bengue”, um capim que dá no brejo.

Trabalhei em fazenda que rolava muita bebida de graça, mas eu num bebia não.

³² - Na década de trinta, aparecem diversas referências a abusos que reis [congós] cometiam em suas festas, permitindo o consumo exagerado de bebidas alcoólicas. KANTOR, Íris J.I. Festa Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa - Vol.II -Edusp. 2001

Um outro local em que trabalhou foi no comércio que era do mesmo dono da fazenda:

Depois eu fui trabalhar em galpão onde vendia cereais, bebida, alimento. Eu trabalhava dentro do balcão.

Eu era menino, muito novo trabalhava ali. **É igual escravo pros outro, mas é... a gente trabalhava, desde pequeno a gente já trabalhava.**

Quando veio para Belo Horizonte, logo que teve alta do hospital, conforme dissemos anteriormente, teria que ficar em casa sozinho, pois sua tia trabalhava o dia inteiro.

Ele, então, que pediu ajuda ao médico que acompanhou seu tratamento, pois sentia necessidade de fazer alguma coisa. Este médico conseguiu que ele ficasse lavando os carros estacionados próximo ao hospital:

Quando eu tive alta do hospital lá, eu pedi o médico pra num me dar alta porque eu num tinha ninguém pra poder cuidar de mim. Ninguém pra eu ter convivência. Porque a minha tia trabalhava e eu num tinha com quem ficar.

O médico foi tão bom comigo, que ele meteu a mão dentro do bolso e me deu uma nota vermelha. Num sei se era cem, na época.

O médico falou: *“Não Carlos cê vai sair, cê vai recuperar”*.

E eu falei com ele: *“Posso pelo menos lavar carro pros outro, trabalhar de lavar carro... alguma coisa assim?”*.

Ele falou: *“Cê pode. Eu vou ajeitar pra você. Cê vai recuperar”*. Só que eu num recuperei, tratei muito tempo.

Carlos lavou carros por pouco tempo, pois sua tia conseguiu para ele uma vaga numa empresa que, na época, era empreiteira da SLU:

Minha tia arrumou uma vaga pra mim na N.V. Eu trabalhei uns tempos lá, uns dois meses... eu tinha nessa época, uns quinze anos mais ou menos. Ela era empreiteira da SLU. Fazia capina das ruas.

A entrada na SLU

“... comecei trabalhar na rua com turma de “ferrinho”.

Carlos relata como foi o seu início nesta atividade, a partir da transferência da empreiteira para a SLU:

Aí, ela acabou o contrato da N.V, eles liberaram quem quisesse passar pra SLU, entrasse pra SLU. Eu entrei capinando, fazendo capina e... batendo “ferrinho”³³.

Eu trabalhava muito no Gutierrez, Barroca, Nova Granada... esses lugar, aí, nós trabalhava muito pra esses lugar.

Aí, nós saía em cima dos caminhões pra fazer capina nesses lugar tudo aí.

Porque na SLU eu entrei com dezesseis anos. Daí, eu era muito tímido e comecei trabalhar na rua com turma de “ferrinho”.

Ele explica melhor o que considera como timidez:

Ah, é porque com problema da doença, eu tive assim... muito parado, doente internado. E tava voltando a ter convivência com as pessoas diferentes. Eu vindo da roça, do interior, então, eu era muito tímido.

Então, quando eu falava, as outras pessoa me gozava pela maneira deu falar. Às vezes, eu falava errado, meu jeito baiano de falar. Os colega de serviço me gozava. Eu ficava mais calado. Mas com o tempo eu fui me soltando no meio dos outros jovens, dos outros meninos. A gente vai se soltando também vai desenvolvendo.

Ao que parece, Carlos conseguiu estabelecer relações afetivas com seus colegas de trabalho, superando a timidez inicial:

Eu sinto valor pelo pessoal da firma. Pessoal igual onde eu trabalho colega, as pessoas... a convivência que a gente tem no trabalho que é melhor do que em casa.

É porque é boa. É uma convivência boa. Mesmo que acontece alguma desavença. Pode ser uma convivência boa. Oê acostuma... num tem outras convivência melhor do que no setor de trabalho. Com as pessoas que oê trabalha, não.

A entrada na SLU foi para ele uma oportunidade de mudança em sua vida a partir do trabalho. Ainda hoje, ele a vê “*como uma mãe*”:

Eu entrei pra SLU e tô aí até hoje. Eu dou muito Graças a Deus ter entrado na SLU.

Eu agradeço muito a SLU pelo meu convívio nela, e a oportunidade de vida que eles me deram. E me dá até hoje. **Eu acho a SLU uma mãe pra mim... Até hoje eu sinto a SLU como uma mãe pra mim.**

³³ - “Ferrinho” – Ferramenta criada e nomeada pelos próprios trabalhadores na ferramentaria da SLU. Mais tarde, foi descrita no livro de planejamento estratégico como: Ferramenta usada para executar pequenas raspagens de resíduos em passeios, vias e logradouros públicos. **SLU livro do planejamento estratégico – 1990 pág. 12. Em 1992 a utilização dessa ferramenta foi proibida pelo Ministério do Trabalho, tendo em vista os problemas à saúde do trabalhador decorrentes do seu uso.** Hoje, as empreiteiras responsáveis pela atividade de capina usam um trator com escova de aço que faz 95% do trabalho e o “arremate” é feito com enxada pelos trabalhadores.

As condições e a organização do trabalho na capina
“a gente ficava o dia inteiro de bunda pra cima batendo “ferrinho” no sol quente”.

Carlos começou a trabalhar na SLU, fazendo a capina das ruas e logradouros públicos onde havia calçamento de pedra. Isso era feito, na época, por meninos adolescentes até a idade de dezessete anos. Para executar a tarefa, usava-se uma ferramenta que eles chamavam de “ferrinho”.

A descrição feita por ele não deixa dúvidas do quanto essa era uma atividade penosa:

Olha, hoje eu vou falar uma coisa pra você. Hoje, a capina das empreiteiras em relação ao que era na SLU, num é nada não. **Porque a gente ficava de bunda pra cima, com sol quente um pedaço de ferro com duas pontas, uma pra baixo quadrada e uma pontuda. O ferrinho tinha uns quarenta centímetros. A ponta quadrada era pra você sair arrancando as gramas nos calçamentos. E dependendo a onde aquela parte quadrada não entrava você usava a pontuda, tipo um finco para poder arrancar a grama.**

Hoje, eles capinam um metro longe do meio-fio só. Antigamente, a gente batia o ferrinho na rua toda. **A gente pegava de um lado do meio-fio e ia até o outro lado e a rua toda. A gente ficava o dia inteiro de bunda pra cima batendo ferrinho no sol quente.**

Os trabalhadores não recebiam nenhum equipamento de proteção para realizar essa atividade:

Eles num davam a gente nada pra se proteger. Num é igual hoje que tem todos os equipamentos. Naquela época, a gente tinha que se virar pra poder fazer o serviço. A gente fazia do jeito que dava.

As relações hierárquicas

Carlos falou da rigidez do controle exercido pela chefia sobre os trabalhadores, nessa atividade e das seqüelas deixadas por ela:

E, muitas vezes, você num podia parar cinco minutos pra respirar, porque antigamente os encarregado eram muito pegajosos, ficava na cola. A gente fazia hora pro dia passar e ele ficava na cola para a gente poder trabalhar. Se você parasse, cinco minutos pra dar uma consertada na coluna, eles já

falavam: **“pô como é que é? Você vai ficar parado aí? É pra hoje esse serviço, é pra hoje isso aí”.**

Então, num dava tempo de você descansar.

Hoje, eu sinto dor na coluna, e sei que é em relação a isso. Porque eu fiquei muito tempo batendo ferrinho e **era uma tortura. Era uma tortura mesmo!** *(neste momento o entrevistado falou com a voz embargada e se emocionou).*

E continua:

Eles [os chefes] marcavam um “eito” eles falava oito, né? Marcava um oito pra gente capinar. E dava um prazo. Naquele prazo se ocê num terminasse, eles cobrava. Falava assim: **pô ocê ta devagar. Ocê tem que terminar, ocê tem que soltar serviço, tem que desenvolver.** Ficavam de cima da gente, cê entendeu? A gente falava assim: *Vou ali tomar uma água.* Ocê podia até ir, mas eles marcava o tempo. Se ocê demorasse, eles logo perguntava onde cê tava. Na capina num tinha jeito da gente fazer mais nada.

Limpando boca-de-lobo

Depois da capina, Carlos foi trabalhar limpando boca-de-lobo, atividade que exerceu durante um ano:

Eu comecei depois dos dezoito. Só podia trabalhar na coleta depois dos dezoito.

Mas aí, eu já ganhava insalubridade trabalhando na “boca de lobo”³⁴, já era ajudante de caminhão e daí pra frente, né?

Então, o serviço da “boca de lobo” é muito ruim. Tem bicho morto, muita sujeira, tem gente que jogava esgoto na boca de lobo. E aquilo ali, ocê tinha que entrar ali de qualquer jeito pra limpar. Quando chovia, aí enchia de terra, lixo, a gente tinha que abrir aquilo ali entrava e limpava.

Eu cansei de trabalhar em boca-de-lobo com cachorro lá dentro, bicho morto, tinha que tirar aquele trem todinho.

Quando trabalhava nesse serviço, Carlos bebia, mas, segundo ele não era *viciado*, atribuindo o controle ao fato de ser outro tipo de convívio com os colegas, diferente da coleta:

³⁴ “BOCA DE LOBO” Até o ano de 2000, a SLU era responsável pela limpeza das bocas de lobo da cidade, Em 2001, esta tarefa que foi transferida para a SUDECAP.

Nesse serviço de boca de lobo eu já bebia. Mas num era viciado não. **Eu tinha controle da minha bebida. Na boca de lobo a gente tem outros tipos de convivência. Lá ocê num tem uma turma, igual na coleta. O serviço é diferente também, ocê num tem tanto contato com a população. Na boca-de-lobo é mais difícil de fazer amizade.**

Ele atuou também durante alguns meses, como ajudante de caminhão apanhando o lixo de varrição:

Então, com muito custo eu consegui passar da boca e lobo pro caminhão. Aí, eu era ajudante de caminhão. A gente apanhava o lixo da varrição. Eles faziam os montes e a gente pegava.

Com o passar do tempo, Carlos fazia todo tipo de serviço que lhe era solicitado, pois afirmou que seu contrato era de “serviços gerais”³⁵ e que ele não “tinha medo de serviço”:

Depois, tudo que eles mandavam eu fazer, a gente fazia, né? A gente faz é serviços gerais, né? O contrato da gente é serviços gerais. Aí, tudo que eles pediam pra fazer eu fazia.

Precisava de alguém pra sair num caminhão de coleta, se eles pedisse pra mim sair num caminhão aí, e quebrar um galho qualquer coisa. Eu... Eu era “pau pra toda obra...” Toda vida eu fui “pau pra toda obra”. Qualquer chefe, qualquer coisa que eles me pedissem pra fazer eu fazia (...) serviço pra mim era qualquer tipo de serviço, eu num tinha medo não.

Carlos começou a ser preparado para entrar para a coleta domiciliar. Quando faltava alguém para completar a guarnição, era escalado para substituir aquele trabalhador faltoso:

Aí, a chefia foi ia me acostumando né? Assim quando faltava alguém, quando eles precisavam, me colocavam pra quebrar um galho e... fui sempre treinando. Quando precisava de alguém, lá tava eu...

Quando eu já tava já na idade, eles foi e me colocou na coleta em definitivo.

A entrada na coleta e suas repercussões na vida de Carlos

³⁵ “Serviços Gerais”- Era uma turma de trabalhadores chamada, na época de “turma volante” que era designada para fazer todo tipo de atividade que fosse solicitada: capina, limpeza de banheiros, coleta do lixo de varrição, limpeza de córregos, etc. Atualmente, esses trabalhadores são chamados de “turma de multitarefa”.

“eu via a coleta como o time dos profissionais. desde que eu entrei na slu que eu tinha essa visão”.

No campo profissional

A entrada na coleta domiciliar, para Carlos, significou muitos ganhos, pois, além da questão financeira, tinha o reconhecimento dos colegas de trabalho e a satisfação de estar entrando para *o time dos profissionais*.

Essa situação era entendida por ele como uma ascensão dentro do grupo de trabalho, porque todos os seus companheiros sonhavam em entrar para a coleta. Ele percebeu esta passagem como um momento de muita alegria em sua vida profissional:

Pra mim foi bom porque aquele negócio de melhorar um pouco o salário, ganhar insalubridade. E coleta também era um serviço muito animado. É muito alegre, ter que tá correndo, né? E a gente está novo ali.

É como um jogador de futebol quando ele é júnior e passa a jogar num time profissional, cê entendeu? A sensação que eu tive né? E assim... Eu e os outros colega meu de serviço, os mais jovem os mais novo. Tinham a mesma sensação de alegria da tá subindo, dum quadro de profissional pra outro, né? É isso que eu senti. A sensação que eu senti, foi isso! Eu via a coleta como o time dos profissionais. Desde que eu entrei na SLU que eu tinha essa visão. Acho que a maioria dos meninos da nossa turma também assim da minha época tinha essa visão também. Entrei pros profissionais. É uma alegria foi uma alegria! Que a gente esperava e a única maneira da gente conseguir... Subir ou ter um outro cargo era isso que a gente esperava mais, né?!

Nas relações familiares

No campo das relações familiares, a entrada na coleta também teve repercussões significativas, pois o aumento dos ganhos financeiros possibilitou que ele saísse da casa de sua tia, para viver sua “liberdade” e mais tarde constituir sua primeira família, aos vinte anos de idade.

Dois anos depois de começar a trabalhar na coleta domiciliar, Carlos arrumou uma companheira com a qual viveu durante cinco anos. Teve três filhos com ela, dois meninos, hoje, com vinte e dois e dezoito anos respectivamente e uma menina

com vinte e um anos. Seu relacionamento com essa primeira mulher foi marcado por muitas brigas por causa do seu alcoolismo, sendo este um dos problemas que os levaram à separação. Carlos teve uma segunda companheira, anos mais tarde, mas falaremos desse relacionamento mais adiante.

Hoje, seu filho mais velho estuda em um colégio interno. Sua filha e o filho caçula foram criados por uma tia e Carlos acompanha o crescimento deles:

Eu vivi cinco anos com essa mulher, mas nós brigava muito, porque eu bebia muito e ela me encarava. Ela era ignorante, eu também era ignorante por causa da bebida e a gente brigava. Ela me pagava pau, me encarava. **E minha mulher ela queria fazer uma ligação das trompas. Assim que ela ganhou o nosso último menino, ela levou os papéis pra mim assinar, e eu num quis assinar. Ela ficou com raiva. Eu num deixei ela ligar... acho que isso também ajudou a separação.**

Um dia, eu vim trabalhar, quando eu voltei do trabalho cheguei em casa, a casa tava vazia.

Sumiu com meus meninos. As coisas que eu tinha e ela pôde vender, ela vendeu. O que num vendeu, ela deu de graça pros outro. Só pra me deixar na pindaíba. Pegou o dinheiro, foi embora pra Januária e eu fiquei doido aqui sem saber onde eles tava. Ela foi pra São Paulo. Meus meninos ficou com a mãe dela lá em Januária.

Passado um tempo, eles mandaram me entregar os meninos, e eu peguei de volta. Graças a Deus, eles ta criado hoje.

Um é repositor em uma loja de comércio e a menina trabalha numa empresa transportadora.

Nenhum deles bebe. Eles foram criados com a tia deles e ela era muito rígida. Educou eles muito bem.

As condições de trabalho na coleta

Apesar dessas repercussões que a entrada na coleta domiciliar teve na vida de Carlos, ele também vivenciou condições de trabalho bastante precárias, semelhantes ao que nos relatou Vítor, já que são contemporâneos.

Os caminhões de sua unidade funcional também eram de carroceria de madeira, aos quais também se referia como “usipau”:

Quando eu entrei na coleta, tinha uns caminhões de carroceria que os coletor chamavam de “usipau”. Apelidaram esses caminhão de “usipau” cê entendeu? E a gente fazia a carga. Ia um cara em cima socando [o lixo].

Como esses caminhões eram inadequados para a coleta, o risco de acidentes era grande. A manutenção de uma pessoa fixa “fazendo a carga” em cima do

caminhão parece ser uma estratégia que os trabalhadores criaram para lidar com o risco proveniente dessas condições de trabalho:

Era sempre o mesmo coletor que ia lá em cima, porque com o tempo o cara pegava o jeito. O cara que ia em cima tinha que saber o jeito, senão acidentava. Se o cara num ficasse esperto, ele “voava” lá de cima da carga, porque o cara ficava em pé em cima do monte de lixo. Tinha um colega com o apelido de “tiú” que socava. Num ligava, gostava de socar. Tinha outros que num gostava de socar. Aí, ficava embaixo jogando o lixo em cima da carroceria.

As deficiências em relação aos equipamentos de proteção individual e as estratégias que os trabalhadores criavam para resolver essa questão também foram relatadas por Carlos:

Quando eu entrei, a gente num tinha esses uniforme que tem hoje. Você tinha que se virar pra poder conseguir a roupa proê trabalhar. Eles [a Autarquia] num te davam nada. Muitas vezes, você era obrigado a trabalhar com as coisa que você achava no lixo mesmo ou que os pessoas davam pra gente.

A organização do trabalho na coleta

O ritmo de trabalho

O ritmo de trabalho era muito intenso. Na época, os trechos de coleta eram muito grandes, pois não havia um setor responsável pelo dimensionamento dos mesmos, o que obrigava os trabalhadores a jornadas de trabalho muito desgastantes:

Tinha trecho que a gente fazia que dava na média de 45 a 50 km. Trecho que hoje, três ou quatro caminhão da empreiteira faz a coleta, um caminhão da SLU fazia. **Quer dizer, o trabalho da gente era muito mais corrido. (...) você num tinha hora de largar serviço. A gente era muito mais cobrado.**

O ritmo da coleta também aumentava o risco de acidentes no trabalho:

Então, num dá pra descrever. Era tão corrido que num dá pra descrever. Quando a lata³⁶ batia nesse caminhão era vidro pra todo lado. Às vezes, quando a gente pegava o lixo de boteco, tinha vidro quebrado. O cara que tivesse batendo o lixo, se num tivesse cuidado, tava cortado.

As relações de trabalho

“e daí, eu comecei viciar... e passei trabalhar na coleta depois de muito tempo... e a bebida era de graça. e eu comecei a beber...”

As relações de trabalho na coleta quando comparadas a outras atividades da limpeza urbana têm uma característica marcante que é o fato de ela acontecer essencialmente em grupo. Isso de certa maneira, influencia o comportamento daqueles que fazem parte da guarnição. Eles estão sempre juntos, pois isso é determinante para que o trabalho aconteça. Mas esse comportamento, muitas vezes, vai para além da jornada de trabalho, sendo comum eles se reunirem depois do trabalho para ir ao boteco e beber com os colegas de guarnição. No caso de Carlos, percebe-se que esse foi um dos fatores que influenciaram em sua relação com o álcool. Ele afirma que quando entrou para a coleta estava jovem e via o *entusiasmo dos outros colegas de trabalho, bebendo*, sentindo-se influenciado para beber:

Porque eu num pagava a bebida e... A gente via o entusiasmo de outros colegas que bebia e... E a gente já tinha a tendência de beber... E passei a beber.
Se tiver pessoa que bebe, influencia. **Agora, se num tiver quem bebe num influencia não. Num chega influenciar não.**

Esta situação de ser influenciado pelo outro que bebe ficou bastante evidente neste caso, constituindo-se em um determinante importante, dentre outros para o uso de álcool nesta atividade:

³⁶ - O Decreto 2839, de 19/01/76, torna obrigatório o uso de sacos plásticos para o acondicionamento do lixo. **Limpeza Urbana na Belo Horizonte Centenária, pag. 67 –PBH**
O lixo domiciliar destinado a coleta regular, será obrigatoriamente acondicionado em sacos plásticos, outras embalagens descartáveis permitidas em recipientes e contenedores padronizados, observando-se os limites de volume ou de peso referentes à produção diária de lixo. **Regulamento de Limpeza Urbana – Belo Horizonte-RLU – CAPÍTULO II art. 6. Pág. 09** Embora o regulamento estabeleça a obrigatoriedade do acondicionamento em sacos plásticos era comum o uso de latas principalmente nos bairros da periferia da cidade.

Comecei a mexer com bebida logo que eu comecei a mexer com coleta. Antes, eu bebia também, quer dizer, eu bebia, mas sabia beber né? **Aí, eu comecei a trabalhar na coleta e já fui acompanhando os colegas, via os caras beber, via como é que eles bebia e aí fiquei atrás** e era raro o dia que eu não chegasse, que eu não tinha tomado umas, aí, eu fui bebendo, fui bebendo...

Às vezes, ele dizia para os companheiros de trabalho que não queria beber, mas...

Eu falava pro cara: hoje eu não vou beber não. Mas na hora que chegava perto eu via os caras bebendo, falava: “vou tomar só uma”. E tomar só uma não existe né? Não existe aquele que fala que vai tomar só uma e toma só uma. Aí, disparava.

A pressão do seu grupo aparece de várias formas no cotidiano da coleta. Carlos falou dessas formas:

Tem vez que a gente passa apertado na coleta, quando você não está bebendo. Se os cara ganham de um dono de bar um tira gosto tipo carne cozida ou uma coisa assim, na hora que eles vão dividir, eles falam assim: **“se você não está bebendo, vai tirar gosto de quê”? E, às vezes, ocê tá é com fome.**

Outra forma de pressão exercida pelos colegas eram as “gozações”. Apenas os evangélicos eram poupados. Ele afirmou que isso tornava ainda mais difícil as tentativas de ficar sem beber:

Às vezes, ocê num quer beber, mas os cara chega e fala: **“Pô ocê é fraco ocê é fracote... Ocê é bunda mole, num quer beber, que num sei o quê. Vamos beber! Lugar de quem toma refrigerante é lá com as criança”.** Então, isso que eu te falo que na coleta é difícil pro cara agüentar, quando ele quer ficar sem o álcool. Só quem era evangélico que num bebia e num tinha gozação.

Carlos percebe que sua entrada na coleta domiciliar foi um dos fatores que influenciaram a sua forma de beber:

E daí eu comecei viciar... E passei trabalhar na coleta depois de muito tempo... E a bebida era de graça. E eu comecei a beber... E... **Eu já bebia desde novo que eu já bebia, mas num tinha vício, né? E depois que eu passei a trabalhar na coleta, que aí, eu viquei mesmo, né? Na minha passagem pra a coleta, eu já bebia, já bebia, tinha algum vício de beber. Mas depois que eu passei pra coleta, acho que eu passei beber mais.**

Na sua percepção, alguns fatores também influenciaram em seu comportamento em relação à bebida, sendo um deles, a idade. Para trabalhar na coleta domiciliar, era necessário ter dezoito anos. Nessa idade ele se sentia mais *livre* para beber. Esse sentimento de liberdade soma-se a fatores diretamente relacionados à atividade da coleta domiciliar como a facilidade de acesso à bebida e a influência da equipe de trabalho. Carlos cita esses elementos como fatores que levaram ao aumento no consumo de álcool:

Quando eu passei pra coleta eu notei que meu consumo de álcool aumentou, eu passei a beber mais. É porque eu já tava sentindo a idade maior, né? E aí, **já tinha mais liberdade de beber em qualquer lugar. E na coleta aparecia mais bebida.** É porque a gente vai mais convivendo na rua, boteco... E lixo...

E aí, eu já... já tinha liberdade de beber em qualquer lugar.

E aí, parece que eu comecei a beber mais, né? Na época, tinha mais contato com a bebida.

A relação com a sociedade e o uso do álcool

Carlos também falou sobre o álcool como oferta dos donos de bares como contra partida pelo recolhimento do lixo de dentro do estabelecimento. Trata-se de um “acordo” que facilita para esses donos de bares, uma vez que, não precisam colocar o lixo na porta do estabelecimento, conforme determina o Regulamento de Limpeza Pública:

Porque tinha lugar que, talvez a gente num pagava bebida. Tinha boteco esses lugar assim a gente fazia de pegar o lixo pra pessoa. Fazia algumas coisas pras pessoas tipo pegar um lixo no bar, e a pessoa oferecia bebida. Às vezes, a gente bebia. Cachaça pra mim era muito fácil, né? Era mais fácil de beber do que no tempo de infância, no tempo de infância eu quase num bebia no serviço.

A coleta facilitava mais. Hoje, até que talvez não, mas antigamente facilitava.

Em alguns casos, os garis que faziam parte da guarnição já sabiam onde poderiam conseguir a bebida:

A minha quantidade de bebida aumentou, não só pelo fato de ter entrado na SLU, mas pela assim a facilidade, cê entendeu? Que a gente tem. A gente trabalhando na rua, a gente arruma bebida nos bares, restaurantes. Às vezes, a gente passa, o cara fala: **ô fio toma uma aqui. Às vezes, a gente pega um lixo para uma pessoa, ô cara vem cá, toma uma aqui.**

Ele deixa claro que o problema não está apenas na oferta fácil de bebida, mas também no fato de que ele gostava de beber e encontrava nessa facilidade de acesso, uma oportunidade:

Assim, num é que eles têm a culpa porque eles tá oferecendo. Às vezes, eles oferecem, na educação assim pra tentar agradar a gente, mas a gente acaba indo e... acostumando. **O povo era muito legal com nós. Agora, ocê mesmo que gostava, ocê mesmo caçava onde é que tinha, né?**

Na realidade, o álcool torna-se uma moeda de troca com os donos de bares, facilitando o acesso:

Muitas vezes, as pessoas pensa, por exemplo, que ocê tá pegando aquele lixo ali pra ele, porque ocê quer ganhar uma pinga, mas num é. Eu posso passar perto de um bar, pegar o lixo dele lá de dentro do bar, o dono me oferecer a cachaça, eu posso aceitar, mas eu posso num aceitar. A partir do momento que eu tô aceitando, quem tá me dando pode tá pensando: **pô ele pegou o lixo pra mim eu dou ele a pinguinha.**

À medida que foi se habituando à bebida, Carlos passou a necessitar dela cada vez mais, deixando de ver outras ofertas:

Tem vez que ocê entra no boteco, pega o lixo do boteco, e o dono do boteco ele chegava coloca a garrafa em cima do balcão pra nós e fala: *oh, se ocês quiser beber, pode beber. Tem café, tem leite, tem a bebida, tem a cachaça.* Aí, a gente muitas vezes, ocê ta querendo parar, ta tentando parar. **Cê vê a cachaça. Ocê só vê a cachaça.**

As estratégias para beber no trabalho

Carlos falou de uma estratégia que usava para beber durante a jornada de trabalho, sem que a chefia percebesse:

Pra eu poder beber o que eu fazia? Eu pegava um copo d'água, colocava perto do balcão, perto da garrafa e pegava uma pinga e colocava perto. O

que eu fazia? Bebia. Já cansou de acontecer. Às vezes, eu terminava de beber a pinga, o chefe chegava e batia no meu ombro:

Ocê tava bebendo, né?

Eu falava: *tô, aqui bebendo água. O senhor é servido beber uma água?*

Aí, eu perguntava o dono do boteco: *Eu num bebi uma água aqui meu senhor?*

Às vezes, o moço falava com aquele medo. Se ele falasse a verdade, eles iam me mandar embora. Num é que eles queriam acoitar o meu erro, mas é aquele medo deles me mandar embora.

Mas era também necessário “regular” a quantidade de bebida para não atrapalhar o andamento do trabalho:

Num podia ta bêbado demais para tá caindo. Mas se ocê tomasse uma para correr cê sentia... que tava melhor porque cê tava “molhado”.³⁷

Igual eu falei, num pode ta bêbado demais caindo, porque cê num vai nem agüentar dar uma passada... né? Pra pular do estribo do caminhão. Aí, já num agüenta.

A maior estratégia é ficar firme, né? Porque o bêbado, quanto mais ele quer andar firme, ele nunca fica firme.

Ele referiu-se também à estratégia de ficar o mais longe possível do controle da chefia, para não ser pego com sintomas de quem está alcoolizado:

Eu ficava mais é por fora. Eu ficava mais é por fora. Eu ficava longe da chefia. Saía fora.

Bebendo eles nunca me pegaram não. Mas eles me pegaram com sintoma de bebida. Eles desconfiaram que eu bebia. A pessoa desconfia né? Sempre dá na cara, né?

Essa não era uma tarefa fácil...

Pra enganar a chefia num era fácil. A gente bebia e tinha uns que num agüentava segurar a onda ficava bêbado e... aprontava. Outros seguravam a onda... mas muitos foram flagrados saindo de boteco. Aí, a chefia já achava o cara bebendo o cara tinha que disputar de qualquer jeito, fazer qualquer outro movimento, pra despistar (...) Mas era muito cobrado.

Com o passar do tempo, Carlos já não conseguia mais “regular” a quantidade de álcool e perdeu o controle:

Tinha vez que eu regulava, mas tinha vez que não... Mas chega época, que ocê passa num regular...né? Chega época que ocê passa a num regular mais. **Que ocê perde o controle, perde o domínio. Quando eu senti que tava perdendo o controle, aí eu já tava quase no fundo do poço mesmo.**

³⁷ “Molhado” - Gíria que na guarnição em que Carlos trabalhava significa tonto pelo efeito de álcool.

Existe ainda, segundo ele, uma estratégia coletiva, em que um vai cobrindo a saída do outro para não comprometer o andamento da coleta:

Porque, às vezes, nesse ritmo, dava tempo, vamos supor, eu parava nesse boteco aqui, os outros três iam segurando a coleta. Eu pegava eles antes deles atravessar a avenida, eu já tava atrás do caminhão. E sempre assim, um cobrindo o outro. Por exemplo, se eu parasse pra beber uma aqui, chegava no outro boteco o outro falava: *vou ali tomar uma “água” ali*. Aí, a gente falava pode ir tomar sua “água”. Pode ir que a gente segura aqui. A gente ia sempre assim. Sempre um cobrindo o outro, serviço nunca parava, serviço saía sempre e a gente trabalhando. Quem num bebia tomava água mesmo.

As estratégias para beber na coleta noturna

Durante algum tempo, Carlos trabalhou na coleta noturna falou da estratégia que usavam para beber, pois à noite, pois eles não têm a mesma facilidade para conseguir o álcool que têm os que trabalham durante o dia:

Na coleta da noite, vamos supor, às vezes, a gente juntava e fazia uma “vaca” com um e com outro e pegava uma “meia” [garrafa]. Se eu tinha crédito no boteco, comprava. Talvez outro dia, outro comprava quando tinha dinheiro, comprava um litro vinha um comprava uma garrafa... Era tudo assim... as coisas, né? A gente se vira né? Cada um se vira. É o vício, né?

E fala da dificuldade de estabelecer relações com os munícipes durante a noite e dos efeitos para a realização da atividade:

A época que eu mais sofri foi a noite. Porque é cada um por si e Deus pra todos. Para você beber água, por exemplo, é só onde tem “os guardados”³⁸

³⁸ “Guardados”- Gíria utilizada pelos garis para definir os lugares onde recebem alguma coisa como “pagamento” para fazer a coleta de lixo do estabelecimento comercial. Não necessariamente esse pagamento é o álcool. Pode ser, por exemplo, em verduras em um sacolão ou em frangos em um açougue.

A noite é diferente, ocê quase num vê ninguém e quando vê, eles te xingam porque ocê ta fazendo muito barulho.

E ele esclarece mais sobre este “barulho”...

Teve uma mulher que mora na [rua] Rio de Janeiro. Um dia, minha esposa foi na casa dessa mulher e ela, sem saber que eu trabalhava na SLU, começou a falar que morria de raiva do pessoal da noite que faz a limpeza, porque diz ela que a gente faz muito barulho.

Mas trabalhar caladinho num tem jeito não, porque a gente tem que comunicar com o motorista, avisar os colegas de carro, moto esses trem... A gente tem que ficar acordado.

Os sinais da dependência do álcool

“eu achava que aquilo era só... mais era só por esporte igual muitos falam né? e passado um tempo eu fui ver que já tava viciado já em bebida”.

Carlos percebeu que precisava de ajuda ao constatar os primeiros sinais de dependência:

Eu sabia que eu precisava de ajuda. Eu percebia por causa, assim daquela ansiedade que eu sentia por causa da bebida, né?

Eu, se eu ficasse sem beber ao menos uma pinguiha durante o dia, pra mim era a mesma coisa deu num ter feito nada. **Ficava faltando... eu ficava nervoso. Tinha vez, que eu ficava sentindo umas dores de cabeça, mas depois que eu tomava “uma” sarava. Podia ser o psicológico também que influenciava né?**

É igual eu falei procê, é a mesma coisa quando cê ta com muita sede, cê toma água, ocê alivia sua garganta, alivia seu organismo, ocê entendeu? Na hora que eu bebia, ficava tranqüilo, parecia que fica tudo preenchido.

Além disso, aumentou muito a quantidade de bebida, chegando ao ponto de perder o controle:

Eu achava que aquilo era só... mais era só por esporte igual muitos falam né?

E passado um tempo eu fui ver que já tava viciado em bebida. Tava em excesso... Porque... tinha vez, que eu sentava num lugar, eu apagava.

Tava passando dormir na rua. Amanhecia o dia na rua.

Eu vi porque eu... por fim eu bebia noite e dia. Trabalhava de manhã cedo e tomava pra rebater... E daí tomava o dia todo, se fosse possível, se fosse pra noite também, se fosse pra beber, bebia a noite toda... Até chegar deitar em beira de meio-fio e amanhecer.

Outro sinal da dependência foi um episódio em que perdeu a noção de tempo:

Problema, eu cheguei ter... Eu cheguei ter variações (...) Eu acordei variado eu voltei pro setor, fui pegar serviço achando que era no outro dia de manhã cedo já. E era oito hora da noite.

Eu cheguei lá no serviço e bati. Chamei o vigia pra mim poder entrar lá pra dentro. Quando eu comentei com ele, ele falou comigo:

"Cê tá variado, Carlos, é oito hora, mas é oito horas da noite, num é oito hora da manhã!" (...) Aí, eu senti que eu tava tendo variação.

Eu entrei em pânico e danei a beber.

E continua:

Eu amanhecia o dia num sei se era domingo... Eu amanheci... Os ônibus passano e... O dia evinha amanhecendo. O sol tava bem alto, e eu tava no passeio deitado.

Aí, eu senti que já tava bem pesado. *[silêncio]*

E a gente passa por muitas fase que a gente num chega nem ver, né? É que ocê num chega nem ver.

Começou, então, a beber para "rebater" durante o dia todo:

É porque cê bebe constantemente. Eu passei a beber dia e noite. Teve uma época que eu passei a beber dia e noite, 24 horas todo dia.

Cê levanta de manhã, cê vai trabalhar, cê tem que tomar uma pra rebater...

Toma uma pra rebater, toma uma pra rebater...

E essa pra rebater, costuma cê tomar durante o dia, se for à noite, cê toma durante a noite. Cê num dorme direito à noite. No outro dia cê tá tomando de novo pra rebater. Como cê vai viver?! Cê fica 24 horas, né?

Ele fala também de uma alteração na sensação de calor e frio:

Eu sentia que tava aquele solão quentão mesmo, né? Tava um solão quentão, eu chegava no setor, o sol rachando, eu ficava lá fora esquentando frio. Vestido uma blusa. Os cara falava:

*"Nó Carlos, cê tá num solão desses, cê ta sentindo frio"?!
Tô sentindo frio.*

Com o passar do tempo, passou a usar o álcool para combater a tremedeira:

Agora, até que eu num tô tremendo muito não. Mas antes, eu tremia demais. Às vezes, a gente tá saindo para a coleta passa no primeiro boteco, já toma uma e num treme mais, né? Aí, eu já fico mais tranqüilo.

Igual, muitas vezes, os colega falava comigo: *"Ocê é doído cara? Uma hora dessa de manhã e ocê ta tomando cachaça"*. Aí, eu falava com eles assim: *"meu fio, eu quero beber, o que eu posso fazer"?* Eu falava assim: *"eu quero beber"*. Mas num é eu que queria, não.

Às vezes é aquele trem que ficava na minha cabeça, ocê entendeu? Num sei se é o psicológico, ou se é porque eu bebia uma e parava... já cheguei por a mão assim e a mão ficar tremendo, mas tremendo mesmo. Eu num conseguia nem levar o copo na boca direito.

Em um momento de seu alcoolismo, Carlos não tinha mais forças para ir ao trabalho:

Eu sentava nos lugar assim... eu dormia já num tinha mais jeito... **num sabia o que era ir mais trabalhar. Vez que eu acordava de manhã cedo, num tinha força pra trabalhar por causa da bebida.**

Ele falou também do momento em que perdeu o controle da bebida:

Tem um momento, que ocê num controla mais a bebida, ela que te controla, ou te descontrola. Ocê num tem mais a medida. Só quer beber. Quanto mais ocê bebe, mais ocê quer, cê entendeu? Quanto mais bebe, mais quer. Podia tá sol de 40 grau que eu bebia também. Porque o cachaceiro ele toma pro frio. Toma porque tá calor. Toma pra almoçar, toma pra jantar, toma pra ir dormir. E passa assim, né? Num tem mais controle. É igual eu te falei o lance da droga. O drogado ele num quer saber qual a droga, ele quer tá usando. Alcoólatra? Alcoólatra também, quando ele é alcoólatra, passa fazer assim também. Ele passa... se num tiver cachaça, se tiver álcool, ele toma. Só pra ter o efeito da cachaça, ele toma álcool. Eu cheguei a ter um litro de álcool em casa. Num sei... num sei se eu cheguei tomar alguma vez alguma dose, às vezes, com água num sei... mas uma vez mais ou menos eu cheguei fazer isso.

Ele descreve um momento de sua dependência dizendo que, quando estava bebendo, trocava água por álcool, ainda que estivesse com sede:

Quando eu estava com vontade de beber, se você me desse um copo de água e um copo de cachaça pra mim escolher, eu ia escolher o copo de cachaça, mesmo se eu tivesse com sede. **Às vezes, a gente tá com sede das duas coisas, mas por causa do álcool, deixa de tomar água... e água num combina com álcool, cê entendeu?**

As tentativas de entrar em abstinência

A primeira tentativa feita por Carlos para entrar em abstinência foi por necessidade, pois já tinha sofrido hemorragia interna em função do uso prolongado de álcool, mas não deu conta e sofreu a sua primeira recaída:

Parei de beber uns tempos. Já num tava tendo condição de beber mais por causa que a bebida já... eu já tinha dado uma hemorragia interna. Comecei jogar sangue pra fora. Fiquei no MEDICOR internado uma semana. E saí depois dos remédios, voltei a beber de novo. Eu tive recaída ruim de novo.

Depois dessa internação, ficou durante um tempo em abstinência, e tomando remédios para auxiliá-lo neste processo. Mas foi por três meses, porque teve outra recaída. Ele nos falou dela:

Depois que eu saí lá do MEDICOR, eu fiquei um tempo sem beber. Acho que foi uns três meses. Mas teve um dia que eu tava tremendo demais, aí eu parei de tomar o remédio e tomei uma cachaça, porque a pinga controla a tremedeira pára mais rápido do que com o remédio. **É uma coisa que a gente sabe que num tá certo, que tá errado, mas deixa de fazer uma coisa para fazer outra. Só que a gente nunca fica numa só.**

Ele relatou uma passagem em que aparece com clareza sua angústia, ao tentar parar de usar álcool sem conseguir:

Tinha vez que eu entrava no bar e pedia a cachaça. O dono do bar colocava. Eu deixava aquilo em cima do balcão e não queria beber. Vinha um pensamento: *“Eu num posso beber, eu quero parar”*. Eu começava a andar pra lá e pra cá. O copo lá em cima do balcão. O dono do bar até estranhou aquilo e falou: *“O que você tem?”*. Eu falei: *“Num é nada não”*. **Só que dentro de mim tava aquela briga de beber e não beber.**

E ele continua a falar do seu conflito entre parar e continuar com a bebida, mas esta sempre vencia:

Tinha uns pensamentos que ficavam constantemente na cabeça da gente, né? A gente tentava... num sei se todo mundo igual, né? **Acho que tem o seu “fundo de poço” de cada um, né? O meu era esse.** Assim, tinha vez, que eu mesmo ficava me xingando. Eu mesmo falava comigo: *pô, pára com isso! Parece que ocê tá vivendo só por causa de bebida.* Às vezes, eu via os colega meu tomando cerveja ou pinga que seja, me dava vontade de tomar, falava: *pô eu tenho que parar.* Eu ficava naquela luta contra mim mesmo pra poder parar, mas acabava eu bebendo...

Carlos, assim como Vítor do caso relatado anteriormente, além dos atendimentos semanais, também freqüentava o grupo de prevenção à recaída de álcool e outras drogas que é coordenado pelos psicólogos da SLU. Ele nos relatou outro episódio de recaída que nos pareceu muito significativo:

Teve uma sexta feira que eu fui ao encontro do nosso grupo aqui da SLU. Eu estava sem beber. Fui trabalhar no sábado normalmente. No domingo fiquei normal. Na segunda tava marcado pra eu vim na psicologia, o caminhão quebrou e eu num vim, porque a coleta acabou muito tarde. Quando eu tava indo embora pra casa, eu pensei: *ah, eu vou embora a pé.*

No caminho tem um bar. Então, eu pensei: *vou tomar uma. Veio esse pensamento de tomar uma.* E eu tomei... tomei todas.

O que é engraçado, é que o pensamento de ir a pé, não era uma coisa inocente. Eu já tinha a intenção de beber. Beber já estava no plano.

Depois de tanto tempo sem beber veio essa intenção e eu bebi. Eu num queria, a intenção de beber venceu!

A situação atual em abstinência e suas repercussões

Atualmente, Carlos se encontra em processo de abstinência há dois anos. Está em atendimentos individuais regularmente uma vez por semana e freqüentando o grupo de prevenção à recaída de álcool da SLU, uma vez por mês.

Ele afirma que uma das coisas que o ajudaram a mudar foi ver os filhos crescendo e ele não queria dar mau exemplo. Além é claro, do medo de perder o trabalho que ele teve sempre como um valor importante:

Quando eu senti que... meus filhos tava grande, crescendo e eles ia chegar uma data de me ver eu envolvido com a bebida ou com a droga, ou que fosse. Eu pensei: *“eu tô passando um mau exemplo pros meus filhos”*. Ou senão, eu tava passando por discriminação pela sociedade, por polícia, por... qualquer pessoa. Tudo é discriminado. **Daí pode começar ir pros filhos.**

Correr risco de perder esse emprego, morrer, passar pela mão da polícia... e ocê é uma pessoa do lado direito. *[silêncio]*

Eu sempre fui uma pessoa trabalhadora. Trabalhei a vida toda.

Em um determinado momento do processo, Carlos começou a distinguir “dois mundos” que ele chamou de “mundo da ilusão do álcool” e “mundo real”:

Mas a vida num é desse jeito. **A gente vê... depois que a vida tem outro sentido... que a gente num depende disso pra viver... a gente num depende disso, né? Melhor cê viver real aí, quer dizer. Então, é isso...**

[Silêncio] Então, é assim... Quando ocê tá sem a bebida, cê pensa positivo. Parece que tudo que ocê usa e tem um efeito que é diferente, num traz nada pro bem, é discriminado, num vale a pena.

Num dá nada de bom para a saúde também né? Num traz nada pro bem da saúde. Só traz o mal.

E quando cê consegue passar por uma época sem usar, aí cê vai superando. Vai tentando superar, né? Sair de um mundo pro outro. Do mundo da ilusão do álcool, pro mundo real. Quando ocê tá bebendo, seja por causa da chuva, ou procê pegar o lixo, pegar um bicho morto igual eu falei procê, ocê num pensa em nada disso.

As repercussões nas relações de trabalho

Carlos apontou mudanças significativas em sua relação com o trabalho a partir de sua abstinência:

No trabalho eu sinto que tenho mais ânimo para trabalhar. Saio de casa pra vim para o trabalho, com o pensamento no trabalho, e não na bebida. **Hoje, trago até marmita, antes eu pensava só em beber.**

Falou também de suas estratégias para lidar com os convites dos colegas de trabalho para beber:

Hoje, no meu dia-a-dia do trabalho, quando alguém faz alguma coisa assim tipo raiva... eu consigo lidar.
Os cara me chama pra tomar uma, eu falo que tô tomando remédio. Aí, eles num insiste. É, às vezes, tem expressões de vontade de voltar tudo de novo.
Mas ocê tá com a cabeça já no lugar, né? Então, cê num pensa... cê num... num deixa acontecer isso, né? **Cê já tá com a cabeça bem mais dura, já tá mudando.**

Com o passar do tempo, os colegas pararam de convidá-lo:

Quando eu tava bebendo, os colega ficava me gozando e falavam que eu passava por uma transformação de homem para “lobisomem”.
(risos)
Hoje em dia, o lobo saiu, só ficou o homem.
No início, eles ficavam me atentando, pra ver se eu caía. Agora, eles já sabem que eu não estou bebendo e não me oferecem mais.

Alguns colegas de trabalho se mostraram favoráveis à sua abstinência e Carlos falou como é difícil no dia a dia do trabalho ser *amigo dos amigos*. Fazer a separação entre os que chamam para beber e os que chamam para não beber e, ao mesmo tempo realizar um trabalho que é essencialmente, coletivo:

Na coleta, às vezes, tem guarnição que tá bebendo. Aí, é mais difícil, mesmo quando ocê tá tentando parar, igual eu falei procê. A gente tá ali vendo os cara beber. Fica tipo equilibrando no arame. **Na coleta, ocê num pode ser só “amigo dos amigos”, porque ocê precisa de todo mundo.**

Ele ressaltou o aprendizado que teve a partir de suas recaídas, falando com clareza da dificuldade em se manter em processo de abstinência:

Ocê já passou por fase assim das outras recaídas... e ocê vê que num vale a pena. Que tem que resistir do jeito, que tá mesmo. Se ocê tá conseguindo superar isso aí, sem álcool. Cê vai começar tudo de novo? E vai passar por outro sofrimento? Num sei se são paixões, num sei se são algumas coisa que acontece com as pessoas. As pessoas começa e num pára. Cê já deve ter visto uma pessoa que fica bebendo, bebendo, bebendo... Parece tentação num é? Eu num sei o que acontece... é difícil de sair. É difícil... mas muitos já falaram comigo assim: "*Carlos, se ocê num tivesse parado de beber, ocê tinha morrido e num tinha nem mais osso... num tinha nem mais osso*". O "espingarda" que aposentou, de vez em quando, ele falava comigo.

As repercussões no casamento

Há três anos, mora com uma segunda mulher. Ele disse que seu relacionamento com ela é bem diferente do que teve com a primeira, justificando a diferença no relacionamento ao fato de estar em abstinência:

Vai pra três anos esse segundo relacionamento. Tenho um filho que tá com três meses. **A convivência minha com essa esposa tá muito boa graças a Deus, porque eu num tô bebendo. Nós discutimos muito, mas todo mundo discute.**

Agora, com o nascimento desse menino, a coisa melhorou. Eu e ela estamos bem graças a Deus. Eu também tô fazendo de tudo pra gente ficar bem. Eu preciso de alguém pra me dar uma força, né? **A única pessoa que pode dar a gente uma força, é a mulher que tá do lado da gente: lavar uma roupa, passar, fazer uma comida, cuidar da gente. Então, eu mais ela estamos bem, graças a Deus.**

Em março deste ano, Carlos deu entrada em seus papéis para o pedido de aposentadoria por tempo de serviço, e está aguardando a resposta do INSS.

Análise do Caso

A história parece conter uma junção de fatores que constituem um terreno fértil para a instalação do alcoolismo.

Fatores sociais como as privações comuns às famílias extensas e de baixa renda - no caso, onze irmãos; as dificuldades para tratamento de saúde na infância e as carências da região em que nasceu, impunham a Carlos, na luta pela sobrevivência, a troca do trabalho por um prato de comida. O primeiro trabalho foi na fazenda buscando cavalos no pasto para as pessoas montarem, depois no galpão do dono da fazenda, onde eram vendidos alimentos e bebidas.

Seus primeiros contatos com o álcool aconteceram quando ele era ainda criança e acompanhava o pai nas apresentações de um grupo folclórico de Folia de Reis. Segundo ele, naqueles momentos, era possível tomar bebida alcoólica escondido de seu pai, para satisfazer sua curiosidade infantil.

Teve também uma relação conflituosa com seu pai. Este era uma pessoa dura com a família, além de ser dependente de álcool, o que o levou à morte.

Carlos veio aos onze anos para Belo Horizonte para tratar da saúde e ficou morando com uma tia até os vinte anos de idade.

Sua história nos mostra as repercussões na vida daqueles que, não sendo favorecidos socialmente, se vêem obrigados a trabalhar desde criança na luta pela sobrevivência.

Em Belo Horizonte, continuou sua história de trabalhador como lavador de carros.

Ser admitido numa empreiteira e, posteriormente, na SLU, representou, para Carlos a possibilidade de conquistar algum direito, deixando de trabalhar apenas para sobreviver, embora as condições de trabalho que enfrentou na SLU fossem muito precárias.

Seu relato evidencia que essas condições de trabalho somadas a algumas características das atividades desenvolvidas foram determinantes para a sua dependência. Ressaltamos de início, as condições de trabalho na época em que foi admitido na SLU, pois os caminhões de carroceria de madeira não eram adequados para a coleta de lixo domiciliar, não eram fornecidos os equipamentos de proteção individual, e o ritmo de trabalho era muito intenso. Somam-se a esse contexto, dois fatores: a coleta de lixo domiciliar caracteriza-se por acontecer essencialmente em grupo, cuja influência foi um elemento significativo na relação de Carlos com o álcool, uma vez que, encontrou uma espécie de “cultura” favorável ao uso do álcool na coleta. Além disso, por ser uma atividade que ocorre na rua, dificultando a fiscalização da chefia sobre o trabalhador, o que abre espaço para uma idéia de

liberdade, levando-o a acreditar que pode fazer tudo, inclusive beber durante a jornada de trabalho.

Carlos passou por várias tentativas de entrar em abstinência, ficando clara a angústia de quem passa por esse processo.

Por um outro lado, ele também deixou claro o papel de trabalho no seu processo de abstinência do álcool. Em um determinado momento de abstinência, ele contou com a ajuda do grupo de trabalho para lhe dar suporte. Além disso, tinha medo de perder o emprego e, sobretudo, contou com a ajuda do programa de prevenção ao abuso de álcool. É importante salientar que a sua última entrada no programa foi por vontade própria o que, sem dúvida, faz toda a diferença na tentativa de entrar em abstinência.

CAPÍTULO IV

A RELAÇÃO ENTRE O TRABALHO, O USO DO ÁLCOOL E SUAS MEDIAÇÕES

Partindo dos dois estudos de caso que acabamos de descrever tentaremos explicitar alguns mediadores, identificados por nós, e que permitem evidenciar melhor os nexos entre a atividade do Gari III, a coleta de lixo domiciliar, e o uso do álcool.

Em sua pesquisa com os trabalhadores da construção civil, (SILVA, 2006) entende como mediadores:

Todos os elementos identificados entre os sujeitos da investigação e que contribuem, direta ou indiretamente, para que recorram ao álcool: sentimentos, vivências, percepções, sensações fisiológicas. (SILVA, 2006, p. 122)

É também através da identificação do conjunto de mediadores que pretendemos compreender melhor como se dá a passagem entre o trabalho na coleta de lixo domiciliar e o desenvolvimento do alcoolismo.

Dessa maneira, analisaremos algumas situações relatadas pelos sujeitos da pesquisa e que se apresentam como os mediadores entre o exercício de suas

atividades e o uso do álcool. No entanto, não podemos esquecer que as situações de trabalho são comuns, mas a forma como cada um lida com elas é singular:

Assim, os mediadores identificados só adquirem sentido quando contextualizados nas histórias de vida de cada trabalhador (...) Para compreender esse dado, é necessário analisar a relação que cada indivíduo estabelece com as suas condições de trabalho e com as exigências que lhe são impostas. (SILVA, 2006, p.104).

Nossa explicitação será baseada nos depoimentos dos trabalhadores, destacando trechos das falas de Vítor e Carlos e inserindo também outros trechos de entrevistas feitas com outros trabalhadores, que não se tornaram estudos de caso. Algumas citações resultaram das observações e entrevistas nos locais de trabalho e outras foram extraídas das entrevistas realizadas para monografia de final de Curso de Especialização em Psicologia realizadas por Patrícia Q. Alves sobre o mesmo tema desta pesquisa. Faremos uma classificação dos mediadores, para efeito de exposição. Assim, concluímos que, na função de gari III, o uso do álcool pode servir para:

4.1 – Para lidar com situações de retrabalho

Em um momento de seu relato, Vítor fala de uma estratégia que os garis utilizavam para aumentar a capacidade do caminhão que era colocar as placas de madeirite em volta da carroceria, o que, muitas vezes, gerava retrabalho.

A carroceria com as placas de madeirite ficava mais alta e, como a parte superior era aberta, batia nos galhos das árvores, jogando o lixo que estava na carroceria nas vias públicas. Isso obrigava os trabalhadores a coletá-lo novamente:

Lá em cima... Com aquele madeirite que tinha dois metro e quarenta quase de altura, só o madeirite. A parte da carroceria ali, vai pros quatro metros e cinqüenta... E alguns colchões velho que a gente arrumava de mola, que tinha muito naquela época, né? A gente ainda botava em volta daquilo tudo...

Tinha dia que a gente pegava numa galha assim... Voava lixo pra todo lado, aí parava o caminhão, vamo jogar aquilo pra cima de novo!
(Vítor)

Esse retrabalho era visto de forma diferente entre os trabalhadores que faziam uso de álcool e os que não faziam. Vítor fala dessa distinção, apesar de considerar que a forma mais tranqüila de encarar o problema, entre os que faziam uso do álcool, era “falsa”:

Para aqueles que bebiam, era uma festa só! Mas uma festa falsa... aquela alegria falsa, né? Ele já num vê que ele tá mais sujo, ele num vê que ele é um coletor de lixo né? Ele num tá vendo mais. Então, é isso que o álcool traz. **Essa falsa ilusão que o álcool gera no... no ser humano é que faz o cara... beber.** (Vítor)

Os trabalhadores que não bebiam lidavam com essa situação de outra forma. Para eles, era uma coisa ruim, ficavam irritados: “*os companheiros que não bebiam ficavam xingando o trabalho, saíam pra lá de cara fechada e reclamando de ter que pegar tudo de novo, né?*”.

4.2 - Para lidar com o ritmo de trabalho

Na coleta, o ritmo era muito intenso o que obrigava o trabalhador a uma jornada acelerada. O álcool entra, muitas vezes, como um combustível para “esquentar” o corpo:

Antigamente, o ritmo da coleta era mais acelerado. Por exemplo, a gente tá com o corpo meio tenso, meio frio. **Aí, ocê toma uma pra esquentar.** E a gente sai “vasado”. Mas a gente tinha que ir regulando, porque se tomasse demais, o corpo num agüentava. **Quando num toma, a gente fica mais devagar.** Da minha parte, eu já trabalhei com gente que num tomava nada e trabalhava normalmente. Bom, pra cada corpo, uma diferença, né? Cada pessoa tem um ritmo diferente. (Vítor)

Carlos falou que quando pensava em ser um *profissional* não sabia do ritmo de trabalho na coleta. Assim, passou a usar o álcool para dar conta desse ritmo acelerado de trabalho. Mas com o passar do tempo, a dose de álcool foi aumentando, a necessidade de quantidades maiores para obter o mesmo efeito:

Eu pensava assim: “*oh, eles tem um preparo físico, uma resistência uma resistência boa, um dia eu vou ser profissional*”. Só que quando ocê olha assim, ocê num vê porque daquela correria (...) **Aí, a bebida começa a entrar a partir do momento que eu começava a trabalhar. Porque quando cê toma uma, ocê anima. Aí, eu pegava, tomava uma, duas pinga pra trabalhar. Na coleta eu comecei assim. Uma depois era**

duas... às vezes, era duas na parte da manhã, e duas na parte da tarde, quando eu tinha que voltar pra rua. Tudo neste ritmo puxado. (Carlos)

4.3 - Para lidar com o sentimento de vergonha

“eu tinha vergonha de trabalhar da forma que a gente trabalhava”.

Conforme já foi dito, diante daquela realidade do trabalho na qual, muitas vezes, tinha que usar roupas improvisadas, Vítor afirmou que sentia vergonha e que o álcool aparecia como um elemento que o ajudava a suportar essa situação. Ele relata também, a necessidade crescente de doses maiores para sentir o efeito desejado:

Escandalosa é a forma que a gente se vestia, né! Uai, uma coisa puxa a outra, né! Se ocê tá ali escandaloso, aí cê fala:” **ah, eu vou tomar uma e tal”**. **Porque cê tá lá com vergonha, né de si mesmo. Aí, ocê, “ah vou tomar umas duas”, aí, acaba com esse negócio. Aí, todo dia duas... Aí, as duas já não tá dando mais... Todo dia toma três, toma quatro e vai progressivamente... (risos)**

É, uai! Eu tinha vergonha de trabalhar da forma que a gente trabalhava né?

Oh, eu era um cara jovem, né, vinte anos. Nem vinte anos direito eu num tinha, né. Aí... Uma bermuda rasgada dum lado, às vezes, até a genitália aparecendo, os órgãos aparecendo lá e tal, e um tênis um vermelho e um preto, outro azul outro branco... Aí, ocê olhava assim e falava: *puta Merda... Mas eu tô pior do que... mendigo!*

Eu olhava um mendigo lá na calçada ele tava mais melhor do que eu, porque ele tava com um paletó tampando tudo, né. Ele tava melhor do que eu, ali de junto daquela carga.

Então, isso já trazia um pouco de... receio, isso com certeza. **Aí... Nesse receio o quê que o cara faz? Ah, vou tomar uma ali, duas, três... E daí, foi. E a coisa foi só progredindo, né?** (Vítor)

A relação entre o sentimento de vergonha por realizar um trabalho desvalorizado que ninguém queria fazer e o uso de álcool para combatê-lo aparece também em vários momentos da fala de Vítor:

Eu disse pra você que a situação precária que a gente trabalhava nela... E era um serviço que não é qualquer um que tinha coragem de pegar pra fazer! Coleta de lixo... Como se diz assim... Nós fomos “pegado a laço” que ninguém queria coletar lixo... Ninguém queria coletar lixo, aqui era um serviço de último caso!

Aí, a vergonha some, porque o cara tá embriagado, como é que ele vai perceber que... Ele já num tá normal, né? Ele só tomou três pinga, e o cara já num tá normal... (Vítor)

Ele deixa claro que o uso de bebida fazia com que se sentisse mais à vontade. Mas esta situação não poderia afetar o funcionamento da guarnição, sob pena de ser cobrado pelo grupo com relação à tarefa que tinha de realizar:

A gente quando “tomava uma” ficava todo à vontade. Num tava nem aí pra nada. Mas se você tivesse atrapalhando o trabalho os cara já falava: *Cê tá chupando o sangue, vê se num fica morcegado, vamos desembolar*. (Vitor)

Foi na coleta, foi através da coleta que eu comecei a beber, porque lá o pessoal bebia, acabava um trecho, aí eles me chamavam, a gente ia lá pro barzinho beber, aí foi indo, fui começando a beber, e na época do Natal também né, ficava todo mundo gritando, pedindo, e eu ficava caladinho, aí eles falava, é na hora de dividir você quer o seu...? Então pode dá seu jeito aí, eu comecei a beber pra criar coragem né, aí acabava a vergonha mesmo, aí eu pedia igual filho de cego.” (Lucas)

4.4 - Como fuga da realidade

“cê perde totalmente a noção de vida. o alcoólatra ele chega a perder totalmente a noção de vida, o que é a realidade. então, aquele momento de festa”.

A idéia de beber para esquecer aparece com freqüência nos relatos de Vitor. O álcool entra como um elemento que ajuda na fuga de algumas responsabilidades que o sujeito não quer assumir. O caminho que busca, então, é *esquecê-las*:

Mas o alcoolismo é uma coisa engraçada sô. Na mesma hora que o cara está ali fazendo aquela festa toda, né, investindo no alcoolismo ali, ele não lembra que tem que levar determinadas coisas pra casa, entende? Aquela responsabilidade parece que fica atrás da porta na hora que entra no bar, ou... **Cê perde totalmente a noção de vida. O alcoólatra ele chega a perder totalmente a noção de vida, o que é a realidade. Então, aquele momento é de festa.**

Aí, mas na hora que ele põe a cabeça no travesseiro, ele lembra daquela festa que ele fez lá... No bar com aquele pouquinho que ele tinha em vez dele levar pra casa, não levou, né? (Vitor)

4.5 - Para lidar com as condições climáticas

O álcool era utilizado também como forma de enfrentamento das condições climáticas e pressões do trabalho. O fato de ter que realizar a coleta debaixo de sol

ou chuva, pois a cidade tem que ficar limpa, também foi citado pelos sujeitos como fator que os levava a consumir álcool:

E como alguns coletores já tinham o hábito de beber, e pela cobrança, aquela pressão que cê tem que trabalhar debaixo de sol. E chuva, principalmente na época de chuva, né? Ocê com aquele frio, correndo atrás dum caminhão, todo molhado, né? E todo sujo...ocê procurava alguma coisa pra tentar amenizar, né? **E a primeira coisa que a gente via, que tinha e que as pessoas davam sem... eh preocupação com o custo, era a cachaça, né?** Chegava lá, qualquer um te dava uma pinguiinha. Falava: **“Vem cá e tal. Ocê tá molhado mesmo, toma uma cachacinha aqui procê aliviar e tal”**. É assim que eles faziam pra gente. (Vitor)

É muito comum o uso de álcool para dar “ânimo” para enfrentar a chuva, pois a limpeza da cidade não pode parar:

Aquilo anima mais quando cê toma um álcool alguma coisa assim. Ta chovendo, cê sai na chuva né? A cachaça ela é fria, mas cê toma ela... ela te esquenta. Na hora que cê toma ela, cê sente que ocê ta quente. Esquenta, te reanima né? É poder do álcool, né?(...) **vem reações de coragem procê encarar a chuva, né?** Na coleta, a gente bebia na época de chuva. A hora que começava a chover mesmo, a gente num podia parar tinha que fazer serviço na chuva assim mesmo. Aí, a gente tomava umas. Acho que ajudava. Talvez cê já tava na chuva cê... **Era mais divertido. Cê achava mais divertido. Cê divertia.** (Carlos)

E continua...

O cara quando ele tá com excesso de álcool, ele encara a chuva mais normal. Pra ele... é mais firme, ele tá mais firme... tem mais disposição. Pra ele ali a poder da droga e do álcool ele ta com mais disposição de encarar uma chuva, uma água fria... Pra ele, parece que as força num sei o quê que acontece que a disposição é mais. Então, é desse jeito [Silêncio] É desse jeito... (Carlos)

Em seu relato, também se referiu ao álcool como fonte de energia para enfrentar a sensação de frio:

Chegava época de chuva tinha que ficar esperando molhado de chuva, aí isso puxa muito: *Ah vou tomar uma pra esquentar que tá frio pra danar!* E eu sentia frio... Aí nessa época, assim que eu já tava bem derrotado já. Tava quase jogado. (Carlos)

4.6 – Para enfrentar o estigma social

Ele relatou como o álcool era usado para dar conta das “gozações” dos munícipes vivenciadas no dia a dia da coleta e do sentimento de estar fazendo um trabalho estigmatizado:

Quando ocê num tem estudo, ocê tem que fazer esse tipo de serviço. Eu gosto de trabalhar na SLU, mas tem hora que ocê via o preconceito das pessoas. Ocê passava na rua, e as pessoas da rua ficava te gozando: “ô *lixeiro, ô cheiroso*”. **Pra te falar a verdade, eu ficava com vergonha, porque todo mundo logo te olha, né? O que eu fazia? Eu apelava na hora. Como eu sou tímido, eu tomava “uma” pra tomar coragem pra falar.** (Carlos)

4.7 - Para suportar o mau cheiro

Carlos falou de momentos em que recorria ao álcool para dar conta das condições insalubres impostas pela atividade:

Então, tem coisa que incentivava. Cê tá ali num lugar fedendo mau cheiro e coisa... e tal. Na coleta, eu mexi com essa parte de cachorro morto. Pegava cachorro morto em... em algum lugar de proteção de animal. Então, os cachorros lá... era muito... a gente chegava lá, eles tava bem... em decomposição. Aquela coisa muito... Já fedorenta. **Tinha vez que a gente... dava vontade de beber para encarar, e eu bebia. Aí, eu pensava: “só tomando uma...”** (Carlos)

Esta situação de utilizar o álcool para dar conta das situações em que tinha de lidar com o mau cheiro, apareceu em outros momentos da fala de Carlos. Na guarnição, ele passou a ser considerado pelo grupo como *estômago forte*:

Aí, eu já era considerado um cara de estômago forte. Porque se a gente tinha que pegar algum animal morto, os caras me chamavam e falavam assim: “ô *Carlos ocê que tem o estômago forte, vai lá e pega aquele bicho morto lá*”. Eu falava: “*deixa comigo*”. **Eu ia no primeiro boteco, e pedia um copo na risca de pinga. Mandava aquilo pra dentro, ia lá, e pegava o bicho. Num tava nem aí. Na hora do almoço, eu ainda comia a marmitta que eles me davam por que diziam que tinham perdido o apetite.** (Carlos)

Um outro gari também falou sobre a necessidade de beber para realizar o trabalho, enfatizando não apenas o mau cheiro, mas também a disposição que o álcool lhe dava para correr:

Foi mais no principio por causa do mau cheiro do lixo, o gás, frango de granja tinha cheiro insuportável, cachorro e bicho morto. O gás também é muito forte, aí vai indo você não agüenta, acho que a maioria vai é por aí. Dá aquela desculpa que **para trabalhar ali tem que beber para agüentar. Ter disposição para correr.** (Lucas)

Além disso, esse mesmo gari refere-se ao papel dos colegas no uso do álcool:

No começo foi, depois não, aí foi vontade mesmo e costume de beber. Tinha dia que eu falava que não ia beber, mas não tinha jeito chegava **no primeiro boteco e os companheiros falavam vem cá vamos tomar uma?** Aí, eu não resistia, tinha gente que oferecia nos bares aí não resistia. **O mau cheiro e os amigos contribuía muito.** (Lucas)

4.8 - Para “abrir o apetite”

Carlos falou que recorria ao álcool também para “abrir o apetite”, embora reconhecendo que isso era, muitas vezes, era usado como uma desculpa para beber:

Às vezes, chegava a hora do almoço a gente saía direto pro bar. Tomava uma e dizia que era pra abrir o apetite. Chegava e falava: “Esse franguinho com quiabo tá pedindo uma”. Eu falava: “vou tomar uma sem exemplo”, mas ali começava. Eu num sei dizer se a pinga aumenta o apetite. Mas a gente acostuma a tomar uma na hora do almoço. Talvez é só uma desculpa. Ali começa... (Carlos)

4.9 - O álcool para enfrentar a timidez

Carlos falou também do álcool como forma de enfrentar a timidez:

Porque com o álcool, ocê se distrai mais. Ele faz... ocê passar a sentir que, se ocê usar aquilo, ocê que é muito tímido, ocê passa a ser outra pessoa.

Ocê tem outro sentido. Aí, parece que ocê num tem sentido na vida sem essa coisa. Só o cara que vive aquilo é que sente. Só ele sabe o que passa né?

É difícil de explicar [*silêncio*] é difícil da gente saber como começa e como termina... (Carlos)

4.10 - Para lidar com a tensão

“olha, eu vou te falar com você que eu cheguei a consumir álcool, mais pra num ver colega meu correr o risco de cair debaixo de caminhão”.

O álcool, em algumas situações, era utilizado pelos trabalhadores como uma forma de lidar com tensão causada pelos riscos inerentes à realização da atividade em condições inadequadas:

Olha, eu vou te falar com você que eu cheguei a consumir álcool, mais pra num ver colega meu correr o risco de cair debaixo de caminhão. **Porque, assim ocê num via... Sabe que ocê tava alcoolizado a ponto assim de... né?** Cê tava num estado de tensão tão grande que ocê como “socador” mexendo na carga lá de cima, você via o cara correndo assim, do lado assim oh, próximo da roda do caminhão. (gari T).

Como pudemos observar a partir dos relatos, o álcool de alguma maneira favorece a que trabalhadores lidem melhor com as exigências impostas pela atividade de limpeza urbana.

Pelos mediadores que encontramos, podemos perceber que o uso de álcool possibilita ao trabalhador lidar com questões desde as mais objetivas como a de realizar a coleta de lixo em dias de chuva até as questões subjetivas como o lidar com os sentimentos de timidez ou vergonha por realizar uma atividade estigmatizada socialmente.

CAPÍTULO V

AS PRINCIPAIS TESES SOBRE ALCOOLISMO

Neste momento, trataremos brevemente, da história da relação do homem com o álcool e exporemos algumas teorias sobre o alcoolismo, sobretudo, aquelas que o relacionam com o trabalho.

Além disso, como a cachaça foi a bebida que mais apareceu nesta pesquisa, falaremos um pouco sobre a história dessa bebida no Brasil.

Toda a história da humanidade está permeada pelo consumo de álcool. Registros arqueológicos revelam que os primeiros indícios sobre o consumo desta substância pelo ser humano datam de aproximadamente 6000 a.C., (alguns autores falam em 10000 a.C) sendo, portanto, um costume extremamente antigo e que tem persistido por milhares de anos.

A noção de álcool como uma bebida dos deuses, por exemplo, pode ser encontrada em inúmeros exemplos na mitologia, sendo talvez um dos fatores responsáveis pela manutenção do hábito de beber ao longo do tempo.

Segundo LEME (2003), o código de Hamurabi, mil anos antes de Cristo já especificava os momentos, os lugares e as situações em que se podia fazer ingestão de bebida alcoólica, além de distinguir as pessoas que podiam fazê-lo.

Inicialmente, as bebidas tinham teor alcoólico relativamente baixo, por exemplo, o vinho e a cerveja, já que dependiam exclusivamente do processo de fermentação. Com o advento do processo de destilação, introduzido na Europa pelos árabes na Idade Média, surgiram novos tipos de bebidas alcoólicas. Nessa época, esse tipo de bebida passou a ser considerada como um remédio para todas as doenças, pois *"dissipavam as preocupações mais rapidamente que o vinho e a cerveja, além de produzirem um alívio mais eficiente da dor"*, surgindo, então, a palavra whisky (do gálio "usquebaugh", que significa "água da vida").

No Brasil, desde seu aparecimento, a cachaça sempre esteve presente nas camadas sociais mais desfavorecidas. GUIMARÃES (2005) afirma que a colonização do Brasil, principalmente a nordestina que se consolidou a partir da produção açucareira, desde o início, criou condições para que a aguardente destilada de cana se tornasse produto de consumo rotineiro das populações de baixo poder aquisitivo.

CASCUDO (1986) aponta para esse fato quando fala dos primeiros registros do nome cachaça no Brasil feitos pelo navegador francês Pyrard de Laval que em 1610 estivera na cidade de Salvador e afirmava que: *Faz-se vinho com o suco da cana, que é barato, mas só para os escravos e filhos da terra.*

A fabricação da cachaça no Brasil colônia é descrita por CASCU DO (1986) que a coloca como uma bebida feita para alimentar os animais:

Constituem para mim, os registros iniciais da "cachaça" no Brasil. André João Antonil, ou seja, o jesuíta João Antônio Andreoni, na primeira década do séc. XVIII pormenorizava: - "Guiando-se o çumo da cana (que chamão caldo) para o parol da guinda, daí vai por uma bica a entrar na casa dos cobres, e o primeiro lugar, em que cái é a caldeira que chamão do meio para nela ferver, e começar a botar fora a imundícia, com que vem da moenda. O fogo faz neste tempo o seu ofício; e o caldo bota fora a primeira escuma, à *que chamão Cachaça*: e esta por ser imundícia vai pelas bordas das caldeiras bem ladrilhadas fóra da casa, por um cano bem enterrado, que a recebe por uma bica de páu metida dentro do ladrilho, que está ao redor da caldeira, e vai caindo pelo dito cano, em um grande cocho de páu, serve para as bêstas, cabras, ovelhas, e porcos; e em algumas partes também os bois a lambem; porque tudo é doce e ainda que imundo, deleita."

Os portugueses, por sua vez, consumiam uma aguardente feita de uva que importavam de seu país. CASCU DO (1986) afirma que no Brasil importava-se farinha do Reino, queijo do Reino, pimenta do Reino. Importar-se-ia aguardente do

Reino, feita de uvas, para o português no exílio tropical. A uva e trigo representavam para eles a possibilidade de matar a saudade dos sabores de sua terra distante.

Desde os tempos do Brasil colônia, segundo SILVA (2005), a cachaça já era usada para enfrentar as condições climáticas e a fadiga dos trabalhos. Esse autor afirma que já naquela época, seria impossível imaginar o cotidiano das camadas menos abastadas da população sem as inevitáveis doses de cachaça, mesmo os escravos para quem a aguardente servia como aliado contra a fadiga do trabalho nas plantações e nos engenhos e contra o frio das terras auríferas.

LARANJEIRA (2001) afirma que, a partir da revolução industrial inglesa, alguns fatores contribuíram para mudar o caráter do uso do álcool pela sociedade. Registrou-se um aumento na oferta de bebida destilada na forma de gim, com um conteúdo alcoólico maior. Depois, com o aumento da produção, o preço do álcool diminuiu muito, facilitando o acesso de um número maior de pessoas a esse produto. Em consequência disso, houve um aumento no número de pessoas que passaram a apresentar algum tipo de problema devido a seu uso excessivo.

Devemos considerar também o fato de que a maior parte das populações passou a viver em grandes concentrações urbanas, o que mudou bastante o perfil das relações sociais. Com isso, mudou a forma de consumir o álcool, que passou a ser comprado a preços baixos por pessoas que buscavam essencialmente a intoxicação.

Há muito, as sociedades se interessam por compreender a embriaguez. PULCHERIO; BICCA; SILVA (2002), afirmam que o álcool foi a primeira substância psicoativa a ser estudada, considerando o fato de ser a mais antiga e mais amplamente utilizada no mundo. Um outro aspecto que elas apontam para esse interesse são as consequências de seu uso continuado ser um dos maiores problemas de saúde pública, haja visto o alto índice de morbidade que o acompanha.

FORTES (1991) cita estudos que atestam que, há cinco séculos atrás, os distúrbios nos rins, no fígado e no baço, além do *delirium tremens*, já eram relacionados ao uso excessivo de álcool.

Mas o termo “alcoolismo” foi proposto pela primeira vez em 1849 pelo médico sueco Magnus Huss. Ele descrevia o consumo excessivo de álcool como uma entidade clínica, afirmando que “a alta ingestão de álcool provoca doenças físicas e mentais”.

No entanto, a compreensão desse fenômeno não é fácil e existem vários modelos que tentam dar conta de explicá-lo, variando de acordo com o contexto sócio-histórico.

VAISSMAN (2004) afirma que apesar de se ter pesquisado muito sobre a etiologia do alcoolismo, esse tema ainda não foi totalmente desvendado, comportando várias teorias que vão desde as definições médicas (formulações psiquiátricas, psicológicas e de saúde pública), passando pelas definições científicas (psicologia cognitiva comportamental e da farmacologia comportamental); as definições legais e, por fim, as definições sociológicas.

O modelo moral para explicação do alcoolismo é o mais antigo. MARLAT & GORDON (1993) afirmam que esse modelo está sustentado em uma visão da moralidade cristã. Ele atingiu seu ápice nos Estados Unidos, em 1919, com a aprovação da Lei Volstead, que combatia a intemperança, voltando-se para a abstinência total. Baseia-se em pressupostos religiosos e explica o uso de qualquer substância como um problema de “controle dos impulsos”. O indivíduo que utiliza o álcool é visto como alguém que não tem “fibra moral” e não tem controle de suas ações. O alcoolismo é visto como fraqueza de caráter. A ideia de vício era a que prevalecia para definir a relação daqueles que faziam uso de álcool e que não tinham controle sobre o beber.

A ênfase do ato compulsivo de beber é colocada na bebida, atribuindo-se a ela um poder de atração e, conseqüentemente, as tentativas de resolver à supõem a necessidade de eliminar o acesso do indivíduo às bebidas, como aconteceu nos Estados Unidos com a “Lei Seca”.

Embora já haja elementos que permitem a discussão do alcoolismo em outros campos do saber, percebe-se, entretanto, um privilégio do modelo moral para explicar a relação do indivíduo com o álcool.

Ainda hoje, encontramos autores que sustentam a perspectiva moral sobre o alcoolismo. LEME (2003), por exemplo, afirma que existem dúvidas a respeito do caráter, da formação moral, psiquê e da força de vontade do alcoólatra. Para ele, “não existe alcoolismo sem alcoólatra”, nem um ente chamado alcoolismo que vive e se comunica e se movimenta”. Este autor define o alcoólatra como a pessoa que tem problemas com a bebida que contém álcool, que ao ingerir bebidas alcoólicas, causa problemas para si, para os outros que estão próximos e para a própria sociedade.

Afirma ainda, que esses problemas devem ser graves e constantemente observados. Assim, para efeito de análise é preciso ter a seguinte combinação: bebidas alcoólicas associadas a problemas graves.

LEME segue o mesmo modelo para definir uma situação característica do alcoolismo: a recaída. Afirma que a recaída é o ato de não conseguir zelar pela própria vida, após, o dependente ter conseguido fazê-lo por um determinado tempo.

O que vemos, nesse tipo de análise, é uma responsabilização exclusiva do indivíduo por uma situação que, no nosso entendimento, não pode ser vista de maneira tão simplista desconsiderando todas as implicações sociais, físicas e psíquicas envolvidas nesse processo.

A tese biologicista é outra forma de compreender o alcoolismo. Propõe que algumas pessoas nascem com o organismo predisposto a reagir de determinada maneira, quando ingerem o álcool. Aproximadamente, dez em cada cem pessoas nascem com essa predisposição, mas só desenvolverão esta doença se entrarem em contato com o álcool. (ANDRADE et al., 1986; BEALE et al., 1962; GUALANDRO, 1992). Embora neguem a hereditariedade do alcoolismo os adeptos dessa explicação afirmam que, existe uma predisposição orgânica para o seu desenvolvimento, sendo, então, o alcoolismo transmissível de pais para os filhos.

Eles propõem que o desenvolvimento do alcoolismo envolve três características: a base genética, o meio e o indivíduo. Sendo assim, filhos de pais alcoólatras são geneticamente diferentes, porém, só desenvolverão a doença se estiverem em um meio propício e tiverem características psicológicas favoráveis.

Segundo MARLATT&GORDON (1993) e RAMOS (1997) o modelo de alcoolismo como doença tem como “vantagens” o fato de retirar os estigmas morais que são associados ao alcoolismo. Isso permite que muitos indivíduos busquem o tratamento médico em situações problemas com o álcool. Com a idéia de alcoolismo doença o indivíduo é absolvido da responsabilidade pessoal pelo ato de beber.

Deste modo, o alcoolismo é visto unicamente como um transtorno biológico. O alcoólico recebe a notícia que sofre de uma doença similar a outras, como diabetes, por exemplo, e, assim como os diabéticos não são culpados pela sua doença, os alcoólicos também não.

Dessa maneira, aparece um paradoxo conceitual que é a idéia de “controle”. Se por um lado, o indivíduo não seria responsável por beber em demasia, pois isso seria em decorrência de uma doença que já existia nele, mesmo antes do primeiro

gole, por outro, a prescrição médica é a abstinência total por um período indefinido. A ordem é: “você não pode beber”, baseada apenas na “força de vontade”, não restando, muitas vezes, ao indivíduo outro destino que não seja a recaída.

Neste sentido, o paradoxo acentua-se, na medida em que, se a explicação está para além do controle e da responsabilidade da “vítima”, ao mesmo tempo, tratamento assume, com frequência, a forma de um mandamento moral: “*não beberás*”. O bebedor não é responsável pela doença, mas é responsável pela extinção da mesma.

Essa é, contudo, uma visão determinista e apesar de admitir o papel do meio, não é capaz de mostrar como se articulam as predisposições orgânicas com as influências advindas do contexto³⁹. Entendemos ainda que se fosse possível “dissecar” o organismo doente até atingir o cromossomo, a resposta não estaria somente ali. Afirma-se também que o indivíduo desenvolve uma tolerância, ou seja, um estado de adaptação do organismo ao álcool decorrente da necessidade de manutenção de sua homeostase, manifestando-se pela necessidade de aumentar a quantidade do produto para a obtenção dos mesmos efeitos.

Essa tem sido uma tendência cada vez mais presente para a explicação da etiologia dos transtornos mentais entre eles o alcoolismo, no entanto, essa perspectiva de cunho biologizantes, muitas vezes, vai servir a interesses econômicos dos laboratórios farmacêuticos que buscam produzir e vender remédios para tratar o alcoolismo, considerado apenas como doença orgânica.

GRIFFITH (1987) coloca a impossibilidade de existir uma causa única para o beber excessivo de uma pessoa. Segundo ele, há sempre uma multiplicidade de causas, ressaltando que não se trata apenas de vários fatores causais operando em um dado momento, mas causas atuais sofrendo influência de comportamentos modelados no passado. Esse autor, no entanto não diz como esses comportamentos foram modelados.

Em 1976, EDWARDS & GROSS propuseram o conceito de Síndrome de dependência do Álcool/DAS, compreendendo que os sintomas vão se intensificando ao longo do tempo e que seguem um *continuum* de gravidade, não se tratando de um estado de “tudo-ou-nada”. Assim, o alcoolismo crônico, ou DAS instalar-se-ia de

forma lenta e insidiosa, ao longo de, em média, quinze anos de uso contínuo, diariamente ou quase, numa quantidade acima de 40g do álcool absoluto por dia de acordo com a Organização Mundial de Saúde (in: LARANJEIRA e NICASTRI, (1996).

Hoje, autores como MASUR, (1989); NICASTRI, (1997) in. VAISSMAN (2004) admitem a multicausalidade do alcoolismo e de outras drogas de abuso, isto é, consideram que há fatores de vulnerabilidade genética, biológica, psicológica e socioculturais, que interagem com maior ou menor influência na determinação e na instalação do alcoolismo crônico.

O que se considera neste caso para o aparecimento da doença do alcoolismo é o uso indiscriminado de álcool por um longo período na maioria dos casos desde a infância ou desde a adolescência.

Essa também é a posição adotada pelo Ministério da Saúde, desde 1991, ao definir o alcoolismo como um modo crônico e continuado de usar bebidas alcoólicas, caracterizado pelo descontrole periódico da ingestão ou por um padrão de consumo de álcool com episódios freqüentes de intoxicação e preocupação com o álcool e o seu uso, apesar das conseqüências adversas desse comportamento para a vida e a saúde do usuário. O Ministério da Saúde já começa a fazer uma co-relação entre alcoolismo e trabalho afirmando que segundo a OMS, a *síndrome da dependência do álcool* é um dos problemas relacionados ao trabalho.

VAISSMAN (2004) afirma que a Sociedade Americana das Dependências, em 1990, considerou o alcoolismo como uma doença crônica primária que tem seu desenvolvimento e manifestações influenciadas por fatores genéticos, psicossociais e ambientais, sendo freqüentemente progressiva e fatal. A perturbação do controle de ingestão de álcool caracteriza-se por ser contínua ou periódica e por distorções do pensamento, sobretudo, a negação, isto é, o bebedor alcoólico tende a não reconhecer que faz uso abusivo de álcool.

Várias são as teorias explicativas sobre o alcoolismo, mas a que adotaremos nesta pesquisa considera a afirmação de CRUZ (2006) segundo a qual entre as formas de adoecer, talvez nenhuma outra envolva de modo tão complexo os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais desde o início e durante toda a

³⁹ - Até hoje, não é possível refutar ou afirmar completamente a hipótese genética. No entanto, a contribuição de fatores psicológicos ligados a teorias da aprendizagem, além dos fatores socioculturais, é admitida no meio científico.

trajetória dos indivíduos como a dependência da droga/álcool. Dessa maneira, entendemos estar de acordo com a tese de LE GUILLANT (2006) sobre a impossibilidade de separação das esferas biológica psicológica e social, sendo este o modelo mais adequado para a compreensão de qualquer “doença”.

No que concerne ao alcoolismo, ainda devemos considerar o fato de ser um fenômeno no qual predomina a heterogeneidade, já que afeta às pessoas de diferentes maneiras, por diferentes razões, e em diferentes contextos e circunstâncias.

O que notamos ao longo desta pesquisa é que o álcool foi tomando um lugar cada vez mais importante na vida dos sujeitos chegando a um momento em que se tornou imprescindível. CRUZ (2006) afirma que a dependência não pode ser definida somente pela frequência e tipo de droga que o sujeito usa, mas, principalmente, pelo lugar que ela ocupa na subjetividade do paciente.

Segundo GIRAUD: “da dependência instalada em silêncio, um dia caberá um termo: a falta”. (in OLIEVENSTEIN, 2003). Sem esse termo, nada pode ser dito nem compreendido sobre a dependência. Para afirmar que a dependência está instalada, esse autor faz uma comparação entre usuários ocasionais e os dependentes e a reação entre ambos diante da falta do álcool, o álcool no caso desta pesquisa. Ele afirma que é na desigualdade diante da falta, que se pode compreender a dependência entre usuários ocasionais e dependentes, ainda que entre ambos, as fronteiras sejam imprecisas, difíceis de compreender e transponíveis pelo mesmo sujeito tanto num sentido como no outro, de acordo com o momento de sua história.

Encontramos também nessa pesquisas vários estudos sobre alcoolismo e trabalho, apontando para um risco maior de determinados tipos de trabalhadores desenvolver o alcoolismo.

SANTOS (1999), por exemplo, afirma que o consumo de álcool na categoria dos coletores de lixo domiciliar na cidade de São Paulo é considerado um problema, tanto pelos dirigentes sindicais, pelos representantes da CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Essa autora cita outros estudos realizados confirmam essa preocupação: SILVA (1973); MARQUES, CARMONA e MORAIS (1980); RUBBO (1983); ROBAZZI (1984); TOLOSA (1990); ANDRÉ (1994).

SELIGMANN-SILVA (1995) afirma que tem sido observada uma maior concentração de casos de alcoolismo em determinadas ocupações. Essa autora aponta para as atividades socialmente desprestigiadas e mesmo determinantes de certa rejeição por envolverem atos ou materiais considerados desagradáveis ou repugnantes, como mais favoráveis ao alcoolismo. Ela cita como exemplo os trabalhos em que haja contato com cadáveres, lixo ou dejetos em geral; apreensão e sacrifício de cães. Continua afirmando que é importante evitar que estes trabalhadores venham a se identificar com os materiais “sujos” ou mortos com os quais entram em contato ao longo de suas jornadas de trabalho. Segundo ela, é dessa identificação e/ou dessas humilhações vivenciadas no trabalho que nasce a auto-agressão ou a raiva canalizadas através do uso da bebida.

Além disso, o risco de alcoolismo costuma ser tanto maior quanto menor a expectativa de qualificação futura e de progressão na carreira.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE (2001) coloca o trabalho como sendo um dos fatores psicossociais de risco para alcoolismo crônico. Algumas atividades podem levar ao consumo coletivo de bebidas alcoólicas relacionado a situações de trabalho.

O álcool também seria um meio de garantir a inclusão no grupo e ainda, uma forma de viabilizar o próprio trabalho, em decorrência de seus efeitos farmacológicos como: calmante, estimulante, relaxante, indutor do sono, anestésico e anti-séptico. Nessa referência do Ministério da Saúde, destacam-se as atividades desprestigiadas (já citadas anteriormente), além daquelas em que a tensão é constante e elevada como as situações de trabalho perigoso (transporte coletivo, estabelecimentos bancários, construção civil).

Entendemos que a coleta de lixo domiciliar também poderia figurar entre essas atividades, considerando, por exemplo, o risco de atropelamento a que os garis estão expostos, no cotidiano do trabalho.

São citadas outras atividades em que o trabalho é monótono, gerando tédio, as de grande densidade de atividade mental (estabelecimentos bancários e comerciais), situações de trabalho que envolvem afastamento prolongado do lar (viagens constantes, plataformas marítimas, zonas de mineração) e as que a pessoa trabalha em isolamento do convívio humano como os vigias.

O manual considera também como alcoolismo relacionado ao trabalho, aqueles quadros desencadeados, mantidos ou agravados no contexto laboral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida dessa investigação foram os dados estatísticos do Programa de Prevenção ao Abuso de Álcool da SLU que apontavam o gari III como a categoria de maior freqüência no programa.

O caminho percorrido partiu da compreensão do trabalho e da relação do sujeito com o mesmo, a fim de explicitar em que medida a atividade de limpeza urbana influenciou a forma pela qual os trabalhadores envolvidos nos dois estudos de caso desenvolveram a dependência de bebida alcoólica e como se deu a entrada em abstinência. Buscou-se compreender o processo desde o início do uso de álcool, passando pelas mudanças de comportamento com relação a si mesmo, ao grupo e ao trabalho, até o momento da abstinência.

O que encontramos foi que a atividade de gari III apresentou, de forma significativa, características que favorecem não somente o uso, mas o abuso de álcool.

A relação com a sociedade, a rede social que estabelecem, são necessárias para a realização da atividade, mas também são permeadas pelo álcool. O trabalho na rua proporciona o contato direto com a população, favorece as mais diversas trocas, inclusive, aquelas que envolvem o álcool. Uma característica fundamentalmente importante nessa categoria profissional, e intrínseca à natureza

do trabalho, é que a atividade acontece na rua, no espaço público, o que possibilita ao trabalhador uma multiplicidade de encontros e desencontros, favorecendo uma idéia de total liberdade que apareceu com muita freqüência nessa pesquisa.

Aparentemente, o espaço da rua apresenta-se como oposto ao espaço fechado da organização, onde as possibilidades de escolhas e alternativas são mais limitadas pelos controles da organização, por exemplo, os trabalhadores estão muito mais submetidos aos controles da chefia. Na rua, o controle é exercido pela população, que conhece horários da coleta, que exige qualidade e até mesmo pela própria guarnição, que mantém regras que vão regulamentar o seu funcionamento.

Outra característica é a autonomia da guarnição na determinação da atividade, com seus códigos e segredos que não apareceram totalmente durante as nossas observações, mas que ficaram claras nas entrevistas individuais, como o que de fato prevalece.

O que notamos nesta pesquisa é que a atividade de coleta demanda necessariamente um grupo coeso onde todos devem estar atentos não só às suas próprias ações, mas às de seus colegas de trabalho. Vemos isso nas diversas situações do cotidiano que ameaçam a integridade física dos garis, como é o caso do acidente de trabalho por atropelamento, ou seja, durante a jornada de trabalho, é como se um ficasse, de certo modo, “na mão do outro”.

Essa condição é determinante para a atividade de coleta de lixo acontecer, mas por outro lado, impõe a regulação do comportamento dos indivíduos que fazem parte do grupo, através de normas ou regras informais que não devem ser quebradas.

No nosso entendimento, o controle exercido pelos membros da guarnição, foi um elemento importante no comportamento dos sujeitos dessa pesquisa em relação ao álcool.

Ao contrário do que imaginávamos, a noção de uso abusivo de álcool no trabalho, não é definida somente pela empresa (chefia), mas também pelos componentes da guarnição, que levam em consideração aspectos relativos à realização da atividade. “*O cara pode beber, mas não pode atrapalhar o funcionamento da guarnição. O trabalho tem que sair*”. (entrevista de campo).

Uma outra questão que apareceu, nas observações de campo e que foi aprofundada nas entrevistas, foi que com o passar dos anos, quando o trabalhador já não consegue mais “regular” a quantidade de álcool e apresentava sinais de

dependência, a guarnição passou a recusar a trabalhar com ele. O servidor ficava na condição de reserva, saindo para o trecho somente em último caso. Ou seja, as relações estabelecidas no interior de cada guarnição, podem favorecer o uso do álcool, mas essas mesmas relações atuam como “freios” diante do abuso.

Assim, uma das formas que o grupo dispõe para exercer pressão, seja para beber ou para não beber, são as “gozações”, que, geralmente, tocam em valores importantes como virilidade e força.

Outro aspecto a que esses trabalhadores estão sujeitos, constitui na facilidade de acesso ao álcool que acontece, por exemplo, na sua relação com os donos dos bares. Enquanto estão na coleta, a pinga é de graça, mas “tirou o uniforme, tem que pagar”.

ARAÚJO e CAMPANA (1987) relacionam em seus estudos, o consumo de álcool com as profissões e apontam cinco condições que estimulam o “beber”. Uma delas, seria o fácil acesso ao álcool e vimos que, no caso dos coletores, isso ocorre.

Uma outra condição, associada a essa categoria de trabalhadores, é o álcool entrando como “pagamento” dos favores prestados e como forma de introduzir esses indivíduos num determinado círculo social.

Existe também um processo de “naturalização” do beber, que responde a uma idéia recorrente de que a única forma de dar conta desse trabalho é utilizando-se do álcool. Nas relações sociais que esse trabalhador estabelece, a bebida vai exercer um papel de facilitador dos contatos entre as pessoas, seja para desinibir, para entabular uma conversação, como uma forma de obter reconhecimento, e em algumas situações, “perder a vergonha” do trabalho.

GAULEJAC (2006) afirma que a decadência “pública”, a vergonha de si mesmo é produzida pelo olhar do outro, que traz uma avaliação negativa de sua existência; olhar que é reatualizado cada vez que o sujeito enfrenta uma situação de rejeição e estigmatização. Ele fala também da vergonha corporal: estar sujo, mal vestido, cheirar mal, ter uma deficiência física... quando o corpo é pego no contra-pé, quando se é único em sua espécie, não é como os outros: gordo demais, magro demais, baixo demais, alto demais; surdo, mudo, caolho, maneta... mas também quando se é negro em meio aos brancos, ruivo em meio aos morenos ou louros, em todas as situações em que a característica corporal o faz ser observado e quase sempre estigmatizado.

Embora o que apareceu nesta pesquisa não tenha sido suficiente para responder por que alguns trabalhadores bebem e outros não, mesmo realizando atividades semelhantes, acreditamos ter conseguido explicitar alguns mediadores importantes entre o trabalho do Gari III e o uso do álcool. Os mais significativos foram, álcool para enfrentar as condições climáticas, o mal cheiro e da proximidade com o lixo urbano no momento da coleta e para enfrentar o sentimento de vergonha, a timidez e o estigma social.

No entanto, embora esta pesquisa aponte fatores como as condições de trabalho, capazes de influenciar no consumo de álcool, não é possível afirmar que as mudanças nessas condições influenciariam, na mesma medida, para a entrada em abstinência.

Não foi possível também explicitar com clareza a forma pela qual as redes se constituem no trabalho dos garis, ainda assim, entendemos que esse seja um fator importante na determinação do comportamento em relação ao álcool.

A partir das análises da atividade, começaram a aparecer questões que nos surpreenderam, como a regulação da quantidade de álcool que o gari III consome durante a jornada de trabalho. Vimos que tal regulação é feita pela guarnição, levando em consideração a realização da coleta.

É evidente, que a maioria das pessoas que têm contato com o álcool, não irão desenvolver a doença, mas também é claro que, em alguns casos esse encontro traz conseqüências muito sérias em todos os campos de sua vida.

Não devemos esquecer que uma característica importante dessa doença é o seu “mimetismo” que mistura em proporções semelhantes características individuais (biológicas e psicológicas) e sociais, dificultando o seu diagnóstico e confundindo tanto aqueles que têm problemas com o uso do álcool, quanto os profissionais que se propõem intervir nessa situação.

Por fim, o que ficou evidente nos casos estudados, é que algumas pessoas que vivenciam o encontro com o álcool, podem, em um determinado momento de suas vidas, retomando a fala de Carlos, *“trocar água por álcool, ainda que estejam com sede”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Júlia Issy & PINHO, Lúcia Moura **Teoria e prática ergonômica: seus limites e possibilidades** disponível em: <http://www.ergonomia.com.br>

ANDRADE, A.G.; HIRATA, E.S.; SILVEIRA, M.M. & BERNICK, M.A. _ Proposição de metodologia para avaliação da eficácia terapêutica em alcoólatras _ *J Bras Psiq* 34: 47-54, 1986.

ANDRÉ, Lúcia Márcia. **Heróis da lama: sobrecarga emocional e estratégias defensivas no trabalho de limpeza pública**. Dissertação (Mestrado em Prática de Saúde Pública) FSP-USP, São Paulo, 1994. In: SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: ambigüidade do trabalho na rua**. Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Superintendência de Limpeza Urbana. **Limpeza Urbana na Belo Horizonte Centenária**. Belo Horizonte. 2000. P.67 Ed. Autêntica
Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

CAMPANA, Ângelo Américo Martinez. **Álcool e empresas**. IN: RAMOS, Sérgio de Paula. **Alcoolismo Hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997 p.233-240.

CAMPBELL, Drusilla e GRAHAM, Marilyn. **Drogas e álcool no local de trabalho**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda. 1991.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro** - Ed. Itatiaia- 1984.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Prelúdio da cachaça: etiologia, história e sociologia da aguardente no Brasil**. Belo Horizonte. Livraria Itatiaia, 1986.

CLOT, Yves. **A Função Psicológica do Trabalho**. Tradução: Maria Elizabeth Antunes Lima. Vozes: São Paulo, 2006.

CLOT, Yves. **Clínica da Atividade, Clínica do Real**. Tradução: Cláudia Osório, Kátia Santorum e Suyanna Barker, 2001.

CODO, Wanderley. **Psicopatologia do trabalho**. in: CODO, Wanderley (org.) **O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

CRUZ, Marcelo Santos. **Considerações sobre possíveis razões para a resistência às estratégias de redução de danos**. in: CIRINO, Oscar & MEDEIROS, Regina (orgs.) **Álcool e outras drogas: escolhas impasses e saídas possíveis**. Belo Horizonte : Autêntica, 2006

CUNHA, A.G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Editor Nova Fronteira S.A 1982, p. 478

DANIELLOU, F. LAVILLE, A. TEIGER, C. **Ficção e Realidade do Trabalho Operário** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional – Vol.17 N.68/out.nov.dez. 1989 p.7.

DEJOURS, Cristophe. **A loucura do trabalho. Estudos de psicopatologia do trabalho**. Ed. Cotez. São Paulo, 1992.

DIAS, Elizabeth Costa; colaboradores ALMEIDA, Muniz et. al. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para serviços de saúde**.

FONTES, C. *Métodos Biográficos* disponível em: <http://www.educar.no.sapo.pt>-Navegando na Educação.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras visões do Rio de Janeiro Colonial**. Ed. José Olympio. 2000. Rio de Janeiro.

FREITAS, M.T.A **Baktin e a psicologia**. In FARACO, C.A et. Al. Diálogos com Baktin. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996. pág. 165- 187.

GAULEJAC, Vicent de. **As origens da vergonha**. Ed. Via Lettera, São Paulo. 2003.

GOULART, I.B. **Psicologia Organizacional e do Trabalho: Teoria Pesquisa e Temas Correlatos**. *Casa do Psicólogo - São Paulo – 2002 . p.123 - 132*

GRIFFITH, Edwards. **O tratamento do alcoolismo**. Ed. Martins Fontes, São Paulo. 1987.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva. 2001 p. 1774.

ISSY, Júlia & PINTO, Diana Lúcia Moura. **Teoria e práticas ergonômicas: seus limites e possibilidades**. Universidade de Brasília - UNB - Brasília, 1999.

KANTOR, István Jancsó Íris (orgs) **Festa cultura e sociabilidade na América portuguesa**.

LARANGEIRAS, Ronaldo & NICASTRI, Sérgio **Abuso e dependência de álcool e drogas**, in ALMEIDA, O.L; DRACTU, L. & LARANGEIRAS, R (Ed.) Manual de Psiquiatria (p. 83-112). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

LARANJEIRA, Ronaldo & PINSKY, Ilana. **O alcoolismo**. São Paulo. Ed. Contexto, 2001 – (Conhecer & Enfrentar).

LEME, Paulo de Abreu. **D. A: a doença**. Ed. I. Editora. São Paulo, 2003.

LIMA, M.E.A. (org.) **Escritos de Louis Le Guillant da ergoterapia à psicopatologia do trabalho – Petrópolis Rio de Janeiro - Vozes 2006.p.331 e 348**.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. **A relação entre distúrbio mental e trabalho: evidencias epidemiológicas recentes**. IN: CODO, Wanderley (org.) **O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. **Pesquisa em Saúde Mental e Trabalho in TAMOYO, A. ANDRADE**.

MARLATT, Alan & GORDON, Judith. **Prevenção à recaída.** Ed. Artmed, Porto Alegre. 1993.

MARQUES, E.; CARMONA,G.;MORAES, L.C. **Prevenção de acidentes nos servidores públicos em geral.** In: Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho. São Paulo, 1980. In: SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: ambigüidade do trabalho na rua.** Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL **Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de procedimentos para os serviços de saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

NOGUEIRA, Cristina Sandra Pinelli. **A família na toxicomania.** in: CIRINO, Oscar & MEDEIROS, Regina (orgs.) **Álcool e outras drogas: escolhas impasses e saídas possíveis.** Belo Horizonte : Autêntica, 2006.

OLIEVENSTEIN, Claude. **Uma interrogação sobre a Dependencia** in:CRUZ, Marcelo Santos; BAPTISTA, Marcos; MATIAS, Regiana. **Drogas e Pos modernidade: prazer sofrimento tabu.** Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2003.

PULCHERIO, Gilda; BICCA,Carla; SILVA, Fernando Amarante (org.) **Álcool, outras drogas & informação o que cada profissional precisa saber.** Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2002.

RAMOS, Sérgio de Paula & BERTOLOTE, José Manuel. **Alcoolismo hoje.** Ed. Artemed. Porto Alegre,1997.

ROBAZZI, Maria L.C.C e BECHELLI, Maria H.M. **Coletores de lixo: estudo de afastamento de serviço por problemas de saúde.** Revista Brasileira de saúde Ocupacional. v.13, 50 abril/maio/junho.1985. In: SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: ambigüidade do trabalho na rua.** Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

RUBBO, Júlio. **Doenças determinantes da aposentadoria dos servidores da coleta de lixo domiciliar em Porto Alegre.** Poá. UFRGS, 1983. In: SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: ambigüidade do trabalho na rua.** Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo:ambigüidade do trabalho na rua.** Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

SILVA, E. S. **A Inter-Relação Trabalho Saúde Mental: Um Estudo de Caso** *Revista de Administração de Empresa-RAE Set.out. 1992.*

SILVA, Edith Seligmann In: MENDES, René (org.) **patologia do trabalho**. Ed. Atheneu. Rio de Janeiro, 1995.

SILVA, Fabiana Barggiona de Oliveira e **A relação entre o uso de álcool e o trabalho na construção civil** Dissertação para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social - UFMG Orientadora Professora Elizabeth Antunes Lima Belo Horizonte - 2006.

SILVA, Lígia M.B. e CARVALHO, Arlene S. **Acidentes em limpeza Urbana na Guanabara**. In: Congresso Nacional de Prevenção de acidentes de trabalho. São Paulo, 1974 In: SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: ambigüidade do trabalho na rua**. Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

SUPERINTENDÊNCIA DE LIMPEZA URBANA - REGULAMENTO DE LIMPEZA URBANA DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE – 1978.

TOLOSA, Dora E. Rodrigues. **Avaliação das condições de trabalho dos servidores braçais da prefeitura municipal de Botucatu: levantamento das condições de risco e estudo de morbidade, 1987**. Dissertação (Mestrado em Medicina) UNICAMP, Campinas, 1990. In:

SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. **Coletores de lixo: ambigüidade do trabalho na rua**. Ed.Fundacentro, São Paulo. 1999.

TORRES, Adelina Vieira. **Compulsão no acolhimento de usuários de álcool e outras drogas**. IN: CIRINO, Oscar & MEDEIROS, Regina (orgs.) **Álcool e outras drogas: escolhas impasses e saídas possíveis**.

VAISSMAN, Magda. **Alcoolismo no trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda. 2004.

VENÂNCIO, Renato Pinto & CARNEIRO, Henrique (org.) **álcool e drogas na historia do Brasil**.

VENÂNCIO, Renato Pinto & CARNEIRO, Henrique (org.) **álcool e drogas na historia do Brasil**. SILVA, Maria B. N (coord.) **dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil**. Lisboa Ed. Verbo 1994. Vol.II. Ed. Edusp São Paulo 2001 pág. 883

VYGOTSKY, Lev Semynovitch. **A formação social da mente**. Ed. Martins Fontes, São Paulo. 1984.

ANEXOS

ANEXO: I

PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE ÁLCOOL - ENTREVISTA

DATA: __/__/__

IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____

MATRÍCULA: _____ **UNIDADE FUNCIONAL:** _____

CARGO: _____ **FUNÇÃO:** _____

ADMISSÃO: _____ **NASCIMENTO:** _____

NATURALIDADE: _____ **ESCOLARIDADE:** _____

ASPECTO PROFISSIONAL

1- EXPERIÊNCIA ANTERIOR:

CARGO: _____ **PERÍODO:** _____

MOTIVO DO DESLIGAMENTO:

RELACIONAMENTO: _____

COM OS COLEGAS: _____

COM A CHEFIA: _____

PARECER SOBRE A PROFISSÃO: _____

2- EXPERIÊNCIA DA S.L. U:

TEMPO QUE EXERCE ESSE CARGO: _____

RELACIONAMENTO: _____
COM OS COLEGAS: _____

COM A CHEFIA: _____

**AS SUAS RELAÇÕES DE TRABALHO INFLUENCIAM NO SEU CONSUMO DE
ÁLCOOL? SIM__ NÃO__**

COMO? _____

SIGNIFICADO DO TRABALHO: _____

ASPECTO DE SAÚDE

1- MEDICAÇÃO:

TIPO: _____ **TEMPO:** _____

MOTIVO: _____

VOCÊ TEM BOM APETITE? SIM__ NÃO__

**PERCEBE DIFERENÇA NO APETITE QUANDO BEBE E QUANDO NÃO BEBE?
SIM__ NÃO__**

**ALGUMA VEZ VOCÊ SENTIU QUE DEVERIA DIMINUIR A QUANTIDADE DE
BEBIDA OU PARAR DE BEBER?** _____

**TEM FACILIDADE EM FAZER AMIZADES FORA DO AMBIENTE DE
TRABALHO?** _____

A RELAÇÃO COM OS COLEGAS PASSA PELA BEBIDA? _____

**AS PESSOAS O ABORRECEM PORQUE CRITICAM O SEU MODO DE BEBER?
SIM__ NÃO__**

O QUE FAZ QUANDO ISSO ACONTECE? _____

VOCÊ DORME BEM Á NOITE? SIM__ NÃO__

VOCÊ COSTUMA DORMIR DE MANHÃ PARA DIMINUIR O NERVOSISMO OU
RESSACA? SIM__ NÃO__

VOCÊ SE SENTE CULPADO PELA MANEIRA COM QUE COSTUMA
BEBER? _____

ASPECTO FAMILIAR:

ESTADO CIVIL: __ CASADO __ SOLTEIRO __ DIVORCIADO __ AMASIADO

HÁ QUANTO TEMPO? _____

NOME DO PARCEIRO (A): _____

IDADE: _____ PROFISSÃO: _____

TEM FILHOS? SIM__ NÃO__ QUAIS IDADES? _____

RELACIONAMENTO

COM O PARCEIRO (A): _____

COM OS FILHOS: _____

TEM DIFERENÇA NO RELACIONAMENTO COM OS FILHOS, QUANDO VOCÊ
BEBE E QUANDO VOCÊ NÃO BEBE? SIM__ NÃO__

COMO? _____

COM O PAI: _____

COM A MÃE: _____

MORA COM A FAMÍLIA? SIM ___ NÃO ___

LOCAL QUE VOCÊ MORA É DIVIDIDO COM ALGUÉM? SIM ___ NÃO ___

COMO É A SUA RELAÇÃO COM ELA? _____

COMO SUA FAMÍLIA REAGE QUANDO VOCÊ BEBE? _____

ASPECTO SÓCIO-ECONÔMICO:

CASA PRÓPRIA: SIM ___ NÃO ___

PARCEIRO CONTRIBUI NA RENDA FAMILIAR? SIM ___ NÃO ___

QUANTO: 50% ___ MENOS 50% ___ MAIS 50% ___

MAIS ALGUÉM? SIM ___ NÃO ___ DE QUE FORMA? _____

LAZER:

COMO USA SEU TEMPO LIVRE? _____

TEM AMIGOS? SIM ___ NÃO ___

COMO É O RELACIONAMENTO? _____

ENCAMINHADO A _____

PRÓXIMA ENTREVISTA: ___ / ___ / ___

6-A FAMÍLIA COSTUMA REUNIR-SE PARA COMEMORAR DATAS ESPECIAIS?

Como estas reuniões acontecem? (As despesas são divididas e ocorrem normalmente na casa de quem?) Qual bebida de preferência da família? E do servidor? Você se lembra de alguma festa que foi inesquecível? Por quê?

7-COMO É O RELACIONAMENTO DA FAMÍLIA COM OS VIZINHOS?

8-VOCÊ PERCEBE SE O SERVIDOR SENTE-SE INCOMODADO COM COMENTÁRIOS QUE SURGEM DEVIDO AO SEU HÁBITO DE BEBER?

9-COMO É O HÁBITO DE BEBER DO SERVIDOR? SOZINHO, COM COLEGAS DE TRABALHO, VIZINHOS, FAMÍLIA? EM QUE LOCAL?

10-VOCÊ ACHA QUE O HÁBITO DE BEBER COMPROMETE O ORÇAMENTO FAMILIAR? COMO?

11-COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO AO HÁBITO DE BEBER DO SERVIDOR?(OBSERVAR SENTIMENTOS DE MÁGOA, VERGONHA, TRISTEZA, PENA, ETC.).

12-JÁ HOUVE ALGUMA TENTATIVA DE TRATAMENTO POR PARTE DOS FAMILIARES?(PARTICIPAÇÃO NO AL-ANON, AA, BUSCA DE AJUDA NA RELIGIÃO, EM IGREJAS, CENTROS ESPIRITAS, ETC.).

13-COMO É A RELIGIOSIDADE DA FAMÍLIA?

14-QUAIS MUDANÇAS VOCÊ TEM OBSERVADO NO COMPORTAMENTO DO SERVIDOR DEPOIS DE SUA PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA?(OBSERVAR HIGIENE PESSOAL, ALIMENTAÇÃO, CONTROLE DA SITUAÇÃO FINANCEIRA E COMO ESTÁ ENFRENTANDO A ABSTINÊNCIA ALCOÓLICA).

15-QUE VOCÊ ESPERA EM RELAÇÃO AO TRATAMENTO DO SERVIDOR? E QUAL A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NESTE PROCESSO?

PARECER SOCIAL: (Identificar o grau de envolvimento da família com o tratamento do servidor, bem como descrever as características emocionais da entrevistada, a fim de detectar a necessidade de tratamento desta).

ANEXO: I V

Apresentamos a seguir alguns dados estatísticos dos atendimentos do PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE ÁLCOOL desde a sua criação.

Salientamos que os cargos de Gari I – É o trabalhador responsável pela varrição.

Gari II – Responsável pela coleta de lixo da varrição e coleta de vilas e favelas.

Gari III – Responsável pela coleta de lixo domiciliar.

ANO 1995 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO(%)
GARI II	227	4	1,77
GARI III	297	6	2,03
MOTORISTA	121	2	1,66
OFICIAL SERVIÇOS	25	1	4
FISCAL DE PATIO	16	1	6,25
TOTAL	686	14	2,05
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 1996 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	863	4	0,47
GARI II	256	14	5,47
GARI III	374	22	5,89
MONITOR	248	3	1,21
MOTORISTA	150	2	1,33
AUX. MANUTENÇÃO	20	2	10
OFICIAL SERVIÇOS	27	1	3,71
AUX. SERV.	76	1	1,32
FISCAL DE PATIO	17	1	5,89
TOTAL	2031	50	2,46
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 1997 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	1003	13	1,3
GARI II	271	17	6,28
GARI III	427	33	7,73
MONITOR	271	5	1,85
MOTORISTA	147	5	3,4
AUX. MANUTENÇÃO	25	2	8
AUX. SERV.	90	9	10
FISCAL DE PATIO	18	1	5,55
TEC. SEGURANÇA	8	2	25
ENCARREGADO	73	2	2,74
ADMINISTRATIVO	398	2	0,51
TOTAL	2731	91	3,34
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 1998 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	911	18	1,98
GARI II	264	20	7,58
GARI III	403	42	10,43
MONITOR	268	10	3,73
MOTORISTA	152	6	3,95
AUX. MANUTENÇÃO	22	5	22,73
AUX. SERV.	82	6	7,32
FISCAL DE PATIO	19	2	10,52
ENCARREGADO	69	2	2,9
TOTAL	2190	111	5,06
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 1999 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	945	22	2,33
GARI II	262	25	9,54
GARI III	409	67	16,38
MONITOR	270	9	3,33
MOTORISTA	139	5	3,6
AUX. MANUTENÇÃO	22	7	31,82
OFICIAL SERVIÇOS	23	1	4,35
AUX. SERV.	82	3	3,66
TÉC. SEG. TRAB.	10	1	10
ADMINISTRATIVO	428	1	0,34
FISCAL DE PATIO	19	2	10,53
ENCARREGADO	80	1	1,25
TOTAL	2689	144	5,36
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2000 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	896	19	2,12
GARI II	253	26	10,28
GARI III	407	60	14,74
MONITOR	265	10	3,77
MOTORISTA	144	5	3,47
AUX. MANUTENÇÃO	22	15	68,18
OFICIAL SERVIÇOS	26	1	3,85
AUX. SERV.	80	1	1,25
TÉC. SEG. TRAB.	10	1	10
FISCAL DE PATIO	21	2	9,52
ENCARREGADO	75	2	2,77
TOTAL	2199	142	6,46
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2001 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	859	17	1,98
GARI II	245	23	9,39
GARI III	394	47	11,93
MONITOR	248	8	3,23
MOTORISTA	133	6	4,51
AUX. MANUTENÇÃO	22	8	36,36
AUX. SERV.	85	4	4,7
FISCAL DE PATIO	20	1	5
TEC. SEG, TRABALHO	10	1	10
ENCARREGADO	70	2	2,86
TOTAL	2086	115	5,51
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2002 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	828	18	2,74
GARI II	238	20	8,4
GARI III	381	25	6,56
MONITOR	238	5	2,1
MOTORISTA II	129	1	0,77
AUX. MANUTENÇÃO	22	6	27,27
AUX. SERVIÇO	79	2	2,53
FISCAL DE PATIO	20	1	5
ADMINISTRATIVO	364	3	0,82
TOTAL	2299	78	3,41
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2003 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	789	16	2,03
GARI II	227	17	7,49
GARI III	366	28	7,65
MONITOR	224	6	2,68
MOTORISTA	120	2	1,67
AUX. MANUTENÇÃO	22	5	22,73
AUX. SERV.	73	1	1,37
ADMINISTRATIVO	352	1	0,28
TÉC. SEG. TRAB.	9	1	11,11
FISCAL DE PATIO	19	1	5,26
TOTAL	2201	78	3,54
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2004 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	775	28	3,61
GARI II	216	12	5,55
GARI III	353	30	8,5
MONITOR	213	8	3,76
MOTORISTA	112	10	8,92
ADMINISTRATIVO	323	1	0,31
TÉC. SEG. TRAB.	9	1	11,11
TOTAL	2001	90	4,5
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2005 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	797	17	2,13
GARI II	226	13	5,75
GARI III	360	26	7,22
MONITOR	223	4	1,8
MOTORISTA	123	1	0,81
AUX. MANUTENÇÃO	22	6	27,27
OFICIAL SERVIÇOS	10	1	10
TÉC. SEG. TRAB.	9	1	11,11
AUX. SERV.	70	1	1,43
FISCAL DE PATIO	19	1	5,26
ENCARREGADO	60	1	1,67
TOTAL	1919	72	3,75
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			

ANO 2006 PPAA			
CARGO	TOTAL SERVIDORES SLU/CARGO	Nº ATENDIDOS PPAA	ATENDIMENTO X CARGO (%)
GARI I	736	18	2,45
GARI II	204	12	5,88
GARI III	310	18	5,8
MONITOR	192	4	2,08
AUX. MANUTENÇÃO	100	5	20
AUX. SERV.	70	1	1,43
FISCAL DE PATIO	18	1	5,55
TÉC. SEG. TRAB.	9	1	11,11
ENCARREGADO	50	1	2
TOTAL	1689	61	3,61
Fonte: arquivos da psicologia e MRG-SLU			